



Instituto Politécnico de Portalegre  
Escola Superior de Educação

## **Na Demanda do Graal em Portalegre**

O sentido educativo e social do Projecto Promoção Humana e Evangelização desenvolvido na década de sessenta e setenta do século XX em Portalegre

Professora Orientadora: Doutora Maria João Mogarro

Mestrado em Formação de Adultos e  
Desenvolvimento Local

**Cidália de Jesus Caldeira Pereira Cordeiro**  
Portalegre 2012



Instituto Politécnico de Portalegre  
Escola Superior de Educação

## **Na Demanda do Graal em Portalegre**

O sentido educativo e social do Projecto Promoção Humana e Evangelização desenvolvido na década de sessenta e setenta do século XX em Portalegre

## **DISSERTAÇÃO**

Professora Orientadora: Doutora Maria João Mogarro

**Cidália de Jesus Caldeira Pereira Cordeiro**  
Portalegre 2012

Dissertação de Mestrado  
**Na Demanda do Graal em Portalegre**

---

Dissertação apresentada para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João Mogarro.

Dissertação de Mestrado  
**Na Demanda do Graal em Portalegre**

---



## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria João Mogarro pelo incentivo, competência e confiança demonstrada.

Aos meus filhos e marido pela disponibilidade, ajuda e amor incondicional.

Aos meus santos pais pela sua imensa bondade.

Ao meu irmão e à Ana Maria, sempre prontos a ajudar.

Às minhas amigas e colegas de jornada, Olímpia e Vera.

À D. Maria do Carmo Ferreira, voz da minha consciência.

Aos meus entrevistados pela simpatia, abertura e ideias partilhadas.

À Maria Carlos e à Educadora Ondina pelos caminhos que me abriram.

À Teresa e ao Joaquim pela sua imensa ajuda.

Ficam as palavras do filósofo:

“Aprendamos a chamar irmão ao nosso irmão e façamos apelo ao nosso maior esforço para que não se quebre a atitude fraternal, para que não se perca o dom de amor, para que não cerre o coração...”

Agostinho da Silva

**Resumo:**

Este trabalho visa compreender a acção empreendida por um grupo de mulheres que na década de sessenta e setenta do século vinte, em Portalegre e nos seus arredores, teve a coragem de realizar uma experiência piloto que veio cimentar o desenvolvimento local, intervindo a nível social, cultural e cristão, por via de uma educação emancipadora.

O Projecto Promoção Humana e Evangelização constituiu-se como um “laboratório vivo” de experiência social. Contribuiu para o despertar da identidade cultural de uma região, contrariando desta forma a sua interioridade e o seu isolamento. A acção do Graal em Portalegre veio conferir uma orientação inédita e criadora aos problemas sociais quando defendeu, através de uma pedagogia da “conscientização”, que cada indivíduo se deveria assumir livre e criticamente no seio da comunidade em que vive. Procurava-se fomentar uma cidadania comprometida e empreendedora.

Tratou-se de um passo pioneiro em Portugal que assentou num forte compromisso com os mais desfavorecidos, iluminado por um resistente, intenso amor a Cristo.

Por último, este trabalho propõe-se evidenciar a actualidade e a pertinência da acção do Movimento Graal em Portalegre, mais especificamente do Projecto Promoção Humana e Evangelização, como uma experiência que, apesar dos seus cinquenta anos de existência, pelo seu discurso e dinamismo, continua hoje a ser oportuna e actual.

**Conceitos:** Educação transformada e transformadora; igualdade de género; plano de alfabetização de adultos; evangelização das populações rurais; desenvolvimento comunitário.

**Abstract:**

This thesis aims at understanding the action taken by a group of women who, during the 1960s and 1970s, in Portalegre and its outskirts, had the courage to carry out a pilot experience which consolidated local development, by intervening at social, cultural and Christian levels, through an emancipating education.

The Human Promotion and Evangelisation Project established itself as a social experience “living laboratory”. It contributed to the awakening of the cultural identity of a region, thus countering its isolation. The action of the Graal in Portalegre gave a unprecedented and creative direction to social problems, when it defended, by way of an “awareness” pedagogy, that each individual should establish himself free and critically within the community where he lives. It aimed at fostering a committed citizenship.

This was a pioneering step in Portugal, based upon a strong commitment to the most disadvantaged groups, guided by an unfailing love for Christ.

Finally, this thesis proposes to highlight the timeliness and relevance of the action taken by the Graal movement in Portalegre, and more specifically by the Human Promotion and Evangelisation Project, as an experiment that despite its experience of fifty years, and thanks to its message and dynamism, is still appropriate and relevant.

**Key concepts:** Transformed and transforming education; gender equality; adult literacy plan; evangelisation of rural populations; community development.

## ÍNDICE GERAL

<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>ix</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 Objectivos do trabalho e conceitos-chave .....	2
1.2 Justificação do tema.....	4
1.3 Metodologia: tipo de estudo, fundamentação e instrumentos de recolha de dados .....	7
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
2.1 As dinâmicas político-culturais da década de 60 e 70 do século passado .....	11
2.2 Associativismo e desenvolvimento local: que relação?.....	14
2.3 O papel da educação como um espaço de “conscientização” e libertação face ao sentido de escola do Estado Novo.....	17
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>OBJECTO DE ESTUDO .....</b>	<b>22</b>
3.1 A génese do movimento em Portugal .....	23
3.2 Os caminhos do Graal: de Lisboa para Portalegre.....	25
3.3 Os valores subjacentes à génese do Movimento Graal em Portugal .....	26
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>30</b>
4.1 Do largo do Paço para a rua dos Canasteiros: percursos do movimento sob o olhar de um dos seus “colaborantes” .....	31
4.2 O Projecto Promoção Humana e Evangelização na sua vertente educativa, social e evangelizadora: segundo uma análise cronológica dos seus relatórios .....	35
4.3 Rostos do Movimento em Portalegre: Teresinha Tavares Ema Brazão e Rosa Cruz.....	48
4.3.1 Um projecto de vida: Teresinha Tavares .....	48
4.3.2 Rosa Cruz, o Graal uma família .....	54
4.3.3 Uma experiência de vida: Ema Brazão .....	58
4.4 Pequenos grandes frutos do Projecto Promoção Humana e Evangelização .....	60
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
5.1 O sentido projectivo do movimento e em particular do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo como uma das figuras titulares do Movimento.....	66
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS:.....</b>	<b>78</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - A educação como espaço de mudança e libertação.....	17
Figura 2 - "A educação como prática da liberdade" .....	26
Figura 3 - Cartaz com os objectivos do Projecto .....	35
Figura 4 - Cursos de Formação feminina .....	40
Figura 5 - Era necessário criar condições para promover as pessoas.....	55
Figura 6 - O teatro e o cinema enquanto recursos pedagógicos.....	61
Figura 7 - Valorização do papel da mulher na sociedade .....	62
Figura 8 - Educar, uma prioridade para a vida .....	63

“Já será grande a tua obra se tiveres conseguido levar a tolerância ao espírito dos que vivem em volta; tolerância que não seja feita de indiferença, da cinzenta igualdade que o mundo apresenta aos olhos que não vêem e às mãos que não agem; tolerância que, afirmando o que pensa, ainda nas horas mais perigosas, se coíba de eliminar o adversário e tenha sempre presente a diferença das almas e dos hábitos.”

Agostinho da Silva

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

## 1.1 Objectivos do trabalho e conceitos-chave

A questão orientadora que gizará o caminho do nosso trabalho poderá expressar-se da seguinte forma: pode a educação ser o motor do crescimento reflexivo e interventivo dos sujeitos e consequentemente condição do desenvolvimento do meio social, cultural e comunitário envolvente?

Face a esta questão, a reflexão que visamos desenvolver, através do trabalho de investigação que nos propomos realizar, é que a Educação (na sua vertente formal e informal) deve ser um espaço de práticas de “conscientização” e, consequentemente, de libertação. Esta não tem que transmitir conteúdos autoritários ou estar ao serviço da pura economia mas deve ir, antes, ao encontro das pessoas e das suas necessidades.

A educação, e mais especificamente a educação de adultos, concludentemente é condição para a promoção do desenvolvimento local. Assim, é nosso propósito analisar o Movimento Graal, mais especificamente a sua acção em Portalegre nos anos 60 e 70 do século passado, procurando evidenciar o dinamismo de um Projecto que assentou em valores humanistas e cristãos e nos demonstrou como a valorização das dinâmicas locais conduzem a uma sociedade mais interventiva, equitativamente mais participada e justa. Um passo pioneiro em Portugal, que assentou num forte compromisso para com os mais desfavorecidos.

A noção de Democracia participativa espreitava este projecto.

Nesta linha de pensamento, os conceitos que procuramos clarificar ao longo do nosso trabalho são os seguintes:

- Mudança e transformação social
- Educação transformada e transformadora
- Promoção de um mundo mais justo
- Plano de alfabetização de adultos
- Palavras geradoras
- Melhoria de vida das populações
- Igualdade de género
- Evangelização das populações rurais
- Consciência e responsabilidade/ Conscientização
- Solidariedade
- Comunhão



- Cooperativismo
- Voluntariado
- Desenvolvimento comunitário
- Emancipação social

## 1.2 Justificação do tema

“ Tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber...” Mateus 25

Tendo em conta a temática do Mestrado, Formação de Adultos e Desenvolvimento Local, julgamos que a acção do Movimento Graal em Portalegre, na década de sessenta e setenta do século XX, e mais especificamente o Projecto Promoção Humana e Evangelização, objecto de análise do nosso trabalho, se apresenta como um exemplo bastante actual e fecundo, face ao que hoje se pode considerar ser uma acção interventiva em termos de promoção do desenvolvimento, diremos sustentável das populações locais.

Assim, o assentimento do tema por parte da Docente, Doutora Maria João Mogarro, e a consequente informação sobre o parco estudo relativo à actuação deste movimento a nível do concelho de Portalegre, nas décadas de 60 e 70 do século passado, e particularmente em aldeias limítrofes, tais como Alegrete e Urra, constituíram-se como fortes motivos justificadores da realização deste trabalho. Interesse acrescido por um gosto pessoal pela temática a estudar, despoletado pelo facto de termos tido o privilégio de conhecer, nos anos 80, alguns dos protagonistas deste Projecto.

Nesta linha de pensamento, dir-se-á que o Projecto Promoção Humana e Evangelização surge como uma experiência precursora na forma como atende ao local e às suas potencialidades, isto é, revela-se como uma experiência inovadora, em primeiro lugar, pela abordagem que defende de educação e mais especificamente pela forma como vivencia a educação de adultos: por outro lado, a sua intervenção ao nível social, claramente um convite a experiências crescentes de participação vividas por homens e mulheres, constitui-se também como inovadora. Finalmente, o sentido de fé que aclama é explicitamente novo, face ao contexto histórico e teológico em que emerge. Trata-se, em suma, de uma experiência com cinquenta anos mas que continua, pelo seu discurso e dinamismo, a ser fecunda e actual.

Importa ainda sublinhar que, ao longo da sua história, o Movimento Graal alicerça a sua acção em valores humanistas essenciais, tais como o altruísmo, a solidariedade, a cooperação, a igualdade e o bem-estar colectivo, que estão na base da crença de que será por via da educação que se alcança a optimização da qualidade de vida individual e social e a valorização das culturas comunitárias, como afirmámos anteriormente. Abre-se, então,

caminho à mudança em cada indivíduo e na comunidade, com vista à emancipação individual e social, através da “pedagogia da conscientização”, seguindo o método de Paulo Freire.<sup>1</sup>

De salientar que o Projecto Promoção Humana e Evangelização fundamenta a sua acção pedagógica no pensamento deste autor.

Na verdade, na concepção de Paulo Freire sobre a relação pedagógica, educador e educando movimentam-se no mesmo cenário, mas as diferenças entre eles acontecem “numa relação em que a liberdade do educando não é proibida de exercer-se”. Esta atitude não é, apenas pedagógica, mas sobretudo política. A educação é um momento do processo de humanização, um acto político, de conhecimento e de emancipação.

Paulo Freire revelou ao mundo uma educação muito para além da sala de aula e da educação formal, capaz não só de ensinar conteúdos e comportamentos socialmente esperados e aceites, mas sobretudo capaz de “conscientizar”.

“Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”. (Freire, 1996, p.30).

Diríamos que na demanda do Graal, ou seja, na procura do essencial, na busca de uma vida autêntica, o que verdadeiramente importa é mudar. Mudar para ser melhor cidadão, mais interventivo e crítico.

De forma a dar continuidade a esta primeira reflexão, propomo-nos a desenvolver, então, no nosso trabalho os seguintes objectivos:

- Demonstrar a importância do Desenvolvimento Local como um espaço que pressupõe e gera cidadãos reflexivos e empreendedores (prática de cidadania).
- Enquadrar o Projecto Promoção Humana e Evangelização na filosofia do Movimento Graal.
- Reconhecer os valores fundamentais do Projecto Promoção Humana e Evangelização empreendido pelo Movimento Graal no Concelho de Portalegre nos anos 60 e 70 do século passado, enquanto promoção da dignidade e da liberdade Humana.

---

<sup>1</sup> Paulo Freire foi um pedagogo brasileiro ligado aos movimentos libertadores do povo no Brasil.

<sup>2</sup> Ver anexos onde se encontram os guiões, bem como a transcrição das entrevistas realizadas.

Dissertação de Mestrado  
**Na Demanda do Graal em Portalegre**

---

- Contextualizar o movimento Graal no espaço histórico e social em que emergiu.
- Evidenciar a especificidade do Concelho de Portalegre na década de sessenta: a riqueza das suas gentes *versus* a fragilidade das suas condições sociais e económicas.
- Perspectivar o papel social e cristão da mulher, do ponto de vista do projecto.
- Compreender o sentido evangelizador do projecto (a afirmação de uma Igreja Profética construída por todos os baptizados).
- Sublinhar a vertente educativa do projecto e a inspiração na pedagogia de Paulo Freire.
- Evidenciar as mudanças sociais conquistadas.
- Demonstrar o carácter actual do projecto, 50 anos depois do seu nascimento: uma prática fomentadora do desenvolvimento local.

### 1.3 Metodologia: tipo de estudo, fundamentação e instrumentos de recolha de dados

“Ia e vinha  
E a cada coisa perguntava  
Que nome tinha.”

Sophia de Mello Breyner Andresen

No que concerne às estratégias metodológicas adoptadas, procurámos desenvolver o nosso estudo com base numa metodologia qualitativa sustentada por uma análise documental e pela realização de entrevistas. De sublinhar que adoptámos para a nossa reflexão os métodos qualitativos, o que se explica pela natureza do objecto estudado.

Numa primeira análise, procedemos a uma pesquisa bibliográfica de natureza diversa, que nos permitiu situar e contextualizar o nosso objecto de estudo. Introduzimos, pois, referências teóricas-metodológicas relacionadas com os conceitos de desenvolvimento local, de associativismo, cultura e educação. Esta pesquisa estendeu-se, também, a uma análise documental mais específica que envolveu consultas em diversos arquivos históricos que passamos a citar:

- Centro de Documentação da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Fundação Cuidar o Futuro
- Fundação Betânia
- Arquivo do Jornal Distrito de Portalegre de 1963 a 1971

Na área dos arquivos específicos, é de destacar:

- Centro de Documentação do Graal: -Relatórios do Graal de 1964 a 1971  
-Fotografias e cartazes.

Todo este processo foi-se traçando por via de alguns contributos informais que permitiram o abrir de portas essenciais para o discernimento do nosso objecto de estudo, quer ao nível documental quer em termos de contactos. É de destacar, por isso, a cooperação da Educadora Ondina, actual membro do Graal residente em Portalegre, da Teóloga Maria Carlos Ramos, membro do Graal em Lisboa, da Dr.<sup>a</sup> Luísa Bugalho, irmã de Teresinha Tavares e membro do Graal em Lisboa, da Senhora Comendadora Domingas Valente, da professora Lucília Traguil e da Catequista Maria do Carmo Ferreira.

No âmbito das fontes privilegiámos, então, as fontes orais e mais especificamente as entrevistas. Estas dirigiram-se a pessoas que estiveram ligadas aos primeiros anos do Movimento Graal em Portugal e que colaboraram no Projecto Promoção Humana e Evangelização estudado.

Importa reter que a riqueza das fontes orais reside no facto de elas simultaneamente nos permitirem aceder aos factos, mas também no significado que lhes é atribuído pelas pessoas entrevistadas. Neste facto reside a fecundidade desta análise hermenêutica.

Assim, as entrevistas realizadas concentraram-se no testemunho de três mulheres ligadas à acção do Movimento Graal em Portalegre e seus arredores. Estes testemunhos foram essenciais para a consolidação das ideias defendidas no corpo do trabalho.

Para a realização destas entrevistas, como afirmado anteriormente, abraçámos uma metodologia qualitativa que norteou a realização das mesmas, as quais se constituíram como tardes de conversas informais na casa do Graal na Golegã, onde por duas vezes conversámos com Teresinha Tavares, uma das figuras pioneiras quer da instauração do Movimento Graal em Portugal quer do Projecto Promoção Humana e Evangelização em Portalegre.

No infantário de Alter do Chão, a propósito de um trabalho de grupo para uma disciplina da parte curricular deste Mestrado, eu e as minhas colegas conversámos com Ema Brazão, onde actualmente desempenha a função de Directora. Esta entrevista foi trabalhada posteriormente, de forma a tornar-se significativa no contexto deste trabalho.

E, por último, em casa de Rosa Cruz, professora primária reformada e ainda hoje participante activa do Graal, viveram-se momentos em que a nossa entrevistada partilhou memórias, destacou acontecimentos, nos mostrou fotografias e disponibilizou documentos.

Obtivemos também o testemunho do pároco da freguesia de Alegrete, cuja ida para esta vila foi preparada pelas mulheres do Graal, na altura da implementação do Projecto e que até hoje tem acompanhado a acção do Movimento. É um interessante testemunho de um homem de fé, que profeticamente muito tem feito para o “despertar das consciências” na cidade de Portalegre.

Os guiões das entrevistas referidas obedeceram a uma estrutura semi-directiva, o que permitiu interagir com os entrevistados de forma mais espontânea e genuína. A ideia seguida foi deixar que cada entrevistado ditasse o ritmo da conversa.<sup>2</sup>

Estas entrevistas, depois de feitas, foram transcritas, tratadas e analisadas.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Ver anexos onde se encontram os guiões, bem como a transcrição das entrevistas realizadas.

De reter, por outro lado, que procedemos a uma análise cuidada dos relatórios relativos ao Projecto Promoção Humana e Evangelização entre os anos de 1965 a 1974. Análise que se tornou fucral para a compreensão do nosso objeto de estudo, pois permitiu elaborar uma cronologia da evolução do Projecto, descortinando, assim, os seus avanços e conquistas. Estes relatórios constituíram-se, pois, como fontes de informação principais. Neles é patente a reflexão que internamente se fazia sobre a forma como o Projecto ia decorrendo, o que acontecia com uma periodicidade regular. A partir dos balanços realizados estabeleciam-se metas e estratégias de trabalho, o que também é perceptível nos referidos relatórios. É de salientar o facto de a maioria destes relatórios serem escritos em francês, o que demonstra a dimensão internacional do Movimento e o reconhecimento deste projecto específico, em termos internacionais.

Numa última instância, em termos metodológicos, tecer-se-ão algumas considerações sobre a actualidade do Movimento, realçando o pensamento da Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, enquanto uma das fundadoras do Graal em Portugal e como alguém que nos deixou como legado a douda ideia do quanto é importante “cuidar o futuro”.

Esta parte do trabalho resulta de algumas considerações feitas pelas nossas entrevistadas relativamente à acção da Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo e de um conhecimento próprio, ainda que a necessitar de aprofundamento, fruto da leitura e análise de algumas das suas obras.

Em suma, o trabalho segue, de uma forma simplificada, a estrutura clássica de um trabalho/projecto de investigação, com ajustes à profundidade e dimensão da problemática aqui tratada.

---

<sup>3</sup> No caso da entrevista ao Padre Américo, apresentamos em anexo a reflexão escrita que nos facultou a propósito das questões colocadas.

## CAPÍTULO 2

### ENQUADRAMENTO TEÓRICO



## **2.1 As dinâmicas político-culturais da década de 60 e 70 do século passado**

De forma a apreendermos as linhas de actuação do Projecto Promoção Humana e Evangelização, importa contextualizá-lo, ainda que de forma concisa, no espaço histórico em que ele emergiu, o que nos transporta para os anos 60 e 70 do século passado.

Na verdade, encontramos-nos sob a vigência do Estado Novo, regime que vigora em Portugal entre 1933 a 1974. No período de tempo referente ao início dos anos sessenta, o regime começa a debater-se com alguma agitação proveniente das classes mais informadas que reclamam um país mais moderno e livre, vontade, ainda, silenciada pela “força da censura”.

O país continuava a ser marcado por acentuados contrastes, pois no interior vivia-se sob uma densa ruralidade que se mantinha vantajosa para as classes dominantes. Por outro lado, assistia-se, nas cidades, ao nascimento de uma nova classe, fruto do crescimento industrial e da expansão dos serviços. A melhoria das condições de vida parecia, no entanto, não acontecer, o que conduziu a um crescente sentimento de frustração nas camadas mais pobres da população.

Desta forma, persistia uma elevada taxa de analfabetismo, que mantinha Portugal no último lugar entre os países Europeus, reflexo do atraso cultural em que o país se encontrava, acentuado por problemas de âmbito económico e social. Assim, verificava-se de forma crónica um deficiente cumprimento da escolaridade obrigatória, o que acontecia em especial nas regiões rurais mais desfavorecidas, onde a pobreza generalizada tornava indispensável, desde muito cedo, o contributo do trabalho infantil para a economia familiar. O intento oitocentista de uma “escola para todos” só será alcançado nos anos sessenta, quando se atinge a escolarização plena das crianças em idade escolar. Na realidade, numa estrutura social fortemente hierarquizada, as “vantagens da leitura” pareciam não interessar ao poder. Neste contexto, a educação de adultos também não assumiu relevância significativa, embora se tenham de destacar as campanhas dos anos 50 e a sua inserção na discussão sobre a produtividade ou improdutividade do público a que era destinada, na perspectiva que era necessário formar a população activa para o desenvolvimento e para o crescimento económico do país; contudo, este não se manteve como um objectivo principal para o Estado.

De sublinhar que a emigração, fenómeno que se acentua neste período, deixa o interior entregue às camadas mais velhas da população, pois os mais novos partiam com destino a França e a outros países europeus, com o desígnio de encontrar melhores condições de vida. Por outro lado, para os que decidiram ficar, a alternativa era a deslocação para a periferia das grandes cidades, onde se encontravam os pólos industriais. Os distritos de Aveiro, Braga, Porto, Lisboa e Setúbal acolhem o grosso deste “êxodo”.

Em suma, em termos educacionais e devido a razões puramente economicistas, o sector mais velho da população não era contemplado pelas campanhas educativas do Estado. Como poderemos observar, mais à frente, o discurso do Graal em relação à educação difere da filosofia das reformas implementadas pelo regime, pois o eixo não é a economia mas o indivíduo em si e a sua promoção na sociedade.

Embora o espírito do Estado Novo fosse católico, é nesta altura que começa a sentir-se o espírito inovador do Concílio do Vaticano II<sup>4</sup> e a desejada abertura da Igreja ao mundo.

Consequentemente, assiste-se a um crescente afastamento de muitos católicos<sup>5</sup> do “salazarismo” e dos seus ideais. Estávamos numa fase do catolicismo em que se começava a pensar num sentido novo de “Igreja”, totalmente oposto ao desejo do Estado português, ao qual convinha um catolicismo uniforme, obediente e não problemático.

Na realidade, alguns dos dirigentes da acção católica e até assistentes eclesiásticos começavam a apresentar posições críticas, quer em relação a certos aspectos da vida interna da Igreja, quer em relação à situação social e política do país (Maria Filomena Mónica, 1978). Recordemos o caso da carta elaborada por Dom António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, como um exemplo deste descontentamento<sup>2</sup>. Dom António Ferreira Gomes, ao expor o que sentia, foi fortemente “penalizado” pelo Regime, sendo conduzido ao exílio, pensando-se que assim se podia exterminar um foco de desordem.

Até agora podemos analisar como a organização política e social do Estado Novo espelha um carácter profundamente autoritário e conservador. É nesta linha conservadora e

---

<sup>4</sup> Convocado pelo Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II iniciou um poderoso processo de renovação interna da Igreja Católica a nível mundial. Na maioria das dioceses portuguesas esse processo começou por ser hesitante, lento e temeroso.

<sup>5</sup> A acção do Bispo do Porto estimulou muitos dos movimentos de inspiração cristã que nesta altura começavam a dar voz a uma luta reivindicativa do direito de participação cívica e política, fora das linhas de um regime de partido único.

autoritária que se concebe o papel social da mulher. Imperava a ideia de que as mulheres e os homens eram seres essencialmente desiguais.

Estávamos perante uma ideologia de submissão das mulheres à figura masculina, típica de um sistema social patriarcal. Recordemos que a legislação em vigor, neste período, atendia a esta ideia ao considerar que o homem era o chefe de família, conferindo-lhe o poder absoluto entre o casal. No Estado Novo, a mulher devia ser uma esposa carinhosa e submissa, uma mãe sacrificada e virtuosa. Na apresentação de uma nova constituição, em 1933, Salazar considerou que o aparelho produtivo não devia afastar a mulher da família. A verdade é que, segundo Salazar, esta situação não trazia qualquer vantagem para a mulher; pelo contrário, prejudicava a verdadeira função feminina na família.

Em oposição a esta concepção começavam a surgir algumas reacções. Assim, num estudo datado de Março de 58, intitulado *Projecto para um Estudo sobre a Situação da Mulher Portuguesa*, a sua autora, Maria de Lourdes Pintasilgo, tece as seguintes considerações:

“... Uma sociedade, para permitir o pleno florescimento de todos os indivíduos e instituições, tem de estar solidamente alicerçada na perfeita conjugação e complementaridade dos valores masculinos e femininos. Para que a sociedade viva do amor, do serviço desinteressado, da pureza, da doação generosa é necessário que cada mulher realize da forma mais perfeita a sua vocação de mulher e é necessário que todas as mulheres, no seu conjunto, sejam uma presença e um convite aos valores autenticamente femininos. A verdadeira feminilidade está pois na raiz de todas as transformações sociais e da verdadeira paz entre os Homens”. (p. 2)

Nas universidades, a juventude católica começava a denunciar os problemas sociais que atormentavam o país. Iremos mais à frente verificar que muitos dos protagonistas do Projecto do Graal em Portugal são precisamente jovens universitárias que voluntariamente fazem da ajuda ao próximo e aos mais desfavorecidos o seu lema de vida. Ajuda que ultrapassa um simples gesto caritativo e que é acima de tudo uma doação. É o emergir de uma luta pela justiça e uma opção pelos pobres.

Em termos culturais, surgem como áreas privilegiadas de actuação da política cultural do Estado a divulgação dos ranchos folclóricos, do artesanato e das festas populares. Áreas iluminadas por valores e práticas representativos de uma visão tradicionalista e nacionalista. Importa recordar, por exemplo, o papel do cinema como veículo dos valores defendidos pelo Estado, uma forma de propaganda das teses salazaristas sobre a família, a educação e a sociedade em geral.

## 2.2 Associativismo e desenvolvimento local: que relação?

Como a borboleta feita,  
Que do rígido casulo,  
Criando asas, logo se solta  
Para, ousada e livre, voar  
P'lo éter banhado de sol.  
**Goethe**

Começaremos por evidenciar que, segundo o Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa, pode entender-se por associativismo “o sistema dos que se encontram unidos por um ideal ou objectivo comum”. Neste sentido, diremos que o Graal é, de facto, um movimento associativo, na medida em que a sua filosofia assenta na união de “muitos” com um objectivo único: o de contribuir para a melhoria de vida dos mais “desprotegidos”. Este Movimento inicia-se nos finais dos anos cinquenta do século passado, em Portugal, e chega até aos nossos dias por via da persistência de muitas mulheres que assumem a solidariedade, bem como o amor ao próximo, como um lema de vida.

Nos seus estatutos afirma-se que o Graal se constitui formalmente como uma Associação<sup>6</sup> de Carácter Social e Cultural, em 1977, e foi reconhecida como Pessoa Colectiva de Utilidade Pública em 1985. Existe, no entanto, desde 1957.

De forma genérica, podemos afirmar que todo o movimento associativo, partindo da crença de que “agregados ser-se-á mais forte” tem, assim, proliferado, ao longo da história, e resistindo ao tempo e à mudança, contribuindo energicamente para a emancipação, e consequente formação, de muitos homens e mulheres. Subjacentes à sua criação encontram-se valores como: a dignidade da pessoa e o valor da vida, a solidariedade/fraternidade, a independência/autonomia, a democracia/cidadania e a acção voluntária. Como já afirmámos, desde os seus primórdios até aos dias de hoje, o movimento associativo, em geral, passou por

---

<sup>6</sup> Associação, num sentido amplo, é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades jurídicas com objectivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados. Formalmente, qualquer que seja o tipo de associação ou seu objectivo, podemos dizer que a associação é uma forma jurídica de legalizar a união de pessoas em torno de seus interesses e que a sua constituição permite a construção de condições maiores e melhores do que as que os indivíduos teriam isoladamente para a realização dos seus objetivos.

várias etapas, influenciado, no entanto, pela conjuntura sociopolítica correspondente a cada uma dessas etapas.

Assim, olhando um pouco para a história do associativismo, uma primeira ideia se impõe: o ser humano é, por natureza, um ser “gregário”, pelo que desde sempre existiu a necessidade de as pessoas se associarem.

É de realçar, no entanto, que em Portugal o Movimento Associativo, diremos voluntário, tal como hoje o conhecemos, remonta ao séc. XIX e tem na base dos seus fundamentos os princípios da Revolução Industrial Inglesa (séc. XVII) e da Revolução Francesa (séc. XVIII).

Na génese do Movimento Associativo Português está também o facto de, em 1834, terem sido abolidas as corporações de artesãos, o que fez com que as pessoas se associassem para minimizarem as dificuldades que viviam (falta de uma estrutura que as protegesse em situação de fragilidade). A título de exemplo, podemos referir que a primeira Associação popular data de 1838 e era a “Sociedade dos Artistas Lisbonenses”. De 1772 data a mais antiga Filarmónica de que há registo (Oliveira de Azeméis); a primeira agremiação desportiva data de 1811, a Real Associação Naval de Lisboa.

Especificamente, sobre o período de tempo a que se refere o nosso objecto de estudo, aferimos que as medidas repressivas da governação e a imposição de um estado corporativo condicionaram toda a sociedade portuguesa, em geral, não sendo excepção o movimento associativo. Os principais organismos corporativos eram os Sindicatos e os Grémios, as Casas do Povo, as Casas dos Pescadores e as Ordens (das profissões liberais). Todos formavam as corporações, ou seja, organizações que abrangiam as actividades económicas, culturais e morais da Nação e tinham a seu cargo a defesa dos interesses dos cidadãos. Contudo, esta era a forma de o Estado controlar o poder reivindicativo dos trabalhadores e evitar os conflitos e as lutas de classe. A legislação corporativa proibia as greves, subordinava o patronato aos interesses do Estado e impunha a colaboração entre os diversos grupos sociais.

Só a partir da década de 60 é que se começam a vislumbrar algumas transformações a nível do associativismo, as quais “decorrem quer de mudanças económicas e sociais que traduzem a aceleração da industrialização e da urbanização, quer das especificidades políticas que marcaram a fase final do regime salazarista, guerra colonial, radicalização da oposição política.” (Canário e Rummert, 2009, p. 139).

As associações e colectividades eram agora espaços de liberdade, onde se veiculava a transmissão de ideias, se promovia a aprendizagem e a distração, com recurso a

variadíssimas acções, tais como cursos de alfabetização e de labores, bailes, teatro, concertos, entre muitas outras actividades. “Estas iniciativas, muitas delas inspiradas nas ideias de Paulo Freire e na perspectiva humanista, tinham como finalidades a formação cívica e política, a conscientização, a emancipação e a promoção da participação das pessoas na construção de uma sociedade democrática” (Cavaco, 2009: 164-165).

A capacidade de união e a cooperação entre os cidadãos locais passou a ter como meta o desenvolvimento de uma região. É assim que surge o Projecto Promoção Humana e Evangelização com o intuito de fazer desabrochar esta vontade, a união entre os cidadãos e permitir esta conquista, a melhoria das condições de vida a nível local.

Promover a capacidade de união e a cooperação entre os cidadãos locais visando o seu desenvolvimento surge então como um dos objectivos que o Graal, e mais especificamente o Projecto Promoção Humana e Evangelização, pretende alcançar, como mais à frente poderemos compreender a partir de uma leitura dos seus relatórios.

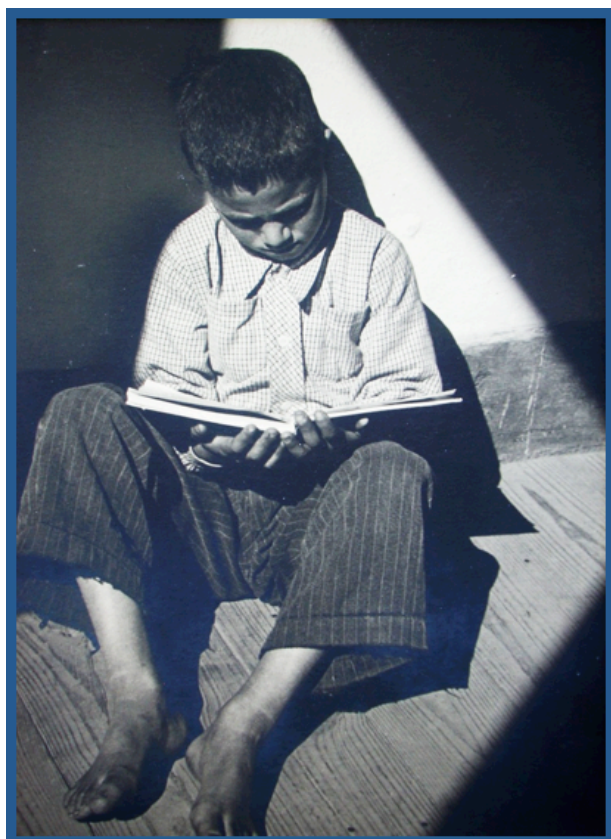
Assim, julgamos que o associativismo e o desenvolvimento local caminham de mãos dadas, sendo que um é a consequência do outro, pois sem a participação empenhada dos cidadãos locais não haverá verdadeiramente desenvolvimento. A esta relação juntamos um terceiro elemento, a educação. Na verdade, cremos existir uma articulação e correlação entre o Local, a Educação e o Desenvolvimento.<sup>7</sup>

Em suma, o movimento Graal, na década de sessenta, apresentava uma clara consciência desta correlação, materializando-a no Projecto Promoção Humana e Evangelização. As acções empreendidas pelo Projecto constituem um excelente exemplo de como as dinâmicas locais são indispensáveis para o desenvolvimento de qualquer região. Por via de uma “pedagogia da conscientização”, interventiva e emancipadora, mudar torna-se possível.

---

<sup>7</sup>O desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano; essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional na construção de um melhor futuro.

### 2.3 O papel da educação como um espaço de “conscientização” e libertação face ao sentido de escola do Estado Novo



**Figura 1** - A educação como espaço de mudança e libertação

No seguimento da nossa reflexão, importa analisar o sentido de Escola veiculado pelo Estado Novo, sublinhando os períodos mais relevantes que permitirão a sua compreensão. Ampliaremos, ainda, a nossa reflexão para a questão do analfabetismo, aspecto fulcral neste período da nossa história. Esta reflexão, por outro lado, possibilitar-nos-á compreender a posição divergente do Graal face à visão educativa defendida pelo Estado e as dinâmicas desenvolvidas pelo Projecto Promoção Humana e Evangelização no que se refere especialmente ao campo da educação de adultos.

Assim, poder-se-á desde já afirmar que a Escola era olhada de forma pouco consensual pelos diferentes sectores da sociedade da altura (início dos anos 50 do século passado). Na verdade, constata-se uma ausência de consenso quer em relação à utilidade da Escola, quer relativamente aos princípios que a deviam regular. Face a estas diferentes abordagens, tecia-se um único cenário em que a Escola era perspectivada apenas para alguns, as classes superiores, as elites.

Acima deste debate, no entanto, encontrava-se a determinação do Estado: “a Escola era um agente de doutrinação moral e política”. Uma instância conservadora baseada na seguinte trilogia: Deus, Pátria e Família.

Em termos de ilustração da ideia anterior, numa edição do antigo *Manual da Primeira Classe*, no texto intitulado “Quando eu for grande”, pode ler-se:

“O Manuel e o Fernando foram brincar para o jardim da casa duns amigos. Fazendo projectos de futuro, o Manuel declara aos companheiros:  
- Eu, quando for grande, quero ser aviador.  
O José: - Pois eu hei-de ser médico.  
O Carlos: - Isso é bom. Mas eu antes queria ser padre, ter uma Igreja, um altar, dizer missa e pregar sermões  
- Eu, então, disse Fernando, quero ser lavrador como o meu pai: cultivar as minhas terras, montar nos meus cavalos...  
- E tu Beatriz, que queres ser quando fores grande?  
- Quero ser professora. Gosto muito de livros e queria ter uma escola com muitas meninas para ensinar.  
- E eu, disse a Clarinha, gostava de ser missionária, ir para muito longe ensinar doutrina aos pretinhos.  
- Pois eu, gritou a Filomena batendo as palmas, quero ser dona de casa como a nossa mãe.” (p. 84 e 85).

Diremos que este breve texto, através de uma forma simples e cândida, encerra toda a doutrina pedagógica e social do Salazarismo. Nele encontram-se bem delineados os papéis designados para cada um dos géneros. Aborda-se os valores morais, a figura materna e paterna enquanto modelos. A forma como se olhava para as pessoas das colónias, “os pretinhos”. E a importância da doutrina cristã no seio da sociedade da altura.

Este vínculo da escola ao Estado e aos seus princípios é também notório, por exemplo, num discurso proferido pelo Reitor do Liceu Normal de Pedro Nunes, em Lisboa, em 1958, numa conferência sobre o tema “A escola e as actividades circum-escolares”, apresentado na Revista de Pedagogia e Cultura intitulada *Palestra*. Passamos a transcrever um pequeno excerto deste discurso:

“A missão da escola não é só instruir, é também educar, e são, por vezes, certos pormenores ou actividades complementares que têm maior merecimento.

De entre as actividades circum-escolares estão, em primeiro lugar, as da Mocidade Portuguesa e para avaliar da sua importância, basta a palavra portuguesa para lhe dar uma grande responsabilidade e alta importância.

Todos conhecem o espírito com que foi criada esta instituição. Ela foi feita para purificar e retocar certas atitudes que convêm à Pátria. Entre a escola e a Mocidade Portuguesa não pode haver distinção, não podem ser duas instituições mas uma só instituição. Os professores são os técnicos da educação, são eles que sabem o que importa à mocidade, além de que pelos seus diplomas oficiais, morais e intelectuais estão indicados para esta acção...” (p. 84).

O papel do Professor, a forma como se vivia o sentido de nação é exposto neste excerto de forma objectiva.



Relativamente à educação de adultos, verifica-se que até à década de 70 as medidas encontradas convergiam para um único objectivo: o combate ao analfabetismo. É nesta linha de acção que encontramos o Plano de Educação Popular e a Campanha Nacional de Educação de Adultos de 1952. Muito embora estas acções tenham tido algum êxito, o analfabetismo não foi de forma alguma anulado.

Com o avançar dos tempos, no contexto de pós-guerra, verifica-se uma abertura e uma reorientação das políticas educativas, fruto da necessidade de “modernização” do país, imperativo que permitiria que Portugal pudesse acompanhar os restantes países da Europa. Depressa o saber ler, escrever e contar se transformou numa cultura irrelevante, tornando-se urgente preparar, antes, homens desembaraçados para trabalhar com as máquinas. Eram necessários técnicos especializados e competentes.

A educação de adultos é pensada, mais uma vez, como um pretexto e não como um fim em si mesma. As questões económicas dominavam agora a política educativa.

Em oposição a este discurso, o Graal acreditava que a educação era uma condição necessária para o crescimento integral de um povo. Motor do seu desenvolvimento e promotora de qualidade de vida.

Inspirado na pedagogia de Paulo Freire, o Graal, e mais especificamente o Projecto Promoção Humana e Evangelização, abraçou práticas e teorias educativas, diremos, emancipadoras.

Na verdade, a pedagogia de Paulo Freire respondia à necessidade diagnosticada pelo Graal de “dar voz aos oprimidos”, conquista que se julgava alcançar por via de uma “educação libertadora”. Pretendia-se contrariar uma espécie de destino, “resiliência” a que o povo português se tinha acostumado face às adversidades vividas. Mudar era um imperativo. Na realidade portuguesa da altura, e essencialmente no interior do país, os “oprimidos, que mais não eram do que os rurais, as pessoas simples do povo, viviam a fatalidade do seu quotidiano com rotinas bem definidas em que “sonhar” não era possível. Assim, a “Conscientização” é perspectivada pela equipa do Projecto Promoção Humana e Evangelização como uma possibilidade e uma necessidade.

No ensaio *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire expõe que: “A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertária, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na praxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta

pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (1975, p. 57).

A capacidade de reflectir, associada a uma atitude crítica, conduzirá à libertação, ou seja, conduzirá a uma atitude de crescimento e de luta por uma situação existencial comprometida.

Em continuação, Paulo Freire afirma:

“A acção libertadora reconhecendo esta independência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da acção, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de coisas. Por isto, se não é auto-libertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros” (1975, p.74).

Na linha de pensamento do texto, diremos que a forma de libertação dos “oprimidos” se alcança por via da “conscientização”, o que implica um comprometimento com a realidade envolvente e uma relação dialógica entre sujeitos interventivos que acreditam ser possível construir um futuro melhor.

É de realçar a importância que a dimensão social, o “sermos uns com outros”, adquire na construção de uma sociedade mais justa. Aristóteles, na Grécia antiga, ao reflectir sobre a importância da vida na “polis”, afirmava que o ser humano é por natureza um “animal político”.

Desta forma, importa conquistar capacidades, de forma singular e colectiva, por via de uma atitude reflexiva, pois só assim se poderá construir uma “cidade mais justa”. Este objectivo alimentou toda a dinâmica do Projecto Promoção Humana e Evangelização.

“A acção de um educador humanista, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação e da entrega do saber. Sua acção deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. Isto tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes.” (1975 p. 96).

É a recusa de uma pedagogia autoritarista própria da política educativa do Estado Novo, em que a relação dialógica professor-aluno não era possível.

“Assim, é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de carácter autênticamente reflexivo, implica um constante acto de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade”. (1975, p. 99).

“Ser mais” é, em suma, ser um ser mais autêntico, mais solidário e empenhado em construir um mundo melhor. Esta atitude alcança-se por via de uma educação libertadora.

Ajudar os outros tal como o fez o Graal foi, na verdade, um acto de amor, é esta a dádiva e a missão que iluminou a acção do Projecto Promoção e Humanidade.

Terminamos com as palavras de Paulo Freire: “Amor é um acto de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estes estejam oprimidos, o acto de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.” (1975, p. 114).

## CAPÍTULO 3

### OBJECTO DE ESTUDO

### 3.1 A génese do movimento em Portugal

*“ Eu vim anunciar a boa nova aos pobres, libertar os cativos, dar vista aos cegos e tornar livres os oprimidos ”.*

*Lucas IV, Lc 4, 18-19*

Como tivemos ocasião de analisar, na parte teórica do nosso trabalho, os finais dos anos cinquenta, inícios dos anos sessenta foram anos de importantes movimentações com consequências importantes nas estruturas sociais e, em particular, na forma de vivenciar a Igreja. Os actores que se encontraram por detrás destas mudanças foram, em parte, os estudantes. Na verdade, embora distantes do Maio de 1968, já nesta altura, por toda a Europa e especificamente em Portugal, se sentia uma movimentação estudantil que interpelava a sociedade vigente em nome de outros valores, valores mais humanistas, diremos. É de realçar que estas interpelações eram alvo de mecanismos de forte censura e que, por isso, muitas das novas ideias eram pensadas na clandestinidade e de forma camuflada, ou então, custavam o exílio aos seus autores.

Em relação à Igreja exigia-se uma Igreja mais “aberta”. Assim, começou a consolidar-se a implantação de novos movimentos laicais e de outras realidades eclesiais, dotadas de maior autonomia e portadoras de ideias, experiências e práticas diferentes das que dominavam no país, relativamente ao apostolado dos leigos. Além disso, estes movimentos eram bastante diferentes entre si, sobretudo os de âmbito internacional, vindos de outros países estrangeiros, o que aumentou sensivelmente o pluralismo interno dentro da Igreja. Conquistas que obrigaram a ultrapassar algumas tensões provenientes dos sectores mais conservadores.

No eclodir destes novos movimentos, o Graal é descoberto e abraçado por um grupo de raparigas, estudantes universitárias, todas “entusiasticamente idealistas”, como uma possibilidade que correspondia às suas aspirações: encontrar um sentido novo para a vida enquanto mulheres e como cristãs activas.

“O Graal que a Maria de Lourdes encontrou no Tiltenberg, Centro internacional do Graal na Holanda, em Dezembro de 1956, e o Graal que no verão seguinte, a Teresa veio a descobrir em Graiville, Centro Nacional do Graal nos EUA – ultrapassava a resposta às suas inquietações pessoais.

Respondia ao desejo fortemente sentido por grupos de estudantes católicos, em que ambas estavam inseridas, de uma vivência cristã integradora de novas dimensões. A liturgia celebrada com profundidade e beleza, a reflexão sobre a

especificidade do ser e do agir das mulheres, a dimensão internacional levada ainda mais longe do que a experiência adquirida no Movimento internacional de estudantes católicos (Pax Romana), tudo isso surgia, no Graal, como resposta à procura existencialmente vivida entre estudantes universitárias dos anos 50.” (Documento 25 *Anos de História do Graal em Portugal*)

O entusiasmo deste grupo de raparigas era de tal forma contagiante que nos encontros e celebrações por elas dinamizados se podiam encontrar dezenas de participantes, todos estudantes, como se pode ler no documento anteriormente citado. Este facto atesta a ideia de como a juventude portuguesa ansiava por “coisas novas” relativamente a situações essenciais onde se incluía a vivência da fé.

“Foi de facto, um tempo de colheita antes de termos semeado e lavrado o terreno!

Para a presidente internacional do Graal daqueles anos, Rachel Donders, – nós éramos um “botão a rebentar em flor”. Nessa imagem se traduzia algo de confiança e da expectativa com que a comunidade internacional do Graal acompanhou os nossos primeiros passos. A essa confiança e, sobretudo, à inspiração e ao apoio que da própria Rachel recebemos, ficámos a dever muita da visão e da coesão que desde o início marcaram a história do Graal em Portugal.” (Documento 25 *Anos e História do Graal em Portugal*)

Este “botão a florir” representa simbolicamente o início do Graal em Portugal, um Movimento em que a tomada de consciência das mulheres e da sua força colectiva é uma dimensão constante. São o germinar da luta pela justiça e a opção pelos pobres que caracterizam o caminhar do Movimento Graal, vontade esta que deu espírito ao Projecto Promoção e Evangelização.

### 3.2 Os caminhos do Graal: de Lisboa para Portalegre

Compreender como o Graal chegou a Portalegre implica revisitar novamente o contexto histórico em que o movimento emergiu. Assim, a ausência de abertura ao “novo” por parte do Estado, o que acabava por se repercutir noutras instâncias, nomeadamente na Igreja, levou a que o Cardeal Patriarca proibisse o Movimento, ainda embrionário, de se difundir na Diocese de Lisboa. Esta situação consequentemente obrigou a que o Graal realizasse um exercício de procura de novos caminhos para além desta Diocese.

“Logo nos começos de 1959, deparámos com uma dificuldade, inesperada e inédita na história do Graal, fomos proibidas pelo Cardeal Patriarca de Lisboa de ter actividades, fazer propaganda e viver em comunidade.

Estranho e doloroso facto esse de vermos impedido pela Igreja aquilo que para nós era um maior compromisso dentro da própria Igreja! Que fazer então? No nosso optimismo de jovens, não nos deixámos desencorajar. Se em Lisboa não éramos bem-vindas, porque não tomar à letra o Evangelho de Lucas: «quando não vos receberem, saí dessa cidade e sacudi o pó das vossas sandálias»?.” (Documento de *Comemoração dos 25 anos do Graal*)

Como podemos depreender da citação anterior, face à situação despoletada pelo contexto coercivo e limitador, a solução não foi cruzar os braços mas encontrar, antes, novas vias e uma nova orientação para o Graal em Portugal. A abertura do Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco, D. Agostinho de Moura, seria o sinal desejado. Numa analogia com a lenda, **a demanda pelo Santo Graal seria então cumprida em Portalegre** e nos seus arredores.

A acção foi iniciada com a instalação de um grupo de três mulheres professoras, que, em paralelo com a actividade docente, que desempenhavam nos estabelecimentos de ensino da cidade, começaram por fazer um trabalho de diagnóstico das necessidades locais, engendrando esquemas de acção que afluíam no projecto Promoção Humana e Evangelização.

### 3.3 Os valores subjacentes à génese do Movimento Graal em Portugal

“É sábio aquele professor que a coberto ou à margem das prescrições curriculares, não se contenta com a reprodução de costumes e induz os alunos a pensar que não é suficiente interpretar o mundo; é preciso transformá-lo.

Seria esta uma missão clandestina? Pois que o seja, em nome do Futuro.”

Leonel Cosme

Como já tivemos ocasião de referir, em Portugal, o Graal existe desde 1957, constituiu-se como uma Associação de Carácter Social e Cultural em 1977 e foi reconhecido



Figura 2 - "A educação como prática da liberdade"

como Pessoa Colectiva de Utilidade Pública em 1985.

De relembrar ainda que o Movimento Graal foi trazido da Holanda para Portugal, onde foi “abraçado” por um grupo de estudantes universitárias, de entre as quais se destacam Maria de Lourdes Pintasilgo, Teresa Santa Clara Gomes e Teresinha Tavares, que acreditavam ser possível construir reflexivamente um

mundo melhor, mais justo, em que os povos pudessem crescer encaminhados pela sua fé e em liberdade.

Esta vontade de mudança difundiu-se a algumas zonas do nosso país, tendo-se iniciado em Portalegre sob a forma de “Projecto de Promoção Humana e Evangelização”, em 1961.

Acreditando que sem aprendizagem social e sem partilha de conhecimentos e experiências, sem o estabelecimento de vínculos afectivos, não se pode, verdadeiramente, construir a personalidade de cada um, o Movimento Graal, em Portalegre, parte para o terreno, com o objectivo de contribuir para que esta região se torne num espaço mais justo e mais



solidário, em que a sua população consiga vencer as adversidades da vida com fé e empreendedorismo.

Assim, com base no princípio de que todos os seres humanos são iguais em dignidade, as mulheres são chamadas a participar activamente na vida da comunidade e a contribuir para a construção de uma Igreja que se queria mais “participada”.

Na base do Movimento encontramos, pois, valores que privilegiam o altruísmo, a solidariedade, a cooperação, a igualdade e o bem-estar colectivo.

Por via da educação e do combate ao analfabetismo, pensava-se ser possível concretizar esta visão. Inspirado na pedagogia de Paulo Freire, o projecto adopta o princípio segundo o qual “aprender a ler e a escrever não deve ser um fim em si mesmo. Evidentemente, saber ler e escrever é importante, mas não basta. É indispensável também, ao mesmo tempo, ajudar o aluno a tornar-se sujeito, a caminhar para ser mais, a crescer na sua humanidade”. (Moura, 1978, p.60).

Nesta linha de pensamento importa referir que, segundo Paulo Freire, “a alfabetização pressupõe não um acumular, na memória, de frases, palavras e sílabas descoladas da vida, coisas mortas ou semi-mortas, mas uma atitude de criação e de recriação. Supõe uma autoformação susceptível de levar o homem a intervir”. (Freire, 1975, p.147). Nos textos escritos nas actividades de pós-alfabetização, nas aldeias à volta de Portalegre, podiam ler-se várias palavras-chave ou “palavras-geradoras”, na óptica de Paulo Freire, tais como: TRABALHO, TERRA, MÁQUINA, RIQUEZA, GUERRA.

Assim, dir-se-á que a atitude adoptada pelo Movimento ultrapassa um “olhar caritativo” e é acima de tudo uma vontade de ajudar as pessoas a acreditarem nos seus valores e a conquistarem a sua autonomia, convidando-as a olhar de forma crítica para a sua realidade para, então, agirem melhor.

Esta era uma mensagem nova, corajosa, num contexto social, cultural e político demasiado fechado e tradicional, em que a liberdade era doseada pelo Estado, o que se pode compreender por alguns dos testemunhos dados pelos nossos entrevistados. Nesta linha de pensamento dir-se-á que o “desenvolvimento nunca poderá estar ligado a processos de limitação, dependência ou parasitismo, quer seja a nível micro quer macro-social. O bem-estar será o somático do bem-estar de cada um, e a miséria dos outros será sempre a nossa miséria”. (Pires, 1995, p.116).

Não esqueçamos que estávamos nos anos sessenta, mais especificamente em 1961. Portalegre e as suas freguesias viviam numa situação económica precária e à margem de uma

fé explicitamente referida a Jesus Cristo. Foi a tomada de consciência destas duas realidades que esteve na génese da escolha da localização do Projecto na Diocese de Portalegre.

Ao nível eclesial, a carta de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, em 1958, embora não tenha estado directamente ligada ao movimento, é um dos momentos a realçar neste período de tempo que deu voz a uma visão de Igreja diferente da que era conivente com os princípios do Estado Novo, como já tivemos oportunidade de referir. Era o emergir de um discurso novo com o qual a equipa do Graal comungava e que o Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco na altura, D. Agostinho Moura, deu abertura para que se desenvolvesse em Portalegre. É de referir, no entanto, que só depois do Concílio<sup>8</sup> é que a atitude de desconfiança do Cardeal Patriarca de Lisboa em relação ao Movimento se altera, afirmando que o Graal, “tendo passado a prova do Espírito”, era agora bem-vindo no Patriarcado de Lisboa (ver documento *25 anos de história do Graal em Portugal*).

Por outro lado, conscientes de que existia uma participação desigual dos dois sexos nas diversas áreas da vida, económica, social e cultural, ideia sustentada por um quadro jurídico que não garantia o respeito pela igualdade de tratamento entre homens e mulheres, era preciso abrir novos caminhos para a mulher.

“Se quisesse representar simbolicamente por uma cor a situação da mulher, no contexto em que surgiu o projecto, teria de recorrer ao preto. Com efeito, era esta a cor que sobressaía do trajo das mulheres nas aldeias ao redor de Portalegre. É que o preto, para além de ser a cor de sucessivos e prolongados lutos, era também sinal de fidelidade aos ausentes mais próximos”. (Silva, 2008, p. 3)

Depois de um espaço de adaptação ao meio e às gentes que permitiu inventariar as características da região e diagnosticar os seus problemas concretos, criou-se um plano de acção com o intuito de apetrechar os cidadãos locais com competências de vida que possibilitassem uma inserção responsável e satisfatória de todos na comunidade envolvente.

Teresinha Tavares, um dos elementos fundadores que ainda hoje se mantém activa no Movimento em Portugal e em Missões, por exemplo, em Angola, Moçambique e noutros países, na América do Sul, foi uma das professoras que estiveram no início do projecto em Portalegre, e ilustra-nos desta forma esses dias: “Éramos todas professoras nas quatro escolas principais da Cidade e isto deu-nos um enraizamento que nos permitiu estabelecer uma relação com as famílias dos alunos. O povo gostava muito de nós, éramos novas e simpáticas.”

---

<sup>8</sup> O Concílio começa a 11 de Outubro de 1962 mas fora anunciado a 25 de Janeiro de 1952.

Em síntese, podemos dizer que o projecto na sua origem se pautou pelos seguintes objectivos:

- Contribuir para a promoção humana das populações, através de um programa de educação social, com vista à sua dinamização e ao seu empenhamento na melhoria das próprias condições de vida.
- Despertar para a fé e para uma vivência cristã integrada as populações locais, através de colaboração na pastoral paroquial.
- Estimular nos meios mais evoluídos, sobretudo entre mulheres e raparigas, a consciência da sua responsabilidade na evolução das comunidades menos favorecidas.

As metas que se visavam atingir passaram pela construção de um plano de acção alicerçado numa “conscientização”. E por “conscientização não se deve entender um mero passatempo intelectual, ou a constituição de uma racionalidade desgarrada do concreto. O esforço de conscientização, que se identifica com a própria acção cultural para a libertação, é o processo pelo qual, na relação sujeito-objecto, várias vezes referida nesta entrevista, o sujeito se torna capaz de perceber, em termos críticos, a unidade dialéctica entre ele e o objecto. Por isto mesmo, repitamos, não há conscientização fora da praxis, fora da unidade teórica-prática, reflexão-acção”. (Paulo Freire, Documento IDAC nº1, 1973). Este projecto deixou marcas visíveis, enquanto reais contributos, para o desenvolvimento da comunidade local, o que pode ser corroborado por via da análise dos relatórios que a seguir apresentaremos.

De reter que a palavra desenvolvimento, hoje tão utilizada em sentidos tão diversificados, era neste tempo autenticamente sentida.

Terminamos com o seguinte apontamento de António Machado: “O caminho faz-se caminhando”.

## CAPÍTULO 4

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

#### 4.1 Do largo do Paço para a rua dos Canastreiros: percursos do movimento sob o olhar de um dos seus “colaborantes”

“O semeador paciente, que confia a sua semente à terra e ao sol, é também o homem de esperança.”

Yves Congar

A presente análise resultou do testemunho do Padre Américo R. Agostinho, homem de fé, douto e personagem empreendedora da cidade de Portalegre, enquanto uma das figuras ligadas ao movimento Graal em Portalegre, desde a sua génese até aos dias de hoje. Assim, numa primeira análise, importa salientar que a sua vinda para Portalegre, e mais especificamente para a paróquia de Alegrete, foi, de certa forma, preparada pelas mulheres do Graal, ao juntaram-se à população desta vila na reivindicação por um pároco residente.

“Ordenei-me em Julho de 1961. Em Outubro desse mesmo ano assumi o trabalho de Coadjutor nas paróquias de Portalegre. O Graal tinha-se instalado em Portalegre muito recentemente pela “mão” do saudoso Bispo, D. Agostinho de Moura. E a primeira residência foi precisamente num anexo do antigo Paço Episcopal, agora entregue à Diocese, e a iniciar as obras de recuperação”.

Sobre os rostos do Movimento em Portalegre, na altura, e sobre a forma como a comunidade local acolheu as mulheres do Graal, afirmou:

“ Quanto aos **rostos** do Movimento, podemos distinguir dois tipos: um grupo que eram as **residentes**, outro que ia e vinha em acções mais pontuais. Uma continuaram por cá, outras partiram para outras missões. As pessoas que penso terem sido determinantes são a Teresinha Tavares (minha conterrânea), a Celeste Isabel, a Patrocínio, a Celeste, as irmãs Santa Clara Gomes – Teresa e Tomásia.

Em Portalegre, cidade, a atitude mais normal é uma certa indiferença e afastamento, talvez pela ignorância e também porque dá trabalho informar-se sobre as coisas e as pessoas. Nas freguesias rurais, talvez por estarem muito abandonadas, foram recebidas de braços abertos”.

A citação anterior contextualiza-nos em relação às vivências da época, pois permite-nos apreender que a cidade de Portalegre era, nesta altura, uma cidade em que as pessoas viviam cativas de uma certa apatia que as impedia de “ser mais” (tal como o nosso

entrevistado, questionamo-nos se esta apatia não continuou a ser uma vivência constante na vida da cidade, pelo menos no que respeita a um núcleo bastante significativo de pessoas). Apatia que era acrescida pelo medo face ao que era “novo” e que facilmente era identificado como algo de revolucionário e proibido, situação também compreensível pela coacção que o Estado exercia sobre as pessoas. De facto, o discurso destas mulheres, porque atendia às pessoas e às suas necessidades, era inteiramente “novo”, pois as pessoas não estavam habituadas a serem assim tratadas. Por outro lado, eram mulheres que dinamizavam o Movimento, o que, num meio tradicional, ainda era mais estranho. Na verdade, ser mulher significava apenas ater-se às tarefas domésticas. Diz-nos o Padre Américo:

“Há cinquenta anos, ainda havia profissões onde as mulheres não tinham entrada e outras onde a entrada era limitadíssima; a sua presença na vida social era vista com desconfiança. Ainda me recordo que era muito raro ver uma mulher, por exemplo, no café...em Portalegre. Por isso as mulheres do Graal, vindas de fora, ao promoverem reuniões, discutirem determinados assuntos, levantarem questões...não era bem visto...Por ironia, até as próprias mulheres aceitavam como certo este estado: elas tinham o trabalho de casa e os homens é que saíam para o trabalho ou para a vida social...”

Nas freguesias rurais, isoladas pela falta de meios de transportes e de comunicação, entregues, assim, à pobreza, acolhia-se com simpatia e humildade os “viajantes”, mesmo sendo mulheres.

Em relação à Igreja local, também existia uma divergência de opiniões em relação ao Movimento, afirma-nos:

“Infelizmente, a atitude das pessoas da Igreja não é muito diferente das outras...pois, na verdade, pensam com um encolher de ombros. É verdade que algumas, mais esclarecidas, olharam o Movimento com expectativa e de forma muito positiva. A Igreja, a hierarquia, pôs séries reservas ao Movimento, quando em 1958, a Lourdes Pintasilgo e outras mulheres o quiseram implantar em Portugal. Além do nosso Bispo, como disse, creio que só o Bispo de Coimbra as aceitou!

Na sua “filosofia estatutária” e perspectiva de Igreja, devo dizer que o Graal estava muito à frente para a sua época! Daí que o Concílio lhe tenha dado razão em muitas coisas e forçou a **abertura de portas**. Na sua visão, a promoção humana da pessoa e a respectiva evangelização são duas componentes que se complementam perfeitamente. Se é verdade a frase de Jesus Cristo “nem só de pão vive o homem”, também não deixa de ter razão o ditado popular: “não se pode pregar a estômagos vazios”.

A ideia anterior permite-nos atestar que a sapiência das Mulheres do Graal residiu na capacidade de conciliar os valores sociais com os valores cristãos, harmonização perceptível no Projecto Promoção Humana e Evangelização. Movidas por uma espécie de “Humanismo Cristão”, estas mulheres viviam a sua fé através de uma abertura “à dimensão do outro”.

Segundo o sacerdote, naquela altura “um jovem /adulto sem grande experiência da vida humana, social, religiosa e pastoral cristã”, o contacto com o Graal abriu-lhe horizontes e permitiu uma visão global da Pessoa, recorda:

“ Com um grupo de jovens/adolescentes, organizámos uma catequese, podemos dizer, modelo: com reuniões semanais, preparávamos, por classes, as lições respectivas; o tema específico era apresentado para toda a classe, normalmente por mim, durante dez minutos; seguia-se o trabalho do pequeno grupo com a respectiva catequista. As presenças rondavam os cem por cento. Aos Domingos, cerca de meia hora antes da Eucaristia, as crianças e as Catequistas faziam a preparação das leituras, cânticos...

O projecto tinha, normalmente, três bolseiras em comissão de serviço, uma Educadora de Infância, uma Assistente Social e uma Agente Rural. Faziam-se reuniões de Pais, algo verdadeiramente inovador e motivador”.

Perguntámos-lhe, em jeito de síntese, de que forma o projecto contribuiu para o desenvolvimento local, nomeadamente da vila de Alegrete. Salientou que:

“O desenvolvimento local foi o aspecto mais motivador e gratificante do Projecto Promoção Humana e Evangelização. Começou-se por reunir as pessoas que, por qualquer motivo, eram consideradas “líderes” na Comunidade e por ela aceites. Depois procurava-se criar neles a consciência das suas capacidades. Fazia-se o levantamento/elenco das situações positivas e negativas. O que estava bem mas que se podia melhorar; o que estava mal e tinha que ser mudado; o que fazia falta e era possível criar ou promover. Foi, assim, que surgiu o Jardim-de-infância de Alegrete, as actividades de Tempos Livres... O espaço para instalar estas valências conseguiu-se, *forçando* a Câmara a fazer as obras necessárias nas duas salas da antiga escola primária. Criaram-se cursos de Saúde e Higiene materno/infantil, bordados... Organizaram-se cursos de alfabetização, preparando pessoas de todas as idades para fazerem o exame da 4ª classe; e ainda um curso nocturno para o antigo 2º ano do liceu que cerca de duas dezenas de pessoas aproveitaram. Todas estas actividades tiveram o seu suporte jurídico na Santa Casa da Misericórdia que, estando praticamente moribunda, recebeu nova vida.

Se é verdade que o Projecto não teve influência directa na construção da nova Sede da Sociedade Recreativa Musical Alegretense, verdadeiro *ex libris daquela histórica vila*, também é verdade que a consciência da força comunitária que esteve na base daquela iniciativa foi o fruto da semente, anteriormente lançada”.

Com o Padre Américo concluímos esta parte do trabalho, com a ideia que as mulheres do Graal foram autenticamente mulheres combativas, verdadeiras defensoras do desenvolvimento local.



## 4.2 O Projecto Promoção Humana e Evangelização na sua vertente educativa, social e evangelizadora: segundo uma análise cronológica dos seus relatórios

Um movimento que procurou coligar valores humanistas a um absoluto amor a Cristo.

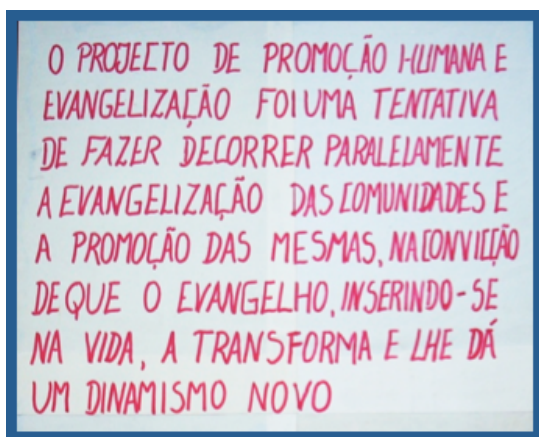


Figura 3 - Cartaz com os objectivos do Projecto

Nesta parte do trabalho visamos apresentar uma perspectiva histórica sobre a acção do Movimento Graal em Portalegre a partir de uma leitura crítica dos seus relatórios, desde 1965 a 1971.

De forma a compreendermos o nosso objecto de estudo, o projecto Promoção Humana e Evangelização, importa relembrar que se trata de um movimento de mulheres leigas, nascido na Holanda, dedicado às

“demandas sociais e espirituais do mundo”.

Objecto de censura e de fortes limitações, por parte do Cardeal Manuel Cerejeira, o que em última instância o impede de “ser” na Diocese de Lisboa, o movimento é forçado a procurar “novos caminhos”.

Assim, numa espécie de analogia com a lenda de Parsifal, o movimento caminhou da Holanda para Lisboa e de Lisboa para Portalegre. De facto, a própria filosofia do Graal assenta simbolicamente neste sentimento de contínua demanda.

Centrando-nos na “demanda” do Graal em Portalegre, o que nos transporta mais especificamente para os anos sessenta a setenta do século vinte, diremos que o facto de a Diocese ter acolhido o movimento, com o assentimento do Bispo D. Agostinho de Moura, viabilizaria a posterior realização do Projecto Promoção Humana e Evangelização. Projecto que se irá desenvolver em Portalegre e nas aldeias em seu redor. Este projecto foi, efectivamente, fruto de um rigoroso período de diagnóstico, chamar-lhe-emos de diagnóstico social, seguindo-se de uma fase de intervenção que visou dar resposta às carências locais, não deixando, no entanto, de se guiar pelos grandes princípios do movimento, estes, sim, à escala

internacional. Pensamos que se tratou de uma acção, desde a sua génese, promotora do desenvolvimento comunitário local.

No relatório de avaliação do Projecto Promoção Humana e Evangelização datado de 1969/70, expõem-se as razões que conduziram ao surgimento do mesmo. Lê-se nesse documento:

“O aparecimento do Projecto de Promoção Humano do Graal deve-se à convergência de vários factores:

- A consciência da necessidade de um trabalho de promoção social – então visto em termos de desenvolvimento comunitário – nas zonas rurais menos favorecidas do país;

- A existência de um grupo com os recursos humanos e técnicos indispensáveis para iniciar uma acção desse tipo;

- A ligação desse grupo com o Movimento Internacional Graal, onde experiências semelhantes se estavam a realizar em vários países, sobretudo na África e América Latina;

- A viabilidade concreta de uma acção na zona de Portalegre, onde o Bispo da Diocese se mostrou receptivo à realização de um trabalho na linha do desenvolvimento comunitário junto das populações da região”.

Quanto à zona de intervenção do projecto, esta compreendia: “todo o concelho de Portalegre, numa área de 424, 54 km e a freguesia de S. Salvador de Aramenha do concelho de Marvão, numa área de 54,425” e mais especificamente as freguesias que se seguem:

Alagoa;

Alegrete (Vila de Alegrete, Vale de Cavalos e Montarecos);

Carreiras;

Fortios;

Reguengo;

Ribeira de Nisa (Monte Carvalho, Monte de Paleiros e Vargem)

Sé (cidade de Portalegre)

São Lourenço (cidade de Portalegre)

Urre e Caia

S. Salvador de Aramenha (S. Salvador, Portagem e Porto de Espada).

No mesmo relatório (1969/70) são descritos dois grandes objectivos do Projecto:

“Contribuir para a promoção humana global de populações rurais, procurando que elas se tornem, cada vez mais, sujeitos conscientes e dinâmicos do seu próprio desenvolvimento;

E contribuir para o despertar das consciências por parte das camadas evoluídas do país face às responsabilidades que lhes cabem no desenvolvimento das zonas rurais”.

Estes objectivos são ainda clarificados em metas mais específicas:

Quanto ao primeiro objectivo, importava promover:

“A conscientização progressiva de pessoas e grupos em relação às coordenadas fundamentais do desenvolvimento na situação imediata em que se encontram.

O empenhamento em acções concretas que visem a melhoria do nível de vida económico e cultural das populações”.

Em relação ao segundo objectivo, estava em causa:

“Tornar patente, através de uma acção-piloto, a validade e a possibilidade de acções de transformação sociocultural, ao nível da iniciativa privada, em zonas rurais do país. E fornecer um campo de acção e experimentação a jovens (profissionais e voluntários) interessados em empenhar-se directamente nessa transformação”.

De forma a compreendermos os objectivos anteriormente traçados, recorreremos, em termos metodológicos, a uma análise cronológica, uma vez que, ao longo dos anos, a equipa nacional do Graal empreendeu uma avaliação sistemática do trabalho realizado no âmbito do “Programa de Promoção Humana e Evangelização” expressa em relatórios mensais, trimestrais e anuais, redigidos em português e francês, que passamos a expor.

Desta forma, é de referir que no relatório geral, de planificação das actividades do Movimento Graal para o ano de 1965, em termos nacionais e locais, são delineadas as áreas de acção do movimento, a saber: cultural, social, formação cristã, litúrgica e formação residencial.

Tendo em conta os objectivos traçados, o Projecto Promoção Humana e Evangelização abraçará as áreas acima referidas. A área social é apresentada como prioritária, sem se descurar, no entanto, as outras áreas:

“Este ano a equipa de trabalho no sector social será formada por sete estagiárias das Escolas de Serviço Social de Coimbra e Lisboa, quatro agentes de educação rural e uma educadora de infância.

Manuela Silva será a responsável por esta área, o que implicará que a mesma se encontre regularmente com esta equipa de forma a avaliar os trabalhos e a diagnosticar possíveis problemas que possam surgir no terreno.

Prevê-se a colaboração voluntária de alguns estudantes da escola normal e da escola técnica de Portalegre os quais farão um curso de iniciação geral às técnicas de desenvolvimento comunitário.

O Projecto neste ano encontra-se já em prática nas vilas de Alegrete, Caia, Urra e Fortios. Prevendo-se a extensão do mesmo a outras vilas, fruto dos contactos regulares que se têm estabelecido por uma equipa itinerante. Visa-se ajudar as pessoas a tomar consciência das condições sociais do país e a envolvê-las na procura de soluções. Prevê-se realizar acções no centro do Graal em Portalegre com o objectivo de sensibilizar jovens estudantes e profissionais de Lisboa, Porto e Coimbra para estes temas.”

Teresinha Tavares é neste relatório (1965) apontada como a responsável pelo centro residencial de Portalegre e pela área de formação cristã em Portalegre e nas localidades em seu redor.

A área de formação cristã incluía um processo de catequese para diferentes faixas etárias. Estava em causa ensinar a relação existente entre a mensagem cristã e a vida. Contava-se com a colaboração da equipa residencial e, ainda, com a colaboração de alguns seminaristas. Trocavam-se pontos de vista com os padres das freguesias referidas. Como exemplo, refere-se que na paróquia de São Lourenço, em Portalegre, se realizou durante o período da Quaresma a Celebração da Palavra a cargo de um grupo de paroquianos entre os quais se destaca, pelo seu dinamismo, a própria Teresinha.

Outra conquista importante, prendeu-se com a preparação, por uma comissão local coadjuvada pelas responsáveis do projecto, da fixação de um pároco na freguesia de Alegrete, o que não acontecia há já 50 anos. Este facto trouxe confiança e um certo dinamismo à população local, pois “associadamente” conseguiram atingir o seu objectivo, ultrapassando com sucesso as adversidades encontradas. O valor da união e a conjunção de esforços são princípios a perdurar.

É de salientar a linha de diálogo que o projecto procurou promover com as entidades locais e com outros organismos, como os escuteiros e os grupos de acção católica, o que ilustra uma vontade de cooperação e abertura.

No relatório trimestral de Outubro a Dezembro de 1965 evidencia-se que a vida cultural da cidade de Portalegre é uma das dimensões a enriquecer e deste diagnóstico decorre a necessidade de criar algumas actividades de interesse cultural. Assim, neste período de tempo, foram planificados alguns encontros destinados a pequenos grupos de pessoas interessadas. De entre estas actividades é de referir a leitura comentada da peça “*À espera de Godot*” e a dramatização de um conto de Tolstoi, actividades que visavam o despoletar de um sentido crítico face à vida. A avaliação destas actividades foi extremamente positiva. É

referido que nestas actividades estiveram presentes à volta de trinta raparigas e senhoras da cidade.

A valorização da cultura como um espaço de virtualidades a explorar, por um lado, e a percepção de que só a formação integral da pessoa a pode ajudar a construir uma sociedade melhor, por outro, são valores que alumiam o projecto e que explicam a sua filosofia.

O projecto crê no ser humano como um ser dinâmico, reflexivo, e é neste sentido que a educação aflora como condição necessária para a sua promoção, isto é, para a conquista de uma acção verdadeiramente livre e consciente.

Nesta linha de actuação, salienta-se que durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1965 um grupo de treze senhoras, empenhadas em reflectir sobre o mundo e os seus problemas, se encontrou com alguma frequência para discutir diversos artigos do boletim *“Igreja em Diálogo”*. Posteriormente lê-se que um grupo de pessoas da cidade se reuniu para “ouvir as impressões que a Manuela Silva retirou da sua viagem a Israel”. Nestas actividades encontra-se implícita uma vontade de compreender o mundo e as suas “movimentações”, o que exigia neste período da história do nosso país alguma prudência pelos motivos já equacionados.

Por outro lado, as pessoas viviam numa espécie de “submissão” face ao seu destino que era preciso contrariar, urgia mudar as mentalidades, ou seja, fazer com que as pessoas se tornassem cidadãos activos e reflexivos. Era necessário contrariar e resistir ao que parecia ser uma fatalidade, ultrapassar a inércia com que se aceitavam os factos e mudar.

Tendo, por base a ideia de que a educação é condição para o desenvolvimento dos povos são, então, ensaiadas diversas actividades que visam o despertar desta consciência.

Já no relatório trimestral de Janeiro a Abril de 1966 é mencionado que no fim-de-semana de 4 e 5 de Janeiro se realizou no Centro Residencial um encontro destinado a um grupo de jovens professoras, subordinado ao tema “Abertura ao mundo de hoje”. É mencionado posteriormente que no dia 3 de Fevereiro um grupo de professores do liceu e da escola técnica se reuniu com o propósito de reflectir sobre “as novas técnicas de ensino activo”.

A avaliação da última actividade referida é assim expressa: “Embora tenhamos tido uma participação reduzida nesta actividade, apenas um grupo de dez pessoas, cremos que é um tipo de iniciativa que não devemos abandonar, pois é através deste tipo de actividade que poderemos estar em contacto com os jovens profissionais, professores, de forma a ajudá-los a descobrir perspectivas mais dinâmicas no exercício da sua profissão”.

A vertente educativa do projecto encontra-se latente nas actividades de experimentação referidas anteriormente. Na verdade, a pedagogia de Paulo Freire é abraçada



**Figura 4** - Cursos de Formação feminina

como uma alternativa à escola tradicional. Precisava-se de educadores inovadores e reflexivos, voluntários, que fossem capazes de dar a palavra a quem aprende.

Chegar às populações mais rurais era uma missão a não descurar. O projecto estende-se, assim, às vilas e aldeias em volta de Portalegre.

No relatório semestral de Abril a Setembro de 1996 afirma-se:

“ O programa nas vilas em torno de Portalegre incluiu visitas às famílias, várias ajudas nos trabalhos agrícolas, encontros com jovens raparigas, actividades recreativas com as crianças e serões culturais para toda a população”.

Este pensamento divergia da política educativa vigente. Ultrapassava a simples ambição de combater o analfabetismo, conquista que se pensava que por si só nos colocaria ao nível dos outros países da Europa.

O projecto Promoção Humana e Evangelização pretendia ir mais longe, o enfoque era dado aos processos de aprendizagem, valorizando-se os conhecimentos experienciais, as pessoas e as suas histórias de vida. Visava-se o “crescimento integral das pessoas” e consequentemente uma melhoria das condições de vida em comunidade, numa união entre a fé e a vida. A vulnerabilidade das condições de vida agrilhoava as pessoas a uma atitude de demissão que importava alterar. Estava em causa uma valorização do local e das suas potencialidades.

Importa ainda destacar que no relatório semestral, de Abril a Setembro de 1966, dentro da rubrica “eventos importantes” há uma referência a um acontecimento determinante na história do Graal em Portugal, que consistiu no consentimento por parte do Cardeal Cerejeira para que o Movimento pudesse existir oficialmente na Diocese de Lisboa. Esta atitude explica-se pelas dinâmicas ditadas pelo Concílio Vaticano II e que abria múltiplas portas ao Graal, permitindo assim a sua expansão a outras regiões:

“Não poderemos deixar de mencionar a permissão da existência oficial do Graal em Lisboa dada pelo Cardeal Cerejeira.

Com a intenção de encontrar as linhas de actuação do Graal em Lisboa, os seus membros e participantes reuniram-se no mês de Maio para discutir as diferentes possibilidades de actuação.”

Ao lado de Coimbra e a partir desta data de Lisboa, Portalegre constituía-se como um importante Centro de Acção do Graal em Portugal por via do Projecto Promoção Humana e Evangelização.

No relatório geral referente ao ano 1966 afirma-se vasto programa de intervenção:

A “acção empreendida pelo projecto engloba: o estudo dos problemas da região abrangida, que poderão afectar o seu desenvolvimento; a realização de programas de educação social, orientados para a comunidade em geral, para a formação de mulheres e raparigas, para a instrução básica de adultos e para actividades recreativas com crianças e jovens; a animação de projectos de índole comunitária, visando a melhoria das condições de vida das populações. Esta acção concretizou-se nas seguintes actividades:

- . Campanha de higiene da habitação, em 6 aldeias (Carreiras, Ribeira de Nisa, Reguengo, S. Julião, S. Salvador e Alegrete), com a colaboração de uma enfermeira do Instituto Maternal.
- . Programas de formação de mulheres e raparigas, através de cursos de formação familiar, noções de puericultura, culinária, economia doméstica, costura, (em Porto de Espada, Escusa, Fortios e Alagoa).
- . Curso de alfabetização no Centro Social de S. Bartolomeu (bairro da periferia da cidade).
- . Actividades educativas regulares com crianças de Alegrete, Centro Social de S. Bartolomeu, Montinho, Restolhinho (freguesia de S. Julião), Salão Frio (Portalegre) e Fortios.
- . Programas culturais para a comunidade (sessões regulares de cinema, seguidas de discussão) em Alegrete, S. Bartolomeu e Escusa.
- . Animação de projectos comunitários que, indo ao encontro de necessidades sentidas pela população, permitem simultaneamente a formação de quadros locais de desenvolvimento”.

Estas actividades são possíveis graças a um trabalho de voluntariado que o Graal consegue movimentar.

No relatório anual de 1967 afirma-se que a acção do Graal, integrada no esforço de renovação que anima toda a Igreja, se orientou sobretudo para o aprofundamento das grandes linhas pós-conciliares, ou seja, o empenhamento consciente e dinâmico da Igreja com os problemas do mundo, o que reforça os objectivos do projecto:

“a. Contribuir para a promoção humana das populações, através de um programa de educação social, com vista à sua dinamização e ao seu empenhamento na melhoria das próprias condições de vida.

b. Despertar para a fé e para uma vivência cristã integrada as populações locais, através da colaboração com a pastoral paroquial.

c. Estimular nos meios mais evoluídos, sobretudo entre mulheres e raparigas, a consciência da sua responsabilidade na evolução das comunidades menos favorecidas”.

Este último aspecto versa sobre uma outra questão central para o movimento, que se prende com o papel da mulher no tecido social e dentro da própria Igreja. Defendia-se que as mulheres poderiam ser cidadãs cristãs activas com direito à educação e ao trabalho. O debate visava pôr em prática um novo paradigma face à forma de conceber as relações de género. Alicerçava na ideia de que as mulheres poderiam contribuir para o processo de edificação de uma sociedade mais “verdadeira”.

Ano após ano, o projecto vai-se expandido a outras localidades e o número de membros, bem como de participantes, vai tendo algumas alterações de acordo com as actividades empreendidas. Pelo núcleo residencial de Portalegre passam assistentes sociais estagiárias, elementos do Graal Internacional, entre outras. O Graal dinamizou pontes com outras entidades, nomeadamente as principais universidades do país, acolhendo muitos estagiários que foram dando forma ao Projecto Promoção Humana e Evangelização.

A mobilização das pessoas passava essencialmente por uma dinâmica de voluntariado extremamente notória. Neste período da história tomava forma uma vontade cristã centrada em ajudar os mais desfavorecidos e construir entusiasticamente a história. Era o acordar de uma consciência cívica cristã, sobretudo nas camadas estudantis.

Outra nota interessante a destacar é o facto de algumas actividades, neste período, abraçarem convidados exteriores ao núcleo do movimento e de algumas serem planificadas e organizadas em parceria com outras entidades.

Assim, no mês de Janeiro 1967 relata-se: “organizámos um encontro subordinado ao tema “Diálogo ecuménico “ orientado pelo Padre Marcelino, (futuro Bispo de Aveiro), pelo Sr. António Teixeira e pela Teresinha Tavares. Para esta acção foi convidado o pastor da Igreja Evangélica de Portalegre. Este encontro realizou-se na sala da Biblioteca Municipal e reuniu aproximadamente cem pessoas.”

Face a este breve relato é de acentuar, em primeiro lugar, o número expressivo de pessoas que assistiram ao evento e, por outro lado, as próprias instalações em que o mesmo se realizou, não já o núcleo residencial do Graal mas a Biblioteca Municipal, o que demonstra



existir uma plena integração do movimento na cidade, contribuindo, este, por seu lado, para o enriquecimento da vida cultural, bem como para “o crescimento espiritual da mesma”. Não nos pode ser indiferente o facto de ser um evento centrado no diálogo entre Igrejas, um verdadeiro acto de comunhão, sincronizado com as linhas pós-conciliares. O movimento vai-se, assim, desvinculando de uma atitude de “clandestinidade” e os seus feitos começam a dar frutos, vão-se desenhando e redesenhando valores fulcrais.

Em termos gerais, avalia-se o ano de 1967 como um período em que se procurou uma maior estruturação do Graal no nosso país e um fortalecimento do compromisso de todas as participantes – casadas e solteiras, estudantes e profissionais – na sua missão comum: “a missão de, como mulheres, entrarem conscientemente no movimento histórico que conduz a humanidade para uma maior plenitude humana e para uma manifestação cada vez mais visível do Reino de Deus na Terra”.

Maria de Lourdes Pintasilgo é apresentada como Vice-Presidente Internacional do Graal no relatório atrás assinalado. Este dado permite-nos recordar a dimensão transnacional do movimento e poderá ser interpretado como um possível indicador da visibilidade, em termos internacionais, do trabalho que estava a ser feito no nosso país: Maria de Lourdes Pintasilgo representava, pois, uma rede de solidariedade feminina que crescia no seio de um país ainda tradicionalista.

Estamos agora em 1968 e no relatório de Maio a Julho desse ano importa destacar uma nova referência que nos ajuda a compreender a dimensão internacional do movimento e a visibilidade que o projecto Promoção Humana e Evangelização conquistou:

“Manuela Silva, que passou alguns dias em Roma de forma a participar num Congresso na linha do seu trabalho profissional, encontrou alguns amigos do Graal e falou-lhes do projecto de Portalegre.

Mary Boyd e Francis Martin estiveram alguns dias em Lisboa, onde orientaram um encontro sobre o trabalho do Graal no Gana e na Nigéria e outro sobre alguns aspectos da vida americana.

Maria de Lourdes Pintasilgo, após o seu regresso dos Estados Unidos, realizou um encontro em Lisboa onde partilhou algumas das suas impressões sobre este país”.

O reconhecimento da eficiência do movimento começa a ser manifesto também em Portugal, o que se deveu, como já anteriormente afirmámos a uma nova postura, pós-Concílio, por parte da Igreja. A ilustrar esta ideia, no relatório semestral supracitado, na rubrica sobre as relações estabelecidas com as estruturas da Igreja e outras organizações são

mencionados dois acontecimentos capitais. Em primeiro lugar, a referência ao facto de Maria de Lourdes e Teresa terem sido recebidas por sua Excelência o Cardeal Patriarca de Lisboa, encontro em que tiveram ocasião de informar o Sr. Cardeal sobre o trabalho desenvolvido na Diocese e os projectos do movimento.

Outra referência a reter é o relato da visita do Sr. Bispo de Portalegre a algumas das aldeias onde o Projecto Promoção Humana e Evangelização se encontrava implementado.

De novo aflora a questão de educação. O projecto reorienta os seus esforços no ano de 1968, no sentido de promover um programa de educação social que incidirá sobre os problemas do desenvolvimento local, envolvendo as próprias pessoas neste empreendimento.

Este reforço da dimensão educativa do projecto implicou uma campanha de alfabetização em Portalegre e nas vilas em seu redor, no período de 10 de Agosto a 15 de Setembro de 1968. Dos recursos humanos para empreender esta campanha fizeram parte, em termos locais, a própria Teresinha Tavares, juntando-se a ela uma equipa de preparação técnica formada pelos seguintes elementos: Manuela Silva, Justina Sepúlveda, Alfredo Bruto da Costa, Luís França ajudados por uma equipa de filólogos. Catorze voluntários, sendo a maior parte estudantes, juntaram-se a este projecto.

“O objectivo do programa foi ensinar a ler e a escrever os adultos e ao mesmo tempo ajudá-los a tomar consciência de certos valores fundamentais da sua vida enquanto seres humanos.

A alfabetização foi feita seguindo o método ensaiado no nordeste brasileiro pelo sociólogo Paulo Freire, as palavras-chave do ponto de vista linguístico foram escolhidas por ligação a um certo conteúdo ideológico, que permitiu fazer ao mesmo tempo a alfabetização e a conscientização.

Todos os participantes se demonstraram bastante responsáveis e entusiasmados pelas possibilidades oferecidas pelo método”.

O enfoque dado ao método de Paulo Freire permitiria, então, aceder à escolarização de uma forma distinta do caminho convencional, importava valorizar as pessoas e as suas experiências de vida, apetrechando-as com competências de leitura e de escrita, mas também reflexivas e críticas. Este propósito centrava-se na convicção irrenunciável de que “a nossa vida pode ser transformada”. O fim último deste projecto de alfabetização e pós-alfabetização versava sobre a melhoria das condições de vida das populações.

É esta ideia de mudar que explica a construção de grandes pilares sociais em Portalegre e em algumas aldeias como os jardins-de-infância de Alegrete, São Bartolomeu e

mais tarde de São Cristóvão (Atalaião). Outros programas em curso complementavam o aspecto educacional do projecto, conferindo-lhe um cunho social e cultural, tais como o programa de educação sanitária, o projecto de artesanato local em Caia (centro de tecelagem) e nos Fortios (pré-cooperativa de rendas), a catequese de adultos e crianças, a formação cristã de jovens, actividades recreativas em várias aldeias, ocupação de tempos livres das crianças, formação doméstica e espaços de reflexão despoletados por sessões de cinema e peças de teatro.

Dos programas referidos destaco o discernimento do projecto de artesanato, viabilizado pelas Cooperativas de Caia e dos Fortios, que se veio a constituir como uma forma de sustentabilidade para muitas mulheres. Julgamos ter existido uma intenção subjacente à criação destes projectos que foi o permitir que estas mulheres pudessem progredir economicamente, através de um trabalho criativo e moldado às suas capacidades. Condição que lhes permitiria, em última análise, ajudar a promover a sustentabilidade das respectivas famílias. O conceito de cooperativismo encontra-se plasmado nestas iniciativas.

A importância do projecto não passou despercebida, o que explica as várias visitas de estudo. Só no ano de 1968, deslocaram-se a Portalegre estudantes de diversas instituições, interessados em conhecer o trabalho realizado pelo movimento, tais como: as Escolas de Agentes de Educação Familiar Rural de Braga, Roriz e Leiria, as Escolas de Auxiliares Sociais de S. Pedro de Alcântara e de S. Vicente de Paulo, os Institutos de Serviço Social de Coimbra e Lisboa e o Instituto Superior de Estudos Sociais de Évora.

Em 1969 registam-se as visitas das Escolas de formação de Educadoras de Infância e de Formação de Agentes de Promoção Rural, ambas de Coimbra.

O culminar deste reconhecimento passou pelas visitas de várias entidades públicas como o Ministro da Saúde e Assistência, o Director-Geral de Assistência à Família, o Senhor Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco, dirigentes da Acção Católica, Sacerdotes de uma paróquia de Lisboa e numerosos amigos, tal como se encontra registado no relatório anual de 1969.

A dinâmica do projecto vai avançando e no final do relatório referente a 1969 coloca-se a possibilidade de no ano seguinte se proceder a uma reestruturação do projecto Promoção e Evangelização, decorrente de algumas necessidades sentidas:

“O recrutamento e formação de Animadores Locais que assumam o papel até agora realizado pelas Agentes de formação familiar rural.

A constituição de equipas polivalentes de carácter móvel, que venham a actuar de forma intensiva nos locais considerados estratégicos.

Finalmente, um maior enquadramento e envolvimento de voluntários na dinâmica global do projecto”.

O crescimento significativo do bairro de São Cristóvão, um bairro novo de famílias de operários, legitimou a criação de um Centro Social. A dinâmica deste centro contou com o contributo fundamental da ainda hoje recordada, Assistente Social, Maria Luísa Tavares, que coordenou as seguintes iniciativas de animação local: criação de um jardim infantil e sua orientação; salas de estudo para crianças de idade escolar; reuniões de pais e outras pessoas interessadas em temas relacionados com a educação infantil; actividades com jovens, com encontros regulares para discussão de vários temas, passeios e tardes de convívio; preparação de grupos de adultos para o exame da 4ª classe; tardes de convívio abertas a toda a população; apoio à festa anual do santo padroeiro do bairro.

A importância do centro e as características deste bairro não eram alheias ao Estado o que explica a visita do Presidente do Conselho de Ministros, o professor Marcelo Caetano, tal como é descrita no relatório anual de 1970/71.

Chegados a 1971, verificamos que estavam lançadas as sementes de uma grande obra com autonomia necessária para florescer. O Projecto Promoção Humana e Evangelização foi uma experiência pioneira em Portugal que assentou num forte compromisso com os mais desfavorecidos, acreditando no postulado de que é possível mudar.

A exequibilidade do projecto residiu na capacidade de comunicação interpessoal e institucional do movimento, permitindo, assim, a emergência de estruturas de apoio ao desenvolvimento, ainda hoje existentes e importantes para a população local.

“É, pois, de esperar que o Projecto Promoção Humana e Evangelização – concebido desde o seu início, como um projecto-piloto interessado em lançar e ensaiar experiências novas no domínio da acção sociocultural – venha, em breve, a procurar novos caminhos e linhas de actuação. Essa procura far-se-á, certamente, em diálogo e colaboração com todas as pessoas e entidades que, desde o início, têm apoiado e estimulado a acção do Projecto.”

Na verdade, esquecer esta experiência seria um grande erro.

“O trabalho orientou-se sobretudo para grupos estratégicos, tendo presente duas “ideias-força” fundamentais:

.O valor da pessoa, como ser crítico e dinâmico capaz de transformar a história e de criar cultura;

. A solidariedade entre os seres humanos.”

Neste projecto, articularam-se desenvolvimento comunitário, processo de conscientização por via da alfabetização, voluntariado, Igreja em diálogo, cooperação, associativismo/cooperativismo e educação social, sendo de sublinhar o carácter pioneiro de que ele se revestiu em Portugal e de como foi antecipatório de outros movimentos que, com características diferentes, se desenvolveriam nos anos seguintes a 1974.

### 4.3 Rostos do Movimento em Portalegre: Teresinha Tavares, Ema Brazão e Rosa Cruz

“...o combate da mulher é um combate da humanidade...”  
Samora Machel

#### 4.3.1 Um projecto de vida: Teresinha Tavares

A entrevista feita a Teresinha Tavares decorreu de uma conversa informal, pois embora tenhamos feito previamente um guião de entrevista, acabámos por optar por uma metodologia de entrevista não directiva, com o objectivo de não limitar a nossa conversa apenas a uma relação pergunta e resposta. As ideias a seguir apresentadas foram, portanto, fluindo de forma natural, tendo em conta a riqueza do testemunho da nossa entrevistada.

Na verdade, não podemos deixar de referir que durante os encontros estabelecidos vivemos um ambiente de empatia acolhedora por parte da nossa entrevistada, que simpaticamente nos abriu as portas da casa do Graal, na Golegã.

Assumindo uma atitude completamente nova, este grupo de jovens universitárias católicas alimentava uma vontade comum de encontrar um movimento, diferente dos que conheciam, que lhes “servisse para a vida toda” e que desse resposta às suas aspirações. Teresinha recorda:

“Em 1957 a Maria de Lourdes Pintasilgo foi a um encontro internacional, porque ela era a presidente da *Pax Romana*<sup>9</sup> (movimento de estudantes e intelectuais católicos). Neste evento, ela encontrou a Rosemary (do Graal da Austrália) e falaram sobre o Graal.

A Maria de Lourdes, quando regressou, disse ao restante grupo de jovens: eu já encontrei uma coisa que serve para nós, escusamos de estar a inventar outra”.

O testemunho de Rosemary a Maria de Lourdes Pintasilgo foi o início de uma experiência que iria marcar o rumo da vida daquelas estudantes e constituiu o ponto de partida para a vinda do Graal para Portugal.

---

<sup>9</sup> Pax Romana – tratava-se de um movimento internacional de intelectuais católicos, fundado em Roma, em Abril de 1947.

Segundo a nossa entrevistada, na altura, numa tentativa de perceber melhor o movimento e a sua dinâmica, Maria de Lourdes Pintasilgo foi à Holanda, enquanto Teresa Santa Clara Gomes, outra das jovens estudantes, foi aos Estados Unidos da América.

Após o regresso da Holanda estavam então reunidas as condições para iniciar oficialmente o movimento e partir para o terreno.

“A presidente internacional do Graal veio a Portugal e tivemos algumas reuniões com ela. Na Páscoa de 1961 três de nós foram à Holanda. Viemos de lá com a intenção de começar o Graal oficialmente em Portalegre e em Coimbra, porque em Lisboa não era muito boa altura. O Sr. Cardeal não estava muito seguro, desconfiava dos avanços do Graal, porque era um movimento inovador que tinha começado na Holanda; e na Holanda a igreja nessa altura era muito avançada, muito progressista”.

Nos primeiros anos do arranque do Movimento, em Portugal, as jovens encontravam-se em casa de Maria de Lourdes Pintasilgo:

“Neste período inicial reuníamos em casa da Maria de Lourdes Pintasilgo, num apartamento que ela tinha. Eram momentos de convívio, de reuniões, de formação cristã, que íamos fazendo de uma maneira muito informal”.

Teresinha refere que a posição pouco receptiva por parte do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, contrastando com a abertura demonstrada pelo Bispo de Portalegre e Castelo Branco, em conjunto com os objectivos do movimento, na altura, foram as condições para iniciar a “aventura” do Graal em Portalegre.

“Eu conhecia bem a zona de Portalegre. Éramos sempre recebidas pelo Sr. Bispo, D. Agostinho de Moura, que gostava muito de conversar connosco. Julgo que ele era uma pessoa muito aberta, que reconheceu o contributo que as mulheres podem trazer à sociedade. Naquele tempo era raro existir uma mentalidade assim”.

Teresinha lembra, ainda, que mais tarde, depois do Concílio Vaticano II e face ao trabalho desenvolvido em Portalegre, o Cardeal Patriarca de Lisboa acabou por reconhecer o valor do movimento.

Teresinha Tavares, membro actual do Graal, e uma das professoras que estiveram no início do projecto em Portalegre, ilustra-nos desta forma esses dias: “Éramos todas professoras nas quatro escolas principais da cidade e isto deu-nos um enraizamento que nos permitiu estabelecer uma relação com as famílias dos alunos. O povo gostava muito de nós, éramos novas e simpáticas.”

Centrando-nos na experiência de Portalegre, os primeiros contactos com a população foram muito positivos e são, assim, descritos:

“O facto de nós sermos professoras foi-nos permitindo um contacto grande com a população. Nós estávamos nas principais escolas da cidade e isso facultou-nos um grande enraizamento e uma relação com os alunos e as famílias. Depois, através do padre Nuno e de outros padres conhecidos, começámos a ir às paróquias deles, o que foi muito interessante! E mesmo a Maria de Lurdes Pintasilgo e a Teresa Santa Clara Gomes, que viviam em Lisboa, vinham muitas vezes a Portalegre, e acompanhavam-nos nas visitas a essas aldeias. As coisas foram andando, o povo gostava muito de nós, quando chegavam as meninas do Graal sentíamos-nos acarinhadas pois aceitavam-nos muito bem, até porque nós éramos apresentadas nas aldeias através do Senhor padre”.

Paralelamente a esta conquista de enraizamento, começaram a surgir algumas situações menos positivas com a Igreja local, situações decorridas sobretudo no segundo e terceiro anos:

“As dificuldades começaram quase logo a seguir (isto foi em 61/62), é assim, não há bela sem senão. A nível de igreja começaram os cursos de cristandade e nós não quisemos fazer parte destes cursos. Por isso, a nível dos cristãos sentíamos-nos, na igreja, completamente afastadas. Os nossos 2º e 3º anos em Portalegre foram muito maus.

Depois, quando começámos a ir aos bairros de Portalegre, São Bartolomeu e Vila Nova, apercebemo-nos da miséria em que as pessoas viviam, e das condições em que as crianças habitavam, pois nem sequer iam à escola. Foi o primeiro choque da minha vida. Então decidimos, a Regina Tavares da Silva (que se foi embora mais tarde para os Estados Unidos da América), a Celeste de Sousa e eu, começar a trabalhar com os pobres da terra. Deixámos o Colégio Diocesano, pois o colégio era um colégio de pessoas ricas e não queríamos lá continuar.

Esta atitude foi interpretada como um grande escândalo, pois o Sr. Bispo argumentava que era educando as elites que se conquistava um futuro melhor, eram as elites os agentes de mudança. E nós contra-argumentávamos: *Sr., Bispo, nós não acreditamos nisso. Não são elites que vão trazer a mudança, é o povo, é na educação do povo que importa apostar*. Esta atitude fez com que o Sr. Bispo nos deixasse quase de falar e o mesmo aconteceu com vários padres”.

Este clima de desconfiança em relação ao movimento acabou por se alastrar a outras pessoas e não só ao clero portalegrense. Teresinha Tavares diz-nos que as próprias pessoas dos bairros começaram a olhar para elas com alguma desconfiança. Vivia-se um ambiente de inquietação que só foi ultrapassado com os “ventos de mudança” oriundos do Concílio



Vaticano II. É de salientar, que neste período mais conturbado as “professoras do Graal” contaram com a ajuda do Sr. Padre Marcelino, que nunca deixou de as apoiar, e de um grupo de intelectuais, no qual se incluía o próprio José Régio.

“Neste período, o padre que continuava a dar-se connosco era o padre Marcelino, depois o grupo do José Régio, o grupo que formava a tertúlia, mandaram dizer-nos que tinham ouvido falar muito de nós no café, não nos conheciam, mas agradava-lhes o que tinham ouvido. Então o Dr. Florindo disse-nos, nós não temos a vossa coragem para irmos aos bairros, mas queremos colaborar convosco. E disse: Se necessitarem de apoio financeiro ou de um carro venham falar connosco. Foi uma porta aberta. O Padre Marcelino e este grupo do José Régio foram dois suportes para nós”.

Nas palavras de Teresinha, o Concílio do Vaticano II trouxe uma mensagem nova de fé centrada no diálogo com o mundo e com as suas necessidades. Esta abertura da Igreja consequentemente deu um rumo novo ao Graal:

“O Sr. Bispo foi para o Concílio Vaticano II. O Concílio foi um abrir de janelas. Quando o Bispo regressou, parecia ter começado a perceber a nossa postura. Daí para a frente tudo se alterou, não foi como no início, mas mantivemos uma relação normal. Nem muita confiança nem muito afastamento. Ele percebeu a nossa atitude, o sentido de irmos para os bairros operários falar com as pessoas e mais tarde a nossa intenção de entrarmos em cheio no meio rural”.

É desta forma evidente e clara que Teresinha nos fala desses tempos de emergência do projecto:

“O projecto de promoção humana e evangelização vem no seguimento destes primeiros contactos informais, tínhamos encontros com raparigas, nós ensinávamos o que elas precisavam de aprender, cantava-se, reflectia-se sobre os problemas que elas nos punham; depois fomos vendo, conhecendo as necessidades daquelas pessoas. E na medida em que fomos conhecendo as necessidades daquelas pessoas começaram a surgir algumas acções; acções essas que coincidem com o início do projecto”.

Vivamente ocorre-lhe ainda recordar o caso particular de Alegrete uma das aldeias em que o movimento mais investiu:

“O de Alegrete singrou. Tínhamos duas mestras, mãe e filha, preparámos a filha – auxiliar de educação – e arranjou-se um espaço na casa do povo e começaram a vir as crianças. Começou, assim, o Jardim-de-Infância de Alegrete. Nós fizemos muitas coisas em Alegrete, muitas. Começámos com

campos de trabalho, antes do Jardim-de-infância. Nós fizemos muitas peças de teatro com essas raparigas dos campos de férias. Pegávamos em peças de vários escritores e nos campos de férias, as raparigas que neles participavam ensaiavam com as pessoas da terra. O que esta actividade visava era levar cultura à população e desenvolver as pessoas, nós usávamos o teatro como um desafio, alguma coisa que nos põe diante do problema e nos faz depois reflectir”.

Teresinha acompanhou todo este crescimento do Graal e com ele cresceu também. O seu projecto de vida é, em suma, viver a tempo inteiro com autenticidade e alegria a aventura pensada há 50 anos atrás:

“O Graal marcou-me para a vida. Eu escolhi o Graal por várias razões, mas as mais fortes são o facto de ser um movimento internacional e ser um movimento que trabalha nesta linha da mudança social, de mudar a realidade. E foi em Portalegre que nasceu este sentimento, devido à pobreza e à riqueza que, convivendo, não se tocavam. Por isso eu queria estar num grupo que trabalhasse nessa linha e onde não trabalhasse sozinha. Eu sempre tive a consciência de que sozinha não era capaz de nada, em grupo éramos capazes de fazer algo mais significativo. E depois o Graal tinha uma dimensão internacional, sabemos que nos Estados Unidos da América e em África se está a tentar fazer a mesma coisa. As grandes linhas de acção são definidas em assembleias internacionais, depois de se fazer uma análise da situação do mundo e depois cada grupo vai aplicá-las. O facto de sentirmos que há grupos por todo o mundo a tentar fazer a mesma coisa do que nós dá-nos muita força.

Quando eu escolhi o Graal os meus pais não perceberam. Se eu tivesse ido para freira eles perceberiam. E depois escolhi não casar, mas a minha família não pôs obstáculo nenhum. Mesmo nos últimos anos de vida, a minha mãe dizia: eu ainda não percebo muito bem isto que tu escolheste, mas acho que fizeste muito bem, *estás sempre rodeada de gente, sempre alegre, estás feliz*”.

Por via da alfabetização e na linha da pedagogia de Paulo Freire, o projecto avança no terreno procurando gerar acções empreendedoras.

Assim, Teresinha Tavares diz-nos:

“Em 65, começámos a fazer o levantamento temático, segundo o método Paulo Freire. Importava fazer um levantamento dos problemas das pessoas. Por isso, centralizávamo-nos na maneira como elas falavam, e a partir daí tomávamos nota das palavras mais repetidas, dos termos que tínhamos captado expressos com mais intensidade. No fim o Lindley Cintra e Teresa Santa Clara fizeram a escolha das palavras, pois, segundo o método Paulo Freire, para aprender a escrever bastam 23 palavras.

O primeiro grupo de alfabetização foi em 68 e abrangeu algumas localidades do distrito de Portalegre, nomeadamente o concelho de Marvão e intensivamente fazia-se alfabetização. Vinham jovens universitários de Lisboa, Porto e Coimbra trabalhar connosco. Quando eles se iam embora, então recrutavam-se pessoas dali, e continuávamos todo o ano, mas não todos os dias, íamos somente duas ou três vezes por semana aos vários locais. A população aderiu em absoluto. Em Alegrete, acabavam-se as aulas às dez horas da noite e depois dançava-se e cantava-se. Muitos destes estudantes que fizeram parte destes projectos ficaram marcados para a vida”.

A propósito ainda de Paulo Freire, Teresinha Tavares falou-nos da importância que a pedagogia deste autor teve na sua vida e na forma como passou a avaliar e a viver a educação de adultos:

“A minha formação inicial é em Geologia, mas desde que conhecemos o Paulo Freire fomos entrando na sua pedagogia e comecei a interessar-me mais sobre a educação dos adultos do que propriamente sobre a minha área disciplinar. A minha maneira de dar aulas mudou totalmente. Paulo Freire e a sua pedagogia marcaram-me profundamente. É uma pedagogia que parte sempre da realidade, ajuda a pessoas a reflectir e depois a organizarem-se para mudarem, para mudarem a sua vida”

#### 4.3.2 Rosa Cruz, o Graal uma família

“ A gente vinha de mãos dadas, sem pressa de nada pela rua. Totoca vinha me ensinando a vida. E eu estava muito contente porque meu irmão mais velho estava me dando a mão e ensinando as coisas....”

*O meu pé de laranja e lima*

Rosa Cruz foi professora na Urra durante trinta e um anos. Recorda que foi com dezanove anos que iniciou esta actividade:

“Deslocava-me todos os dias para a Urra no autocarro que ia para Elvas, que me deixava na estrada e depois tinha que seguir a pé até à escola cerca de dois quilómetros.”

Acompanha o Graal desde a sua implementação, em Portalegre, até aos dias de hoje e colaborou no Projecto Promoção Humana e Evangelização.

Começa por recordar que a vinda do movimento para Portalegre foi possível graças à abertura que o Sr. Bispo Dom Agostinho manifestou em relação ao movimento. Afirma que, do ponto de vista da Diocese, o Sr. Bispo necessitava de professores formados, católicos, para avançar com o Colégio Diocesano.

Assim, Teresinha Tavares, Tomásia Santa Clara Gomes, Helena Amorim e Celeste Maria reuniam as condições desejadas para fazerem parte do corpo de docentes desta instituição. Por outro lado, enquanto elementos do Graal e docentes, a actividade que desempenhavam em várias escolas da cidade, e cumulativamente no Colégio Diocesano, permitir-lhes-ia conhecer os alunos e as suas famílias, ou seja, compreender a realidade vivida por estes e, em última instância, conhecer a cidade e as suas especificidades.

Depois de uma breve estadia numa casa no largo do Paço, o Graal instala-se na rua dos Canastreiros, local que se constituirá como centro do Graal em Portalegre.

Este espaço foi a casa mãe do Projecto Promoção Humana e Evangelização, “centro de cidade”, sendo palco de inúmeras actividades, nomeadamente de índole cultural.

Rosa Cruz relata-nos que dentro do centro se realizavam com regularidade serões culturais em que se discutiam temas, se liam poemas, se ouviam músicas, se partilhavam ideais e muitas vezes se sonhava com a liberdade.

As músicas de Francisco Fanhais e as poesias de Manuel Alegre eram alguns dos exemplos do que se ouvia e sobre o que se reflectia nestes serões, não descurando os espaços de oração.

O ambiente à volta destes serões envolvia alguns riscos, pois não esqueçamos que se vivia nesta altura um período de censura, em que a liberdade de expressão era alvo de relevantes restrições, vivia-se um tempo em que a liberdade de expressão era “asfixiada” pela política do Estado.

Como exemplo desta falta de abertura face ao novo, que se experimentava na época, relembra a figura do Padre Bugalho, padre da paróquia de São Cristóvão, na altura, que frequentemente era conduzido à polícia em virtude da forma apelativa e criativa como conduzia a Homilia, fora dos princípios estabelecidos.

Maria do Carmo, amiga da nossa entrevistada e colaboradora do Graal, relembra que na Eucaristia se repartia efectivamente pão e vinho.

Em oposição a esta atitude, o padre da Urra continuava a celebrar a missa em latim, enfeitando as acções das mulheres do Graal, que através de cartazes procuravam esclarecer o povo quanto ao significado e sentido da Celebração.

Depreende-se que foi um trabalho difícil que exigiu transpor muitos obstáculos e resistências.



**Figura 5** - Era necessária criar condições para promover as pessoas

Em continuação, afirma-se que a acção do Graal em Portalegre foi fundamental para o desenvolvimento social de algumas das zonas mais desfavorecidas da cidade, nomeadamente o Bairro do Atalaião e as zonas da Vila Nova e de São Bartolomeu. Depois de um período de diagnóstico, era necessário avançar. O lema era criar condições para promover as pessoas.

Fora de Portalegre, é de referir a criação da cooperativa de bordados e tecelagem da Urra e da cooperativa de rendas nos Fortios. Em Alegrete, a abertura do infantário é um dos aspectos a sublinhar na acção do Graal nesta localidade. Para a sua abertura foram buscar a mestra da terra, Ana Rita Ramalhete, que foi a primeira educadora desta instituição.

Em todas as acções do Graal, é de sublinhar a forma como se abordavam as pessoas, o que passava por um extremo respeito por estas e uma sensibilidade autêntica sobre as suas necessidades: “ Faziam sentir as pessoas gente.”

De forma a ilustrar esta ideia, lembrou que num dos serões dinamizados pelo Graal na Urra, onde se encontrava presente a economista Manuela Silva, elemento do Graal, na altura responsável pela parte social do projecto, um idoso queixou-se da falta de um médico na terra.

Relata-nos que, face a este desabafo, Manuela Silva pegou na queixa do senhor e levou as pessoas a pensarem nas condições que era necessário criar para que um médico se quisesse fixar na terra. Tratou-se de um exercício em que se convidou as pessoas não só a pensarem nos seus problemas como em dinâmicas para os poder ultrapassar.

Ao reflectirmos sobre este episódio, encontramos nele um vínculo à pedagogia de Paulo Freire. Na verdade, poder-se-á afirmar que na solicitação que é feita à reflexão se encontra implícito um apelo à “conscientização”.

Na obra, *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma:

“O fato de me perceber no mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História.

Gosto de ser gente porque mesmo sabendo que as condições materiais, económicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento da nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Nos anos de 1960, preocupado já com esses obstáculos, apelei para a conscientização não como panaceia mas como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos, vale dizer, de suas razões de ser.” (1996, p. 54)

É uma cidadania activa que visava levar as pessoas a conquistar. O princípio que regia o Projecto Promoção Humana e Evangelização pretendia, em primeiro lugar, a promoção do ser humano e em seguida a evangelização: “Depois de as pessoas se assumirem como gente estavam capazes de seguirem então a Palavra de Jesus”.

Neste sentido, a educação, e mais especificamente a educação de adultos, surge, então, como condição indispensável para esta conquista. A educação é sentida como uma forma de “intervir no mundo” e de o transformar.

Rosa Cruz fala-nos de alguns professores de Portalegre que voluntariamente colaboraram no projecto, sobretudo na sua vertente educativa. Deste grupo destaca a professora Domingas Valente.

O problema do analfabetismo comunicado pelo Estado, neste período, implicou a construção de algumas medidas que passaram pela criação de um Plano Nacional de Educação Popular. No entanto, estas medidas apenas visavam a diminuição da taxa de analfabetismo, para que, assim, o país pudesse acompanhar os restantes países da Europa. Na verdade, estas medidas revelaram-se inoperantes e o país continuava a revelar graves carências em termos sociais e económicos. Por outro lado, o verdadeiro sentido de educação, entendido como uma forma de crescimento pessoal e total, foi totalmente esquecido.

Face a isto, o Graal adopta um outro discurso que assenta numa pedagogia em que, mais que informar, o que verdadeiramente importava era formar, ou seja, era apetrechar as pessoas com competências que lhes permitissem criticamente construir as suas vidas. Este discurso era dirigido a ambos os sexos.

A invisibilidade da mulher em relação à vida da “Cidade” e da própria Igreja foi mais um dos desafios assumidos por estas mulheres. Era essencial alterar este cenário, as mulheres do Graal acreditavam num novo “paradigma de feminilidade”, numa nova vida, que passava por uma cidadania activa por parte das mulheres. A mulher poderia ser mais do que “rainha ou fada do lar”. Poderia ser protagonista de uma vida escolhida, decidida e não apenas consentida.

Em jeito de conclusão, a nossa entrevistada relembra a figura de Maria de Lurdes Pintasilgo como um dos grandes pilares do Graal e realça a sapiência que a qualificava: “Uma mulher com projectos para as cidades futuras”.

#### 4.3.3 Uma experiência de vida: Ema Brazão

A entrevista realizada a Ema Brazão, actualmente directora da Creche e Jardim-de-infância da Santa Casa da Misericórdia de Alter do Chão, decorreu de uma conversa informal em que a nossa entrevistada enérgica e entusiasticamente historiou a sua passagem pelo Graal:

“No Graal, dava muito de mim, mas recebi muito mais. Para mim, o Graal foi muito positivo, muito importante. Quando estou nas coisas, gosto de dar muito de mim.”

Assim, Ema Brazão viveu o Graal como uma experiência de vida nos anos oitenta e essa experiência marcou para sempre o sentido da sua existência. Parte desta experiência foi vivida em Mação, onde viveu, e mais tarde em Portalegre. É de salientar que a nossa entrevistada esteve ligada ao Movimento numa fase posterior ao Projecto Promoção Humana e Evangelização, permitindo-nos, assim, apreender os novos rumos que o Movimento tomou depois da suspensão deste Projecto.

“Para mim o Graal foi um movimento que me enriqueceu muito, foi espectacular a todos os níveis; deu-me uma visão diferente da vida, do mundo, permitiu-me ver para lá do nosso *Portugalzinho*”.

Na verdade, as suas palavras permitem-nos relembrar o carácter internacional do movimento e a sua riqueza como espaço de reflexão, de descoberta de valores e de estilos de vida diferentes. Um movimento que ao longo da sua existência recusa a indiferença face ao mundo e aos outros, que reflecte sobre as vias e perspectivas para que o “novo” possa acontecer. Em suma, que convida a **“mudar-a-vida”**.

De realçar que, em sua casa, Ema acolheu várias mulheres estrangeiras que pertenciam ao movimento e que vinham a Portugal em formação, participar em encontros ou conhecer a realidade do Graal em Portugal:

“Quando recebíamos pessoas do estrangeiro, as características muito próprias das várias culturas não chocavam, toda a gente se aceitava e respeitava os seus hábitos”.

Ema é esposa e mãe de família, situação existencial que não a impediu de participar activamente no movimento. Descreve desta forma, a relação com o marido:

“O meu marido nunca me impediu que eu fosse ou fizesse o que quisesse. No meu casamento, o que resultou foi respeitarmo-nos. Mas as mulheres não podiam estar muito tempo fora, era logo motivo para haver desavenças”.



Ema relata os momentos no Graal em que aprendeu a viver de acordo com os valores da simplicidade e da partilha como símbolos de uma sabedoria de vida de comunhão e de partilha sustentada pela fé em Jesus Cristo. No Graal era assim:

“Às vezes, a Ondina dizia: Oh, Ema, não temos mais pão. E eu dizia: “Não faz mal, partem-se as fatias fininhas que enchem a cesta e parece muito”. Outra coisa que eu aprendi no Graal foi saber viver com a maior das simplicidades, e ainda hoje, às vezes tenho pouco pão em casa, vou partir o pão e penso, isto não chega para todos. Ah! Parte-se à Graal – parte-se às fatiazinhas fininhas, coloca-se na cestinha e tem de chegar. Neste sentido “partir o pão à Graal é a partilha, que chega a todos”.

Quanto aos primeiros anos do Graal, mais especificamente, a experiência do Graal em Portalegre, a nossa entrevistada relata-os como momentos em que o ponto forte foi a alfabetização das mulheres.

“Aprendi muita coisa. Quando se começou a falar das dinâmicas de grupo, já eu utilizava este método, há muito tempo, aprendi com elas, no Graal.”  
“Nos anos 80, em Portalegre, tínhamos muitas reuniões, fizemos encontros de formação de jovens, de escuteiros, no sótão. Saímos muitas vezes”.

Conta-nos que teve o privilégio de estar várias vezes com a Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo. E retrata-a com esta autenticidade:

“Nas formações com a Maria de Lurdes Pintasilgo, houve uma que me encheu as medidas: Viver na Ética e na Estética. Nas coisas simples, no bom gosto, na verdade, na seriedade, tudo isso ela defendia. Ela andava sempre muito à frente do mundo, sempre, sempre à frente.  
Hoje, está provado, a nível quer da igreja e sem ser da igreja, que a Maria de Lurdes Pintasilgo foi uma mais-valia, e podia ter sido muito mais, para o país e para a própria Igreja. Porque ela andava muito mais à frente de tudo e de todos; e Portugal nunca reconheceu o valor que ela tinha; ela sofreu muito, tanto que morreu nova. Mas era uma mulher extraordinária, onde ela punha a mão resolvia tudo.”

Em termos de conclusão, ficam as palavras da nossa entrevistada:

“Foi uma experiência muito rica, muito valiosa e que ainda hoje está viva em mim, apesar de eu já ter saído do Graal há alguns anos.”

#### **4.4 Pequenos grandes frutos do Projecto Promoção Humana e Evangelização**

Chegados a esta fase do nosso trabalho, importa estabelecer algumas considerações, através das quais procuraremos realçar os aspectos essenciais que nos foi possível apreender por via da análise efectuada ao nosso objecto de estudo. Está em causa demonstrar aquilo a que chamámos pequenos grandes frutos do Projecto Promoção Humana e Evangelização. Falamos de pequenos grandes frutos do projecto porque julgamos que as mulheres do Graal, de forma corajosa, plantaram “pequenas sementes” junto das comunidades locais, em Portalegre e nas aldeias em seu redor, as quais viriam a transformar-se em importantes iniciativas de promoção do desenvolvimento local.

Assim, recorreremos, numa primeira instância, à última nota informativa do projecto, datada de Maio de 1974, em que se apresenta uma espécie de balanço final do mesmo. Neste documento começa-se por ressaltar a importância de uma nota informativa anterior, relativa ao período decorrente entre Outubro de 1970 até ao início do ano de 1973, onde é clara a intenção de o projecto vir a encaminhar para outros “quadros” algumas das iniciativas por ele desencadeadas e apoiadas. Face a esta intenção, podemos afirmar que a essência do projecto, aqui visível, residiu na construção de empreendimentos que fossem capazes de crescer autonomamente, de que são exemplos o Infantário de São Bartolomeu e o Centro Social e Jardim de Infância de São Cristóvão. Construções que ainda hoje continuam a ser pilares sólidos, com um papel substancial no quotidiano das comunidades locais.

Neste gesto aflora, mais uma vez, a pedagogia de Paulo Freire. Na verdade, em Portalegre e nos seus arredores, a missão do Graal consistiu em despertar num conjunto de cidadãos a consciência das suas capacidades, para que estes pudessem dar um rumo novo às suas vidas, através de uma atitude de verdadeiro empreendedorismo, contribuindo para o desenvolvimento integral do meio social.

Recordando as conversas que estabelecemos com a professora Rosa Cruz e com Teresinha Tavares, a propósito das dinâmicas desenvolvidas em Alegrete, destaca-se que o projecto teve o mérito de ir buscar as pessoas da terra, exemplificando esta ideia com o caso da antiga mestra de Alegrete que, apetrechada com novos conhecimentos e técnicas, adquiridos em cursos promovidos pelo movimento, incorporou a primeira creche de Alegrete.

O caminho seguido foi o de uma progressiva autonomização das referidas “obras”. Em Maio de 1974 considera-se que este objectivo foi efectivamente alcançado.

Especificamente sobre o trabalho realizado no Centro Social de São Bartolomeu, afirma-se que em Dezembro de 1974, com a conclusão das obras do novo centro social, se procedeu à suspensão das actividades do anterior jardim-de-infância, propondo-se uma nova Direcção – uma espécie de aliança entre membros da Caritas e das Conferência de São



**Figura 6** - O teatro e o cinema enquanto recursos pedagógicos

Vicente de Paulo –, a qual viria a assumir a total responsabilidade pelas acções futuras. Na altura da realização deste relatório, Maio de 1974, esta nova Direcção encontrava-se em processo de formação. O projecto continuaria disponível para prestar qualquer tipo de colaboração que lhe fosse solicitada. É a passagem para uma nova fase, um novo rumo que se conquista: o início da

autonomia. Atrás ficou o centro antigo, implantado em 1964, com a ajuda da Câmara Municipal, num pré-fabricado.

Na conversa que estabelecemos na Golegã com Teresinha Tavares, a nossa entrevistada relatou-nos que o centro social foi implantado em São Bartolomeu depois de feito um estudo sobre a situação e as necessidades das famílias daquele bairro. Assim, após algumas reuniões de preparação, criou-se um plano de acção que contemplava:

- O jardim-de-infância, no qual se inscreveram, logo no início, 32 crianças;
- Actividades de ocupação de tempos livres para crianças com idade escolar (cerca de 18 crianças),
- Cursos de instrução primária para adultos.
- Sessões culturais e recreativas, entre as quais se destaca a passagem de filmes, (actividades tornadas possíveis com a electrificação do bairro).

A emancipação social foi conquistada graças à intervenção do projecto. Hoje o infantário de São Bartolomeu continua a acolher crianças da cidade, sendo uma obra de interesse comunitário. A metodologia que permitiu esta conquista baseou-se na intervenção

como uma estratégia de formação para a mudança, estratégia orientada para a resolução dos problemas com a participação dinâmica dos próprios destinatários do projecto.



**Figura 7** - Valorização do papel da mulher na sociedade

Centrando-nos no trabalho desenvolvido em Caia, na nota informativa de Maio de 1974 afirma-se que o projecto criou, estimulou e apoiou, durante cerca de dez anos, o Centro de Tecelagem de Caia, com o intuito de que este viesse a ser totalmente auto-gerido, em regime cooperativo, pelas mulheres

daquela localidade. Refere ainda este documento que em 1973 se verifica uma alteração no rumo deste projecto, visto que a orgânica do centro se tornara demasiado complexa, sentindo-se a necessidade de efectuar uma simplificação dos métodos de produção e comercialização anteriormente adoptados.

Reconheceu-se a existência de algumas dificuldades na implementação da referida auto-gestão, pelo que se tomou a decisão de proceder à suspensão do centro de tecelagem enquanto empreendimento colectivo, organizando-se algumas mulheres para continuar aquele trabalho, a nível de pequeno grupo, totalmente auto-gerido. Considerou-se que a reestruturação da modalidade de gestão, embora abrangesse um número mais restrito de mulheres, correspondia de forma mais segura à capacidade real daquele grupo e aos objectivos com que o centro fora inicialmente criado.

É de salientar que os princípios que estão por detrás desta acção entroncam numa dinâmica associativa em que o papel da mulher é valorizado. Recordemos que, nesta altura, o interior vivia sob uma ruralidade condicionada por uma extrema pobreza, em que as mulheres estavam destinadas aos trabalhos do campo e à lide doméstica. O Graal reivindicou um estatuto diferente de participação da mulher na vida social, o que não se constitui como uma tarefa fácil num meio tradicional e fechado. Abolir o conformismo e exercitar uma vida activa no feminino foi mais uma das conquistas efectuadas.

Em continuação, a nota informativa de Maio de 1974 expõe-nos a ideia de que a acção empreendida pelo Projecto Promoção Humana e Evangelização, nesse período de tempo, teve como principal enfoque de actuação o bairro de São Cristóvão (Atalaião).

Este bairro apresentava características muito específicas por se tratar de um bairro em que a maioria dos habitantes era composta por famílias de operários. É de referir que os



**Figura 8** - Educar uma prioridade para a vida

primeiros operários que foram residir para este bairro eram trabalhadores da Fábrica de Lanifícios de Portalegre, sobretudo tecelões que, através de empréstimo com custos controlados, aí construíram as suas habitações. Posteriormente, algumas famílias de operários da Fábrica Robinson também iriam viver para o referido bairro. De reter que estas fábricas desempenhavam, na altura, uma importante

função económica na cidade, enquanto principais entidades empregadoras (duas velhas e acreditadas indústrias locais).

A acção do projecto neste bairro girou à volta do centro de convívio e do jardim infantil. Entre as actividades desenvolvidas, e ainda em curso no ano de 1974, destacam-se:

- A animação do jardim infantil, frequentado nos dois últimos anos lectivos por uma média anual de 40 crianças, a quem eram servidas duas refeições diárias;
- A organização de salas de estudo para crianças de idade escolar, com a frequência anual de 25 crianças;
- A organização de cursos de instrução primária e do ciclo preparatório para adultos, com uma frequência total, nos dois anos anteriores, de 62 participantes;
- A orientação semanal de debates sobre temas da actualidade, com a participação dos adultos que frequentavam o ciclo preparatório;
- A orientação de reuniões com os pais das crianças do jardim infantil, com uma média de 20 presenças por encontro;
- A animação de espaços de convívio com jovens e adultos do bairro;
- A animação da comunidade paroquial nas suas diversas expressões, nomeadamente a liturgia, a formação cristã de adultos, catequese, entre outras.

As actividades referidas foram animadas pela equipa técnica do projecto com a colaboração de duas funcionárias da Caixa de Previdência e Abono de Família de Portalegre, destacadas para funções de serviço doméstico no jardim infantil.

De referir que o centro social e jardim infantil de São Cristóvão no início funcionava com todas as valências no edifício antigo do Boletim Meteorológico. Posteriormente, e como o número de crianças aumentou significativamente, houve a necessidade de aumentar também

o número de salas e, além do edifício referido, ocupou-se também uma parte do edifício do Centro de Trabalhadores de São Cristóvão, instalações que ainda hoje são ocupadas pelo centro social.

O propósito da equipa do projecto em relação a estas obras foi de as tornar independentes, sendo clara a intenção de passar as responsabilidades, até àquele momento exercidas pela equipa, para os órgãos locais representativos da população. Assim, teriam de ser ponderadas algumas condições para efectivar esta aspiração, que passamos a citar:

- Importava encontrar uma forma de vir a entregar a orientação e a administração do jardim infantil e das actividades com as crianças de idade escolar a uma comissão de pais representativa do órgão que iria assumir a gestão das Caixas de Previdência no distrito de Portalegre;
- Quanto ao Centro Recreativo Popular do Bairro de São Cristóvão, desejava-se atribuir a uma Direcção representativa dos moradores do bairro a responsabilidade por todas as actividades de carácter cultural e educativo, até àquela data empreendidas com a colaboração do Projecto Promoção Humana e Evangelização.
- A comunidade paroquial do bairro encarregar-se-ia de continuar a estimular a dinâmica da paróquia por via de uma participação responsável e activa.

Prevvia-se assim que algumas das técnicas do projecto continuassem a dar o seu contributo àquela comunidade.<sup>10</sup>

Cogitada a autonomia, tendo surgido um sentimento de missão cumprida, havia que traçar novos rumos. Em conformidade com a lenda do Graal, era necessário “procurar novos caminhos”.

Evoquemos, por último, a vitalidade do momento histórico que se vivia aquando da realização do relatório que acabámos de analisar, Maio de 1974. Neste período, brotava esperança, a conquista mais nuclear da humanidade germinava em cada decisão: a liberdade.

“Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo”.

Sophia de Mello Breyner Andresen

---

<sup>10</sup> “O Projecto de Portalegre permitiu abrir portas para, mais tarde, levar o Governo de então a criar um serviço público de âmbito nacional, intitulado “Serviço de promoção social comunitário”, o qual ganhou grande visibilidade em todas as regiões do Continente e da Madeira”. (Manuela Silva, 2008)

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

## **5.1 O sentido projectivo do movimento e em particular do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo como uma das figuras titulares do Movimento**

Eis a razão por que este sagrado Concílio, proclamando a sublime vocação do homem, e afirmando que nele está depositado um germe divino, oferece ao género humano a sincera cooperação da Igreja, a fim de instaurar a fraternidade universal que a esta vocação corresponde. Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objectivo: continuar, sob a direcção do Espírito consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido.<sup>11</sup>

Analisando o excerto anterior, pensamos que nele se manifesta um dos capitais desígnios do Concílio, que consistiu numa absoluta abertura da Igreja ao mundo, tendo em vista um contributo activo da Igreja para o seu enriquecimento, por via de um profundo amor a Cristo. Esta vontade abraçada pela filosofia do Graal orientou toda a acção do movimento em Portalegre. Assim, cooperar foi o mote adoptado que norteou todo o Projecto Promoção Humana e Evangelização. As mulheres do Graal, numa total entrega ao próximo, lutaram de forma determinante para que em Portalegre e nos seus arredores se conquistasse um novo rumo para a vida das suas gentes e, em particular, das mulheres, um rumo de verdade e fé, mas também de compromisso para com a vida e com os outros. A Pessoa é perspectivada como sujeito e agente de mudança e transformação social, protagonista da construção do seu futuro pessoal e colectivo.

Pela análise realizada, ao longo do nosso trabalho, podemos concluir que o movimento fundou a sua acção numa coexistência entre valores humanistas e um cristianismo autêntico. A “caridade” que transparece na acção das mulheres do Graal é sinónimo de amor: amor ao próximo e amor a Cristo.

De sublinhar que esta entrega ao próximo passou por uma consciência interventiva que se materializou em diferentes acções, no âmbito do Projecto Promoção Humana e Evangelização. Este projecto desenvolveu-se com base numa valorização das capacidades dos seus destinatários, uma vontade de os ajudar a crescer, tarefa engenhosa tendo em conta o

---

<sup>11</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos- Declarações e Documentos Pontifícios, p. 346.



contexto histórico e social da sua implementação. Abraçando a pedagogia de Paulo Freire, acreditava-se ser possível a mudança e isso teria de acontecer a partir da própria vontade das pessoas, equacionava-se uma “revolução” que teria de partir de dentro das próprias pessoas. As mulheres do Graal eram mulheres combativas, com uma visão muito ampla da realidade e com plena consciência de que era imperativo mudar. As mudanças a operar teriam de começar com a “conscientização do povo”. A forma de chegar à “conscientização” obrigava a um processo formativo, pelo que a educação surge como a chave para o desenvolvimento. É nesta linha de pensamento que a educação de adultos é perspectivada como uma prática do projecto, por via da qual se julgava poder combater o analfabetismo.

Conforme Freire, “a alfabetização pressupõe não um acumular, na memória, de frases, palavras e sílabas deslocadas de vida, coisas mortas ou semi-mortas, mas uma atitude de criação e de recriação. Supõe uma autoformação susceptível de levar o homem a intervir” (Freire, 1974 p. 104).

Assim, face à questão que colocámos no início do nosso trabalho, julgamos que o Projecto Promoção Humana e Evangelização, por via da sua acção, comprovou que a conquista do desenvolvimento das comunidades passa pela educação das suas gentes.

Importa referir que os testemunhos das nossas entrevistadas, três mulheres ligadas ao Movimento Graal que, apesar da sua individualidade, são coincidentes na forma como referem e exaltam a acção da Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo como uma das figuras mentoras do Movimento Graal em Portugal. Na verdade, através das suas palavras, não só realçam a grandeza da sua personalidade, como elogiam o seu pensamento e a sua capacidade de equacionar o futuro. São unânimes em considerar que muitas das suas reflexões anunciavam os acontecimentos presentes, consequência económica e social de todo um processo que denunciava. O legado do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo interpela-nos no sentido de “Cuidarmos o Futuro”.

Num artigo publicado na revista *Educação*, de Junho de 1995, Maria de Lourdes Pintasilgo refere que:

“O compromisso em relação ao futuro está também presente de outra forma. Ao salvaguardar a natureza, estaremos também a salvaguardar a vida das futuras gerações, de um modo como nenhuma outra geração teve de fazer em anteriores períodos de história.

Finalmente, esta pessoa-no-mundo é sempre uma pessoa-com-outras-no-mundo. E este ser “com-outras” é tão vital que se pode tornar o último valor pelo qual a vida do indivíduo pode ser medida (...).”

Na linha de pensamento da autora, diremos que a educação alcança um papel preponderante enquanto agente de mudança; no entanto, ela própria deve ser alvo de transformação, para que possa ser entendida como uma “aprendizagem permanente”.

É de salientar que a Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo nunca se desligou do Graal. Na verdade, ocupou diversos cargos ao longo da vida, nomeadamente o de Embaixadora, Primeira-Ministra de Portugal, mas continuou a viver de acordo com os valores e a filosofia do Graal.

No último número das Publicações Terraço, Isabel Allegro de Magalhães descreve desta forma a acção de Maria de Lourdes Pintasilgo:

“O que me parece singular, e forte, no posicionamento da Maria de Lourdes como mulher cristã e política, são os nexos que a par e passo foi estabelecendo entre a sua condição de crente em Jesus Cristo e o seu empenhamento social, cultural e político: uma articulação substancialmente pensada e repensada, vivida, dita escrita. Encontrei pela primeira vez Maria de Lourdes Pintasilgo no contexto do primeiro grupo do Graal em Portugal. E vi, como o vejo hoje, o Graal como um modo de ser-igreja, pela pertença a uma “tribo” ou “morada” como diria Teresa de Ávila, de entre as muitas - tribos ou moradas - que existem dentro da Igreja. Uma tribo habitada pelo fortíssimo sentido de uma fé que apela à contemplação de Deus dentro da presença no mundo: na responsabilidade pela sua transformação e pela inscrição de um Sentido último na História. E foi seguramente também por este entendimento da implicação da fé na História, da Igreja no Mundo, que o Graal surgiu, para a Maria de Lourdes, como a grande escolha da sua vida. (Magalhães, 2006, p61).

Terminado o projecto Promoção Humana e Evangelização, a acção do Graal continuou em Portalegre sobre outras formas. A missão era dar resposta a outros desafios, não descurando a área do desenvolvimento comunitário.

Com a chegada do 25 de Abril, o país mudou, mudando também os “códigos de linguagem” e as dinâmicas de acção. Sob o signo da liberdade, importava, então, encontrar soluções concretas e produtivas para a resolução dos problemas do país.

O quadro a seguir apresentado é indicativo da evolução que a sociedade portuguesa viveu entre os anos sessenta e os anos noventa do século passado. Não pretendemos fazer um estudo exaustivo deste quadro, no entanto, não poderemos deixar de chamar a atenção para alguns dos indicadores nele presentes que de alguma forma ilustram as alterações ocorridas na sociedade portuguesa. Certas variáveis apresentadas são indicativas das conquistas pelas quais o Graal lutou e apelou, como o caso da taxa de actividade global feminina, que passa de 13% em 1960 para 44,6% em 1991. Significativo é, também, o indicador da taxa relativa ao índice de mulheres empresárias e dirigentes, que passa de 6,6 % em 1960 para 27,1 %, em 1990.

	1960	1970	1981	1991
<b>Indicadores de recomposição sociocultural</b>				
Taxa de actividade global	37,5	39,4	42,5	44,6
Taxa de actividade global feminina	13,0	19,0	29,0	35,5
População activa no sector primário	43,6	31,7	19,7	11,2
População activa no sector secundário	28,9	32,3	38,7	37,4
População activa no sector terciário	27,5	36,0	41,6	51,3
<b>Estrutura de Classes</b>				
Empresários e dirigentes	6,0	3,0	4,4	8,5
Profissionais técnicos e de enquadramento	2,6	4,9	7,9	11,7
Trabalhadores independentes	3,8	7,3	7,2	8,5
Camponeses	14,1	15,2	11,3	6,2
Empregados executantes	14,6	19,4	26,0	27,1
Operários industriais	30,7	33,9	36,0	34,3
Assalariados agrícolas	28,3	16,2	7,2	3,7
Mulheres empresárias e dirigentes	6,6	10,6	15,5	27,1
Mulheres profissionais técnicas e de enquadramento	48,9	38,6	46,7	53,0
Mulheres empregadas executantes	48,9	46,2	51,4	56,8

**Tabela 1- Fonte: Recenseamentos Gerais da População, INE.<sup>12</sup>**

Este cenário bastante positivo é hoje acrescido por outros indicadores, fruto da chamada globalização, que obrigou a uma reestruturação das sociedades e dos seus valores. Novos desafios se colocam ao local.

Passados 50 anos, face ao cenário económico e social que estamos a viver, em que se agudizam os problemas sociais, em que os números relativos aos índices de pobreza dispararam, onde o interior se encontra cada vez mais desertificado e pobre, a dinâmica e os objectivos do

---

<sup>12</sup> Adaptado de Costa, António Firmino da, e Fernando Luís Machado (1998), “Processos de uma modernidade inacabada”, em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, Que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp. 17-44.

Projecto Promoção Humana e Evangelização parecem emergir como um discurso actual e pertinente: “ Urge, mobilizar as vontades de mudança, reforçar uma cidadania activa, não conformada, que contrarie o pessimismo imperante”.

Ficam as palavras do poeta:

“Pelo sonho é que vamos,  
comovidos e mudos.  
Chegamos, não chegamos?  
Haja ou não haja frutos,  
pelo sonho é que vamos.  
Basta a fé no que temos.  
Basta a esperança naquilo  
que talvez não teremos.  
Basta que a alma demos,  
com a mesma alegria,  
ao que desconhecemos  
e ao que é do dia a dia.  
Chegamos? Não chegamos?  
Partimos. Vamos. Somos”.

Sebastião da Gama 1953

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adão, Á. (1999). Educação de adultos. In Barreto, António & Mónica, Maria Filomena (Coord.). *Dicionário de História de Portugal, Vol. VII – Suplemento A/E*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, pp. 599-601.
- Anjos, I. J. (2002). “Ganhar o mundo para Cristo: uma tarefa de mulheres”. *Unimontes Científica*, 4 (nº 2).
- Amaral, A.L. (2005). Entre a ideia e o tempo. *Ex Aequo: Um Legado de Cidadania, Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Afrontamento, n.º 12.
- Barbosa, J.L. (1988). *Pastoral popular e pedagogia da libertação*. Petrópolis: Editora Vozes
- Barreto, A. (org.) (1996). *A Situação social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa. ICS.
- Belchior, F. H.(1990). *Educação de adultos e educação permanente: a realidade portuguesa*. Lisboa: Horizonte.
- Boff, L. (1976). *Teologia da libertação e do cativo*. Lisboa: Editora Multinova.
- Boff, L. (1977). *Paixão de Cristo - Paixão do Mundo. O fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Boff, L. (1978). *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Boff, L. (1984). *Teologia à escuta do povo*. Petrópolis: Editora Vozes
- Cabral, M. V. (1997). “Aspectos da condição feminina em Portugal”. In: *Cidadania Política e Equidade Social em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Canário, R. (2007). *Educação Popular & Movimentos Sociais*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (2009). “Associativismo e educação popular”. In: R. Canário e S. Rummert (orgs.). *Mundos do trabalho e aprendizagem*. Lisboa. Educa.
- Canário, R. e Rummert, S. (2009). *Mundos do trabalho e aprendizagem*. Lisboa: Educa, pp. 133-154.
- Candeias, A. (2007) *Alfabetização e Escola em Portugal nos séculos XIX e XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carmo, H. (2005) Nem cunhas nem cartas anónimas. *Ex Aequo: Um Legado de Cidadania, Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Afrontamento, n.º 12.
- Carvalho, R. de (1986). *História do ensino em Portugal, desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cavaco, C. (2009). *Adultos pouco escolarizados: políticas e práticas de formação*. Lisboa: Educa/Uidce.

- Centeno, Y. K. (1999, Novembro). *A simbólica do Graal*. Publicações Terraço, 4, pp. 5-32.
- Comissão Independente População e Qualidade de Vida (1998). *Cuidar o futuro, um programa radical para viver melhor*. Lisboa: Trinova Editora.
- Correia, H. (2006). *Faces de Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa: Graal-Terraço.
- Domingues, B. (1995). *A Humanidade de Deus*. Porto: Editora Figueirinhas.
- Domingues, B. (1998). *A religião dos portugueses*. Porto: Editora Figueirinhas.
- Domingues, B. (1998). *A Igreja e a liberdade*. Porto: Editora Figueirinhas.
- Fernandes, R. (2004). As universidades Livres e populares em Portugal e o problema da cultura Popular. *Revista Vértice*, Maio-Junho.
- Fernández, F. S. (2006). *As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas*. Lisboa: Educa - Unidade de I&D de Ciências da Educação.
- Finger, M. (2005). “A educação de adultos: quatro cenários possíveis”. In: R. Canário e B. Cabrito (orgs). *Educação e formação de adultos: mutações e convergências*. Lisboa: Educa, pp.15-30.
- Freire, P. (1975). *Educação Política e Conscientização*. Lisboa: Livraria Sá da Costa/ Instituto de Acção Cultural (IDAC).
- Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. Campinas: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1975). *Educação Política e Conscientização*. Lisboa: Livraria Sá da Costa/Instituto de Acção Cultural (IDAC).
- Freire, P. (1974). *Educação como prática da liberdade* (5ª. ed.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. (2ª ed.). Porto: Afrontamento.
- Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. Campinas. Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da Esperança* (13ª. ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2006). *Acção Cultural para a Liberdade* (12ª. ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Gaspard, F. (2005). Uma mulher. *Ex Aequo: Um Legado de Cidadania, Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Afrontamento, n.º 12.
- Geada, E. (1976). *O imperialismo e o fascismo no cinema*. Lisboa: Moraes Editores.

Graal. (1968). *Graal – Projecto de Promoção Humana e Evangelização*. Separata da Igreja e Missão (nº 34).

Graal. (1983). *Graal 25 Anos de História*. Lisboa. Edições Graal. Consultado a 4 de Maio de 2010, em: [www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Projecto.aspx](http://www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Projecto.aspx).

Gutiérrez, G. (1973). *Religión, instrumento de liberación?* Madrid: Ediciones Marova.

Gutiérrez, G. (1990). *Teología de la liberación* (14ª. ed.). Salamanca: Ediciones Sigueme

Koning, M. H. (1986), «Da palavra à acção: história de um processo de conscientização de mulheres», *Análise Social*, n.º 92-93, pp.825-851.

Koning, M. H. (2001). *Da acção à palavra ou a construção do sentido num trabalho de formação de mulheres*. Porto. FPCE-UP.

Koning, M. H. “Sobre os inícios do trabalho com Paulo Freire em Portugal”. Consultado a 4 de Maio de 2010, em:  
<http://www.fcuidarofuturo.com/documents/paulofreireportugal.pdf>.

Koning, M. H. (2005). «Cartas a Liliana sobre uma Mulher das Cidades Futuras», *ex aequo* n.º 12, 77-95.

Koning, M. H. (2006). *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.

Lima, L. C. (2006). *Educação não escolar de adultos*. Braga: Universidade do Minho.

Magalhães, I. A. (2000). *Mulher das Cidades Futuras*. Lisboa: Livros do Horizonte.

Magalhães, I. A.(2005) (coord.). *Palavras dadas de Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Magalhães, I. A. (2006). *Maria de Lourdes Pintasilgo: responsabilidade cristã e compromisso político*. Publicações Terraço, 27/28, pp.61-72.

Mazzarolo, I. *A ética e a diaconia da eucaristia*. Uma abordagem de Lc 22,14-20. Consultado a 3 de Junho de 2010, em:  
[http://www.franciscanos.org.br/itf/revistas/estudosbiblicos/77\\_2.php](http://www.franciscanos.org.br/itf/revistas/estudosbiblicos/77_2.php).

Marques, A. H. O. (1981). *História de Portugal, vol. III*, 2ª edição. Lisboa: Palas Editores.

Mattoso, José (dir.) (1994). *História de Portugal, vols. VI e VII*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Martins, A. (s/d). *O movimento associativo popular e a democracia*. Consultado a 3 de Junho de 2010, em: [http://www.25abril.org/a25abril/get\\_document.php?id=259](http://www.25abril.org/a25abril/get_document.php?id=259)

Melo, A. (2001). Agir localmente, pensar globalmente. Testemunho de um percurso inspirado em Paulo Freire. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1, pp. 115-122.



- Melo, A. (1998). O desenvolvimento local como processo educativo: impressões e opiniões autoentrevistas”. *A rede*, 2, pp.58-63.
- Mogarro, M. J. & Pintasilgo, j. (2003). A ideia de Escola para Todos no pensamento pedagógico português. In R. Fernandes & J. Pintasilgo (org.). *A Modernização pedagógica e a Escola para Todos na Europa do Sul no Século XX*. Lisboa: Grupo SPICAE, pp. 51-71.
- Mogarro, M. J. (199). História e memória da escola. *Aprender – Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*, nº 22, Julho, pp. 139-142.
- Mogarro, M. J. (2004). Os professores e as suas imagens: a profissão docente em Portugal nos anos sessenta. In M. C. Menezes (org.). *Educação, Memória e História: Leitura Cruzadas*. Campinas: Editora Mercado de Letras, pp. 451-471.
- Mónica, M. F. (1978). *Educação e sociedade no Portugal de Salazar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Moura, M. (1978). *O pensamento de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Multinova.
- Nóvoa, A. (1988). A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projecto Prosalus. In A. Nóvoa & M. Finger (org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, pp. 107-130.
- Pintasilgo, M. L. (1984). *O Graal, um movimento do nosso tempo*. Porto: Separata da Igreja e Missão. 2ª série. Ano 15. Edições Multinova.
- Pintasilgo, M. L. (1980). *Imaginar a Igreja – Reflexões Ultrapassadas*. Lisboa: Edições Multinova.
- Pintasilgo, M. L. (1998). As mulheres, a cidadania e a sociedade activa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*.
- Pintasilgo, M. L. (1998). *Cuidar o futuro – um programa radical para viver melhor*. Comissão Independente População e Qualidade de Vida, Lisboa: Trinova.
- Pintasilgo, M. L. (1998). Prefácio. In: *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora.
- Pintasilgo, M. L. (1999). Equilíbrio por um sentido de justiça. *Notícias do Milénio*, pp. 174-184.
- Pintasilgo, M. L. (2005). *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pinto, A. C. (1989). “O Salazarismo e o Fascismo Europeu. Os primeiros debates nas Ciências Sociais”, in *Salazar e o Salazarismo*. Lisboa: Publicações D. Quixote, pp. 153-188.
- Pires, M. L.T. (1967). *O livro da primeira classe*. Ministério da Educação Nacional. Porto: Editora a Educação Nacional, LDA.

Projecto Memória. (2005). *Paulo Freire educar para transformar. O método de Paulo Freire*. Consultado a 4 de Maio, em: <http://www.projetomemoria.art.br>.

Ramos, M.C. S. (2005). Possíveis de uma teologia em escritos de Maria de Lourdes Pintasilgo. *Ex Aequo: Um Legado de Cidadania, Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Afrontamento. N.º 12, pp. 169-192.

Ricoeur, P. (1987). *Teoria da Interpretação*. ( Trad. Do Inglês de Artur Morão). Lisboa: Edições 70.

Rivière, R. (1990). *Analfabetismo: prevenção e formas de o combater: algumas estratégias e experiências*. Lisboa: D.G.E.E.

Rosas, F. (Coord.) (1992). Portugal e o Estado Novo (1930-1960). In Joel Serrão e Oliveira Marques (dirs.). *Nova História de Portugal*, vol. XII. Lisboa: Editorial Presença.

Rosas, F. (1994). O Estado Novo (1926-1974). In José Mattoso (dir.). *História de Portugal*, vol. VII. Lisboa: Círculo de Leitores.

Sanches, M. F. C. (2009). *A escola como espaço social*. Porto: Porto Editora.

Silva, M. (1989). De uma lógica criadora de desigualdades a uma lógica de solidariedade. *Reflexão Cristã*, 62, pp. 27-33.

Silva, M. (1999). *A igualdade de género – caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Silva, M. (2003) (Coord.). *Dizer Deus – Imagens e Linguagens. Os textos da fé na leitura das mulheres*. Braga: Gótica.

Teodoro, A. (org.) (2001). *Educar, promover, emancipar*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

### **Sites consultados na Internet:**

<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=57839>

[http://www.Graal.org.pt/Graal/Graal\\_home.htm](http://www.Graal.org.pt/Graal/Graal_home.htm)<http://www.portal.ecclesia.pt/pub/42/noticia.asp?jornalid=42&noticiaid=57919>

<http://www.fcuidarofuturo.com>

<http://www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Projecto.aspx>

[http://www.25abril.org/a25abril/get\\_document.php?id=259](http://www.25abril.org/a25abril/get_document.php?id=259)

[http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/01\\_pensamento\\_o%20metodo\\_paulo\\_freire.html](http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/01_pensamento_o%20metodo_paulo_freire.html)

[http://dowbor.org/poder\\_local.asp](http://dowbor.org/poder_local.asp)

**Fontes impressas:**

Graal. *Dossier: Relatórios de Actividade em Portugal (1964-1974)*.

Graal. (1968). *Graal – Projecto de Promoção Humana e Evangelização*. In: Separata da Igreja e Missão (nº 34).

Graal. (1983). *Graal 25 Anos de História*. Lisboa. Edições Graal. Consultado em 4 de Maio de 2010, em: [www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Projecto.aspx](http://www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Projecto.aspx).

Silva, M. (1963/1964). Curso de Animadores Locais de Desenvolvimento Comunitário. *Mais Além*. 2 (2ª Série, 1º semestre): 14; 20.

Silva, M. (2008). *Evangelização e promoção humana – 50 anos depois. Conferência Desenvolvimento social e comunitário*, Portalegre, 19 de Abril de 2008.

**Relatórios:**

Centro de documentação do Graal: *Relatórios do Graal de 1964 a 1974*.

**Jornais:**

Arquivo do *Jornal Distrito de Portalegre* de 1958 a 1974.

ANEXOS:

### **Guião de entrevista a Teresinha Tavares<sup>13</sup>**

(Golegã, 28 de Agosto de 2010)

- 1- Como chegou o Movimento a Portugal e posteriormente à nossa região, e qual o contributo directo da Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo?
- 2- Em alguns documentos são referidas três mulheres como professoras que leccionavam em escolas da cidade e que estabeleciam contactos, promoviam reuniões para lançamento do projecto. Seriam as iniciadoras do projecto em Portalegre? Terão sido elas que lançaram a “semente” do projecto?
- 3- Qual a naturalidade destas pessoas? Quem são? Seriam pessoas que vieram trabalhar no projecto ou já tinham outro tipo de laços com a cidade e com a região?
- 4- O que foi viver esse período inicial no terreno?
- 5- Sendo um projecto de Promoção Humana e Evangelização, que acções foram desenvolvidas?
- 6- Qual a filosofia que esteve por detrás do processo de alfabetização?
- 7- O projecto permitiu a vinda para a nossa região de figuras ligadas à cultura e ao ensino. Qual o seu contributo para o sucesso do projecto?
- 8- O que a moveu e move no sentido de continuar a estar envolvida neste Movimento?

---

<sup>13</sup> Os guiões apresentados funcionaram apenas como um ponto de partida. Assim, os entrevistados narraram, de forma espontânea e natural, as suas experiências e partilharam os seus conhecimentos.

### **Guião de entrevista a Ema Brazão**

(Alter do chão, 17 de Maio de 2010)

- 1- Como é que o movimento Graal chegou a Portalegre?
- 2- Como se vivia no Graal nos primeiros tempos do movimento?
- 3- Que figura ou figuras destacaria dentro do Movimento, neste período inicial?
- 4- Que acções foram empreendidas pelo Movimento?
- 5- Que impacto teve na sua vida a sua passagem pelo Graal?

### **Guião de entrevista a Rosa Cruz**

(Portalegre, 7 de Janeiro de 2011)

- 1- Como é que o movimento Graal chegou a Portalegre?
- 2- Quais foram as principais acções empreendidas pelas mulheres do Graal?
- 3- Que riscos se corriam por se pertencer a um Movimento como o Graal, num período em que a liberdade era delimitada?
- 4- Que inovações trouxeram para a cidade de Portalegre as mulheres do Graal?
- 5- Em que consistiu o Projecto Promoção Humana e Evangelização?
- 6- Quais os frutos deste projeto?
- 7- O que significa pertencer ao Graal?

### **Transcrição da Entrevista a Teresinha Tavares:**

Em 1957 a Maria de Lourdes Pintasilgo foi a um encontro internacional, porque ela era a presidente da Pax Romana, (movimento dos estudantes e intelectuais católicos). Ela encontrou a Rosemary (do Graal da Austrália) e falaram sobre o Graal. Havia um grupo de jovens da JUC que queríamos começar um movimento que desse para a nossa vida toda.

A Maria de Lourdes Pintasilgo, quando regressou, disse: eu já encontrei uma coisa que serve para nós, escusamos de estar a inventar outra. Ela foi à Holanda para conhecer melhor e a Teresa foi aos EUA (a Teresa Santa Clara Gomes).

E foi assim que começou o Graal, com o que uma captou da Holanda e a outra dos EUA. Nessa altura reuníamos em casa da MLP, num apartamento que ela tinha, era convívio, eram reuniões, era formação cristã, que íamos fazendo de uma maneira muito informal.

A presidente internacional do Graal veio cá e tivemos algumas reuniões com ela. A partir daí íamos ganhando força. Nos anos 60, a Maria de Lourdes Pintasilgo foi um período para a Holanda e, na Páscoa de 61, um grupinho de três de nós também foi lá. Viemos da Holanda para começar o Graal oficialmente em Portalegre e em Coimbra, porque em Lisboa não era muito boa altura, o Sr. Cardeal não estava muito seguro, desconfiava dos avanços do Graal, porque era um movimento inovador e tinha começado na Holanda; e na Holanda a igreja nessa altura era muito avançada, muito progressista.

Eu conhecia muito bem o Bispo de Portalegre, por um lado porque sou daquela diocese, e depois porque quando estava na JUC eu era responsável por organizar campos de férias para os estudantes; havia muito a preocupação de por os estudantes em contacto com a realidade do seu povo, porque havia um grande desnível e nós queríamos que os estudantes vissem a realidade do país, a realidade do país não era o que eles viviam, o país era outra coisa. Eu conhecia bem aquela zona. Éramos sempre recebidas pelo Sr. Bispo, D. Agostinho de Moura, gostava muito de conversar connosco. Eu achei que ele era pessoa muito aberta e reconhecia o contributo que as mulheres podem trazer à sociedade. Naquele tempo era raro apanhar uma mentalidade assim.



Só mais tarde é que o Sr. Cardeal de Lisboa, ao ver o nosso trabalho em Coimbra e em Portalegre, disse “eu também vos quero na minha diocese”.

O facto de nós sermos professoras foi-nos dando um contacto grande com a população. Nós estávamos em todas as escolas da cidade e isso deu-nos um grande enraizamento e uma relação com os alunos e as famílias. Depois, através do padre Nuno e de outros padres conhecidos, começámos a ir às paróquias deles. E foi muito interessante! E mesmo a Maria de Lourdes Pintasilgo e a Teresa Santa Clara Gomes, que viviam em Lisboa, vinham muitas vezes e acompanhavam-nos nas visitas a essas aldeias. As coisas foram andando, o povo gostava muito de nós, eramos novas e simpáticas, quando chegavam as meninas era uma alegria. Aceitavam-nos muito bem, até porque nós entrávamos nas aldeias porque eramos conhecidas do padre.

As dificuldades começaram quase logo a seguir (isto foi em 61/62), é assim, não há bela sem senão. A nível de igreja começaram os cursos de cristandade e nós não quisemos fazer os cursos de cristandade. Por isso, a nível dos cristãos nós sentíamo-nos, na igreja, completamente afastadas. Nós éramos assim umas estranhas de quem ninguém se aproxima. O nosso 2º e 3º anos em Portalegre foram muito maus. Depois, quando começámos a visitar aqueles bairros de Portalegre, a ver a miséria, naquela parte antiga da cidade e ouvíamos aquela tosse, fazia-me muita impressão. Quando começámos a perceber a maneira como viviam naqueles bairros, as crianças que não iam à escola, foi o primeiro choque da minha vida. Então decidimos, a Regina Tavares da Silva (que se foi embora para os Estados Unidos), a Celeste de Sousa e eu, começar a trabalhar com os pobres da terra. Deixámos o colégio diocesano, o colégio é um colégio de ricos e não queríamos lá continuar. Aí, foi um escândalo grande. O Sr. Bispo argumentava que estava a educar as elites, para depois trazerem a mudança. E nós dizíamos: Sr. Bispo, nós não acreditamos nisso. Não são as elites que vão trazer a mudança, é o povo, é a educação do povo que é importante. Isto fez com que o Sr. Bispo, que não fazia nada sem tomar a nossa opinião, nos deixasse quase de falar. O mesmo aconteceu com vários padres. Os senhores ricos, então desses nem se fala, eles que até nos convidavam para os chás em suas casas. Aquilo foi um trauma muito grande. Da parte da igreja foi isto.

Na minha escola, as ideias do director eram do mais conservador que havia, mas eu podia dar-me ao luxo de lhe fazer frente, pois eu era professora de Religião e Moral e tinha lá sido colocada pelo Sr. Bispo, tinha um estatuto diferente.

Em 63, depois desse problema com a igreja, na escola era sempre este ambiente de inquietação, entretanto, nós começámos a ir aos bairros. O povo estava a ficar desconfiado. Nós, aquelas senhoras que vinham de Lisboa, como é que íamos ter com eles. Eles achavam que nós éramos do partido comunista e que lhes íamos dificultar a vida. Eles diziam: Ó minha senhora, bem nos basta aquilo que a gente sofre, ainda agora virem para cá estragar-nos a vida.

Às vezes, chegávamos da escola e desabafávamos sobre as discussões que tinha com o meu director, entristecia-me o facto de o padre não olhar para mim, eu dizia ter a sensação de andar com as mãos no chão e com as pernas para o ar. As minhas colegas diziam que a decisão tomada era a mais correcta. Nós tínhamos que aferir continuamente novas estratégias, o que não era nada fácil.

Os padres que continuavam a ser solidários connosco era sobretudo o Marcelino. Os do grupo do José Régio, que formavam a tertúlia, mandaram dizer-nos que tinham ouvido falar muito de nós no café, não nos conheciam, mas agradava-lhes o que tinham ouvido. Então o Dr. Florindo disse-nos que eles não tinham a coragem de ir para os bairros como nós, mas queriam colaborar connosco. E disse: Se necessitarem de apoio financeiro ou de um carro, venham falar connosco. Foi uma porta aberta. O Padre Marcelino e este grupo do José Régio foram dois suportes para nós.

Mas tudo se foi resolvendo. O Sr. Bispo foi para o concílio do Vaticano II, e o Concílio foi também um abrir de janelas. Então, quando regressou, parecia começar a perceber a nossa atitude. Daí para a frente, não foi como no início, mas mantivemos uma relação normal. Nem muita confiança nem muito afastamento. Ele percebeu a nossa atitude, isto de irmos para os bairros operários.

Nessa altura as mulheres não iam aos cafés. E nós íamos ao café. Então íamos ao Alentejano ou ao Facha, que eram só frequentados por homens e homens por categorias, então sentávamo-nos no meio, fazíamos de propósito para quebrar os costumes. Vocês não fazem ideia do que era Portalegre. Nas primeiras vezes, fomos inocentemente, sem nos darmos conta de que não estavam lá mulheres, vimos a admiração dos homens e então decidimos ir mais vezes.

O Projecto Promoção Humana e Evangelização vem no seguimento destes primeiros contactos informais, tínhamos encontros com raparigas, nós ensinávamos o que elas necessitavam. Cantava-se, reflectia-se sobre os problemas que elas nos punham; depois fomos vendo, conhecendo as necessidades daquelas pessoas. E na medida em que fomos conhecendo as necessidades daquelas pessoas começaram a surgir algumas acções, mas essas acções já

coincidem com o início do projecto (61/62, 63/64). As instituições propriamente ditas são já o início do projecto. Os dois primeiros são Urre e Alegrete com jardim-de-infância. Porque as mulheres diziam: nós vamos para tão longe, nas mondas e nas ceifas e os nossos filhos ficam aí ao “Deus dará”. Então nós ouvimos estas queixas e perguntamos o que se podia fazer. As instalações, nessa altura, eram todas de um grande lavrador dessa zona.

O de Alegrete singrou. Tínhamos duas mestras, mãe e filha, preparámos a filha – auxiliar de educação –, arranjou-se um espaço na casa do povo e começaram a vir as crianças. Agora já havia um ordenado que podia governar a casa. Nós fizemos muitas coisas em Alegrete, muitas. E nós começámos até com campos de trabalho, antes do jardim-de-infância. Nós fizemos muitas peças de teatro com essas raparigas dos campos de férias. Pegávamos em peças de escritores vários e nestas alturas dos campos de férias, as raparigas que iam ensaiavam com as pessoas da terra. O que esta actividade visava era levar cultura à população e desenvolver as pessoas, nós usávamos o teatro como um desafio, alguma coisa que nos põe diante do problema e nos faz depois refletir.

Depois começaram a aparecer as estagiárias de serviço social, auxiliares sociais, assistentes sociais, educadoras de infância, assistentes familiares, que vinham de todas as escolas do país, chegamos a ter 15 estagiárias e elas depois iam viver nas aldeias durante a semana e vinham ao fim-de-semana para fazermos a avaliação e o planeamento.

Não tem nada a ver o Portugal daquele tempo e o de agora, agora há muita gente que viaja. O facto de irmos à Holanda, de vermos outras coisas, os movimentos, tudo isso abria os horizontes, dava-nos outras perspectivas; começámos o projecto de promoção humana e evangelização inspiradas no que havia noutros países.

S. Bartolomeu é fruto dos primeiros anos, foi dos bairros onde nós começámos a ir. Assim que o projecto começou abriu-se o jardim-de-infância num pré-fabricado, havia sempre uma das estagiárias que ia para lá. Nestas instituições faziam-se reuniões com os pais, com a população, não era um projectozinho isolado, o projecto começava a existir com a comunidade, era um projecto que resultava da nossa acção com a comunidade e com as suas necessidades.

No início do bairro de S. Cristóvão, nós ajudámos a fazer comunidade, depois, à medida que o bairro foi crescendo, surgem os cursos de alfabetização, surge o jardim-de-infância, mas quando o bairro já tinha uma certa dimensão (anos 70).

Em 65 começámos a fazer o levantamento temático, segundo o método Paulo Freire, ver quais eram os problemas das pessoas, a maneira como elas falam, e a partir daí tomávamos nota das palavras mais repetidas, dos termos que tínhamos captado, no fim o Lindley Cintra e Teresa Santa Clara fizeram a escolha das palavras, pois, segundo o método Paulo Freire, para aprender a escrever bastam 23 palavras.

Era para começar em 67 e o primeiro grupo de alfabetização foi em 68; vinham jovens de Lisboa, Porto e Coimbra. E abrangeu-se as terras do distrito de Portalegre e concelho de Marvão, onde intensivamente se fazia alfabetização. Quando eles iam embora, então recrutavam-se pessoas dali, e continuávamos todo o ano, mas não todos os dias, somente duas ou três vezes por semana nos vários locais. A População aderiu em absoluto. Em Alegrete, acabavam-se as aulas às 10 da noite e depois dançava-se e cantávamos. Muitos destes estudantes que fizeram parte destes projectos ficaram marcados para a vida.

O Graal marcou-me para a vida. Eu escolhi o Graal por várias razões, mas as mais fortes são o facto de ser um movimento internacional e por ser um movimento que trabalha nesta linha da mudança social, de mudar a realidade. E foi em Portalegre que nasceu este sentimento, devido à pobreza e à riqueza que convivendo, não se tocavam. Por isso, eu queria estar num grupo que trabalhasse nessa linha e onde não trabalhasse sozinha. Sempre tive a consciência de que sozinha não era capaz de nada, em grupo éramos capazes de fazer alguma coisa significativa. E depois o Graal tinha algo de internacional, eu sei que nos Estados Unidos, em Africa, estão a tentar fazer a mesma coisa. As grandes linhas de acção são definidas em assembleias internacionais, depois de se fazer uma análise da situação do mundo e depois cada grupo vai aplicá-las. O facto de sentirmos que há grupos por todo o mundo a tentar fazer a mesma coisa dá-nos muita força.

Foi o poder viver e trabalhar com outros. Quando eu escolhi o Graal, os meus pais não perceberam. Se eu tivesse ido para freira penso que eles perceberiam melhor. Escolhi não casar, mas a minha família não pôs obstáculo nenhum. Mesmo nos últimos anos de vida, a minha mãe dizia: eu ainda não percebo muito bem isto que tu escolheste, mas acho que fizeste muito bem, estás sempre rodeada de gente, sempre alegre, estás feliz.

A filosofia do movimento tem a ver com a lenda do Graal. É a procura. A lenda francesa de Percival, que é um dos cavaleiros da Távola Redonda, era filho de um cavaleiro

que morreu num combate, a mãe ficou só com aquele filho, e decidiu não falar ao filho sobre os cavaleiros, escondendo as armaduras do pai para ele não as ver. E tinha-o sempre muito debaixo dos olhos. Percival, já adolescente, um dia saiu de casa e foi caminhando e encontrou um cavaleiro. Ele não sabia o que ele era, pois só tinha ouvido falar de santos, anjos e diabos. Ele viu o cavaleiro e disse: és um anjo. E o cavaleiro respondeu: não, não sou um anjo. Percival retorquiu: então és o demónio? E o cavaleiro respondeu: também não.

O que é que tu és?

Sou um cavaleiro.

E o que é que um cavaleiro?

E o cavaleiro lá lhe explicou. E ele perguntou se também podia ser cavaleiro. O cavaleiro disse que sim e convidou-o a ir com ele para a corte do rei Artur. Ele vai e deixa a mãe. É então um dos que partem em busca do Graal, porque o Graal tinha sido, segunda a lenda, de José de Arimateia. O Graal foi o cálice que aparou o sangue de Jesus e por onde este bebeu na última ceia. Segundo a lenda, ficou para a família de José de Arimateia, que tinha dado o sepulcro a Jesus. Portanto esse cálice existia na casa dele, ia passando de um descendente para outro e aquele Graal era um sinal de bênção, era a bênção para todos, a família viveria em paz, com prosperidade, mas tinha como obrigação ajudar os pobres. Até que um dia, veio um pobre bater à porta e um dos descendentes não lhe ligou e fechou-lhe a porta na cara, não cumpriu as regras daquele que é o guardião do Graal. Logo o Graal desapareceu da casa dele, pois este não era digno de ter o Graal. Então, segundo a lenda, o Graal estaria algures num castelo, muito difícil de chegar lá, mas era importante chegar, era preciso recuperar o Graal. Doze cavaleiros saem em busca do Graal, mas vão desistindo, um encontra uma mulher muito bonita e casa-se com ela; outro encontra um rio com muita água e não tem coragem de meter o cavalo ao rio e volta para trás; todos eles foram encontrando obstáculos; o único que consegue avançar é Percival, o mais novo de todos. Vai avançando, avançando, e chega ao castelo do Graal. Há um lago junto do castelo e um rei jaz num barco com um golpe no peito. Ele chega e pergunta: é este o castelo do Graal? Sim, é este. Mas ele olha para o homem ferido e não lhe pergunta nada, só pensa no Graal. O homem diz-lhe que entre e fica lá hospedado. À noite vem uma procissão de meninas todas vestidas de branco e uma traz o Graal para dar a beber do seu conteúdo ao rei, que só vive desse alimento. O Percival fica maravilhado com aquilo tudo, olha, olha e não faz nada. Depois o Graal desaparece e ele fica muito zangado com ele próprio porque não fez nada para recuperar o Graal. Durante essa noite sai, desenfreado e vagueia; a certa altura, vê vir pessoas com um ar

ungido. E estas perguntam-lhe: cavaleiro por onde vais, assim armado, num dia como o de hoje? E ele pergunta que dia era. É 6ª feira Santa, responderam-lhe. Então ele desce do cavalo e vai com as pessoas para o mosteiro. Quando lá chega o abade reconhece-o, pois é seu tio. Então, chama-o e pergunta-lhe o que ele tem andado a fazer. Que tinha feito à mãe, ela tinha morrido de desgosto com o seu desaparecimento. Chegaste ao castelo, viste um rei ferido e não perguntaste o que é que ele tinha. Viste o Graal e não fizeste nada.

Agora que posso fazer, perguntou.

Tens de te arrepender e fazer penitência, disse-lhe.

Então ele anda, anda, até que chega de novo ao castelo do Graal. E quando vê de novo o rei, pergunta-lhe porque sofre. O rei lá lhe explica. Entra de novo na casa, fica hospedado e torna a ver a procissão do Graal. E, então, ele pergunta: Senhor, que devo fazer para servir o Graal? E assim acaba.

**O Graal, segundo a lenda, assenta nestes princípios: cuidar do outro, e o que é que eu posso fazer para melhorar a vida dos outros.**

A minha formação era em Geologia, mas desde que conhecemos o Paulo Freire fomos entrando na sua pedagogia e metodologia. Comecei a interessar-me mais sobre a educação de adultos do que sobre a minha área disciplinar. A minha maneira de dar aulas mudou profundamente. Paulo Freire e a sua pedagogia marcaram-me profundamente. Parte sempre da realidade, ajuda a pessoas a reflectirem e depois a organizarem-se para mudarem, para mudarem a sua vida.

Um dos objectivos do Graal é a transformação da sociedade, numa linha mais humana. Os tempos agora são muito diferentes do que quando começámos. Quando começámos, vivíamos sob uma ditadura, existia muita pobreza, muito analfabetismo; por isso muitas das nossas acções eram nessa linha. Depois veio o 25 de Abril, foi uma abertura, podia-se fazer tudo. A seguir ao 25 de Abril, muitas de nós deixaram a profissão e formámos 4 equipas móveis que percorreram o país. Nessas equipas, o que fizemos foi ajudar as pessoas, nesse momento de abertura.

Agora os tempos são completamente diferentes. Hoje há muitos grupos, muitas organizações.

Há vários projectos neste momento: para imigrantes, nas escolas, contra a discriminação.

O Banco do Tempo: esse é um dos nossos grandes projetos. Os nossos projectos são sempre desenvolvidos em parceria com outras organizações.

A implantação do movimento em Portalegre agora é muito reduzida. Está muito enfraquecido. Há 2 anos fez-se lá uma celebração, uma festa. Nessa altura muitas das pessoas que trabalharam no projecto apareceram e colaboraram na organização da festa.

Nós éramos todas profissionais; a MLP foi a primeira mulher Engenheira a entrar na CUF como investigadora, mas depois o Graal começou a exigir muito de nós e ela deixou a CUF. Muitas de nós deixaram mesmo a nossa profissão para trabalharmos a tempo inteiro nos projectos do Graal.

A Maria de Lurdes Pintasilgo trabalhou muito no Graal, a nível nacional e a nível internacional.

A Maria de Lurdes Pintasilgo foi uma pessoa que esteve em várias coisas, que foi reconhecida, mas ela foi mais reconhecida internacionalmente do que em termos nacionais. Agora é que as pessoas estão a redescobrir o seu pensamento, ela era uma mulher muito avançada, que pensava e que procurava agir para além do tempo. Era uma mulher de pensamento avançando, com visão.

## **Transcrição da Entrevista a Ema Brazão:**

O Graal nasceu em Portugal muito antes do 25 de Abril. O Sr. Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira não achava oportuno, por razões políticas, permitir a sua instauração em Lisboa, partindo o movimento para Portalegre. Foi assim que as primeiras mulheres começaram com o projecto de alfabetização, de adultos e a formação de mulheres. Só depois passaram o Movimento para nível nacional.

Relativamente aos primeiros anos: a alfabetização das mulheres foi o ponto forte. A marca foi muito forte nesta área.

No Graal, dava muito de mim, mas recebi muito mais. Para mim, ter vivido a experiência do Graal foi muito positivo, muito importante.

Quando estou nas coisas, gosto de dar o máximo de mim.

No Graal fui sempre muito natural, muito espontânea, sempre gostei de correr riscos e isso dentro do Graal era o meu espaço, sentia-me bem, dei o meu contributo.

Para mim o Graal foi um movimento que me enriqueceu muito, foi espetacular a todos os níveis. Deu-me uma visão diferente da vida, do mundo, para além do nosso portugalzinho. Outra coisa que eu aprendi no Graal foi a saber viver com a maior das simplicidades, e ainda hoje, às vezes tenho pouco pão em casa, vou partir o pão e penso “isto não chega para todos, ah, mas parte-se à Graal” – parte-se às fatiazinhas fininhas, coloca-se na cestinha e tem de chegar. No Graal era assim: às vezes a Ondina dizia: Ó, Ema, não temos mais pão. Não faz mal, partem-se as fatias fininhas que enchem a cesta e parece muito. Partir o pão à Graal era a partilha, de forma a que este chegasse para todos.

Tínhamos muitos encontros de formação, fins-de-semana prolongados, semanas inteiras, na casa da Golegã e aqui em Portalegre. A rede de mulheres era organizada pelo Graal. Todas as mulheres eram trabalhadoras.

No meu caso, porque já era casada, o meu marido nunca me impediu que eu fosse, ou fizesse o que quisesse.

No meu casamento, o que resultou foi respeitarmo-nos mutuamente. Mas em muitos casos as mulheres não podiam estar muito tempo fora, pois isso era logo motivo para haver desavenças.



Aprendi muita coisa. Quando se começou a falar das dinâmicas de grupo, já eu utilizava esta prática há muito tempo, aprendi no Graal.

Em Portalegre, nos anos 80, fizemos mutos encontros, tínhamos muitas reuniões, encontros de formação de jovens, de escuteiros, no sótão. E saímos muitas vezes.

Era uma prática frequente receber pessoas do estrangeiro. De salientar que as pessoas tinham características muito próprias, segundo as culturas de que faziam parte, mas não chocavam, toda a gente se aceitava.

Uso das palavras novas: eu descobri palavras novas com a Maria de Lourdes Pintasilgo. Por exemplo, a conscientização. Fui ao dicionário ver a palavra e não encontrei, até que lhe perguntei o que significava. A consciencialização é uma palavra mais limitada, a conscientização era um conceito muito mais abrangente, mais alargado.

Aprendi a viver com o pouco; nas formações com a Maria de Lourdes Pintasilgo, houve uma que me encheu as medidas: viver na ética e na estética. Nas coisas simples, no bom gosto, na verdade, na seriedade, tudo isso a MLP defendia. Foi alguém que andava sempre muito à frente do mundo, sempre, sempre à frente. Foi uma experiência muito rica, muito valiosa e que ainda hoje está implícita em mim, apesar de eu já ter saído do Graal há alguns anos.

Maria de Lourdes Pintasilgo fez uma conferência nos Bombeiros, em Mação, foi um acontecimento muito importante, em que falou sobre o desenvolvimento e de Bíblia na mão. O desenvolvimento visto a partir da Bíblia para a consolidação da cultura de um povo. Foi um pequeno êxito.

Hoje, está provado, a nível quer da Igreja e sem ser da Igreja, que a Maria de Lourdes Pintasilgo foi uma figura de mérito, e podia ter sido muito mais, para o país e para a própria Igreja. Porque ela andava muito mais à frente de tudo e de todos; Portugal nunca reconheceu a Maria de Lordes Pintasilgo o valor que ela tinha; ela sofreu muito e morreu nova. Mas era uma mulher extraordinária, onde ela punha a mão resolvia tudo.

## **Transcrição da Entrevista a Rosa Cruz:**

Hoje sou professora aposentada, mas recordo com muitas saudades os tempos que vivi no início da minha carreira. Fui professora na Urra durante trinta e um anos, pois iniciei a minha actividade com dezanove anos, fui para a Urra como professora efectiva, ocupar um lugar masculino.

Deslocava-me todos os dias para a Urra no autocarro que ia para Elvas, que me deixava na estrada e depois tinha que seguir a pé até à escola cerca de dois quilómetros. Todas as pessoas me conheciam e tinham muita consideração por mim. Há pouco tempo encontrei um dos meus alunos, dessa época, que me disse que nunca iria esquecer que as primeiras botas que teve foi a professora que lhas deu, como presente de Natal e que naquela altura tinha ficado convencido que tinha sido o Menino Jesus a enviar-lhas.

Acompanho o Graal desde a sua implementação, em Portalegre, até aos dias de hoje, como participante. Colaborei no Projecto Promoção Humana e Evangelização.

A vinda do movimento para Portalegre foi possível graças à abertura que o Sr. Bispo Dom Agostinho manifestou em relação a este. O Sr. Bispo necessitava de professores formados, católicos, para avançar com o Colégio Diocesano.

A Teresinha Tavares, a Tomásia Santa Clara Gomes, a Helena Amorim e a Celeste Maria tinham o perfil desejado para fazer parte do corpo de docentes do Colégio. Como membros do Graal, serem professoras permitir-lhes-ia conhecer os alunos e as suas famílias, ou seja, compreender a realidade vivida por estes. Isto era tudo muito novo, pois as mulheres não tinham voz nesta altura.

Começaram por ir viver para uma casa no largo do Paço e mais tarde instalaram-se na rua dos Canasteiros, local que passou a ser o centro do Graal em Portalegre.

Realizaram-se muitas actividades neste espaço: serões culturais em que se discutiam temas, se liam poemas, se ouviam músicas e se partilhavam ideais.

As músicas de Francisco Fanhais e as poesias de Manuel Alegre eram alguns dos exemplos do que se ouvia e sobre o que se reflectia nestes serões. Havendo sempre tempo para a oração.

O ambiente à volta destes serões envolvia alguns riscos. Vivia-se um tempo em que a liberdade de expressão era condicionada. Sabíamos que havia pessoas que rondavam a casa.

O Padre Bugalho, padre da paróquia de São Cristóvão, era muitas vezes levado à polícia porque fugia aos princípios estabelecidos; fazia, por exemplo, uma procissão sem ordem.

O padre da Urra fazia o contrário, continuava a celebrar a missa em latim, não aceitando as acções do Graal em que se procurava esclarecer o povo quanto ao significado e sentido da Celebração.

Foi um trabalho difícil, que exigiu transpor muitos obstáculos e resistências.

Contávamos com a Teresa Santa Clara como a mulher da acção e com a Maria de Lourdes como a mulher do sonho.

A acção do Graal em Portalegre foi fundamental para o desenvolvimento de algumas das zonas mais desfavorecidas da cidade, nomeadamente o Bairro do Atalaião e as zonas da Vila Nova e de São Bartolomeu. Faziam sentir as pessoas gente.

Fora de Portalegre criou-se a cooperativa de bordados e a tecelagem da Urra, a cooperativa de rendas nos Fortios e em Alegrete o Infantário. Para a sua abertura foram buscar a mestra da terra, Ana Rita Ramalhete, que foi a primeira educadora desta instituição. Aproveitavam as pessoas da terra, levavam as pessoas a descobrir o seu caminho.

As pessoas eram abordadas com respeito, procurava-se dar resposta às suas necessidades.

Num dos serões dinamizados pelo Graal na Urra, onde se encontrava presente a Manuela Silva responsável pela parte social do projecto, um idoso queixou-se da falta de um médico na terra. Manuela Silva pegou na queixa do senhor e levou as pessoas a pensarem nas condições necessárias para que um médico se quisesse fixar na terra. Depois de as pessoas se assumirem como gente, estavam capazes de seguir então a Palavra de Jesus.

Houve alguns professores de Portalegre que voluntariamente participaram no projecto, que queriam ir às aldeias. Por exemplo, a professora Domingas Valente.

A Maria de Lurdes Pintasilgo foi um dos grandes pilares do Graal, foi uma mulher com grandes projectos, é de admirar como é que ela foi capaz de prever o que hoje se está a viver.

Guião do testemunho facultado pelo Padre Américo<sup>14</sup>

- 1- Em que circunstâncias ocorreram os seus primeiros contactos com o movimento Graal?
- 2- Na altura em que veio para Portalegre, quem eram os rostos do movimento em Portalegre?
- 3- Como é que a comunidade local acolhia as mulheres do Graal?
- 4- A Igreja local mostrou-se receptiva às ideias do movimento, quer na sua vertente social, quer em termos evangélicos?
- 5- Com o avançar dos tempos (Pós-Concílio), em termos nacionais o movimento ganhou uma nova projecção. Isso alterou de alguma forma a dinâmica do movimento e, mais especificamente, o Projecto Promoção Humana e Evangelização em Portalegre?
- 6- No âmbito do projecto, que actividades foram desenvolvidas, nomeadamente em Alegrete, e qual foi o impacto que estas tiveram na vida concreta das pessoas?
- 7- Trazer a mulher para a “trama” social e para “dentro” da Igreja era inovador face às ideias vigentes. Como é que esta vontade se materializou?
- 8- De que forma o movimento contribuiu para o desenvolvimento local?
- 9- As mulheres do Graal foram combativas, verdadeiras defensoras das causas cívicas e do desenvolvimento e fortalecimento do associativismo. Concorda com esta afirmação?

---

<sup>14</sup> De forma a consolidar as informações partilhadas, o Padre Américo respondeu por escrito a um conjunto de pontos que achamos pertinentes para a compreensão do nosso objecto de estudo.

1)- Ordenei-me em Julho 1961. Em Outubro desse mesmo ano assumi o trabalho de Coadjutor nas paróquias de Portalegre. Foi nesse mesmo ano que o Graal aqui se instalou, pela “mão” do saudoso Bispo, D. Agostinho de Moura. E a primeira residência foi precisamente num anexo do antigo Paço Episcopal, agora entregue à Diocese, e a iniciar as obras de recuperação.

2)- Quanto aos “**ROSTOS**” do Movimento, podemos distinguir dois tipos: um grupo, digamos que eram as **residentes**, outro que ia e vinha em acções mais pontuais. Umas, continuaram por cá, outras partiram para outras “missões”. À distância de 50 anos é muito provável que baralhe alguns nomes e que a memória falhe noutros... As pessoas que, penso, foram determinantes, são a Teresinha Tavares ( talvez por ser minha conterrânea), a Celeste Isabel, a Patrocínio, a Celeste ( a Celestinha da filosofia!), as irmãs Santa- Clara- Gomes – Teresa e Tomásia...

3)- Em Portalegre, cidade, a atitude mais normal é uma certa indiferença, talvez pela ignorância e também porque dá trabalho informar-se... Nas freguesias rurais, talvez por estarem muito abandonadas, foram recebidas de braços abertos.

4)- Infelizmente, a atitude das pessoas da Igreja não é muito diferente das outras... Vamos ver o que dá!, pensam, com um encolher de ombros. É verdade que algumas, mais esclarecidas, olharam o Movimento com expectativa muito positiva. A Igreja, Hierarquia, pôs sérias reservas ao Movimento, quando em 1957, a Luordes Pintassilgo e outras mulheres O quiseram implantar em Portugal. Além do nosso Bispo, como disse acima, creio que só mais o Bispo de Coimbra as aceitou!

5)- Aqui, devo dizer que o GRAAL, na sua “**filosofia estatutária**” e perspectiva de Igreja, estavam muito à frente para a sua época! Daí que o Concílio deu-lhes razão em muitas coisas e forçou a **abertura de portas**. Na sua visão, a promoção humana da pessoa e a respectiva evangelização são duas componentes que se completam perfeitamente. Se é verdade a frase de J.Cristo. “nem só de pão vive o homem”, também não deixa de ter razão o ditado popular:” não se pode pregar a estômagos vazios”...

6)- O Graal organizou em muitas freguesias, na periferia de Portalegre, CAMPOS de FÉRIAS com estudantes, predominantemente universitárias, a partir de 1960/61. Alegrete foi, certamente, a mais

privilegiada com esses **contactos. Um dos desejos da população, expresso de muitas formas, foi terem um Pároco residente.** A minha escolha não foi pessoal. Fui um dos possíveis e disponíveis que o Bispo tinha e que nomeou, já a caminho de Roma para a última sessão do Consílio, em fins de Setembro de 1964. Dei entrada em 4 de Outubro daquele ano.

Para um jovem/adulto, sem grande experiência da vida humana, social, religiosa e pastoral cristã, a presença destas mulheres abriu horizontes e permitiu uma visão global da PESSOA, não descurando nenhum aspecto que para ELA fosse referência. Vou dizer algo da sua influência no campo religioso/cristão, deixando os outros aspectos para os n.ºs 7 e 8.

Com um grupo de jovens/adolescentes, organizámos uma catequese, podemos dizer, modelo: Com reuniões semanais, preparávamos, por classes, as lições respectivas; o tema específico era apresentado para toda a classe, normalmente por mim, durante 10 minutos; seguia-se o trabalho do pequeno grupo com a respectiva catequista. As presenças rondavam os cem por cento. Aos Domingos, cerca de meia hora antes da Eucaristia, as crianças e catequistas faziam a preparação das leituras, cânticos, etc.

O Projecto tinha, normalmente, três bolseiras em comissão de serviço, 1 Educadora de Infância, 1 Assistente Social e 1 Agente Rural. Faziam-se reuniões de Pais, algo verdadeiramente inovador. A sua acção e vivência cristã era, logicamente, motivadora.

7)- Há 50 anos, ainda havia profissões onde as mulheres não tinham entrada e outras onde a entrada era limitadíssima; a sua presença na vida social era vista com desconfiança. Ainda me recordo que era muito raro ver uma mulher no café...em Portalegre. Por isso, essas **“mulheres”** vindas de fora, promoverem reuniões, discutir determinados assuntos, levantar questões... não era bem visto... Por ironia, até as próprias mulheres aceitavam como certo este estado: **elas tinham o trabalho da casa e os homens é que saíam para o trabalho ou para a vida social...**

Na Igreja, estes conceitos eram coincidentes... Lembro a pouca abertura dos bispos portugueses a este movimento. O Concílio abriu janelas na linha da promoção da Mulher e consequente dignidade, mas, chegar a **leitoras, acólitas, ministras da Eucaristia e outros serviços**, foi um longo caminho a percorrer e não sem algumas resistências. Por isso, eu penso, com muito optimismo, que a Ordenação Sacerdotal de mulheres vai ser apenas uma questão de tempo.

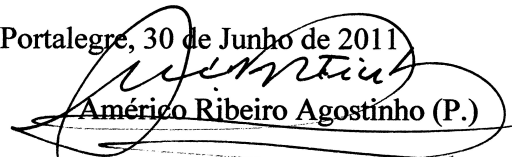
8)- Este, quanto a mim e para mim, foi o aspecto mais motivador e gratificante do Projecto de Promoção Humana e Evangelização. Começámos por reunir as pessoas que, por qualquer motivo, eram consideradas **“leaders”** na Comunidade e por ela aceites. Depois, criar neles a consciência das suas capacidades... Não se podia esperar que a solução

viesse sempre de cima. Depois, fazer o levantamento/elenco das situações positivas e negativas. O que estava bem mas que se podia melhorar; o que estava mal e tinha de ser mudado; o que fazia falta e era possível criar ou promover. E assim surgiu o Jardim de Infância, Actividades de Tempos Livres... O espaço para instalar estas valências conseguiu-se, *forçando* a Câmara a fazer as obras necessárias nas duas salas da antiga escola primária. Criaram-se cursos de Saúde e Higiene materno/infantil, bordados, etc. Organizaram-se cursos de alfabetização, preparando pessoas de todas as idades para fazerem o exame do 2º grau (4ª classe); e ainda um curso nocturno para o antigo 2º ano do liceu que cerca de duas dezenas aproveitou. Todas estas Actividades tiveram o seu suporte jurídico na Santa Casa da Misericórdia que, estando, praticamente, moribunda, recebeu nova vida, e, actualizando os Estatutos, foi o momento de arranque para, a partir de 1980 se fundar o Centro de Dia, vindo depois o Lar, Apoio Domiciliário, Creche, etc.

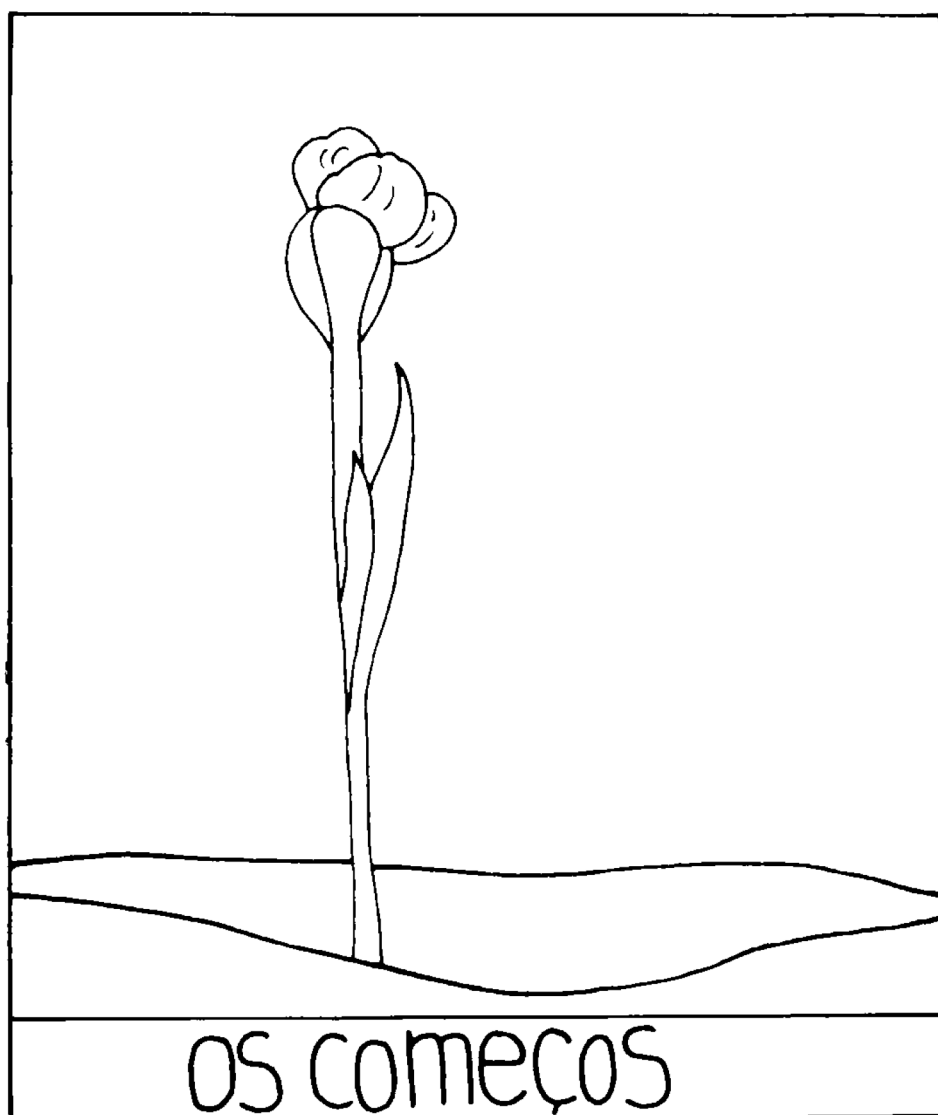
Se é verdade que o Projecto não teve influência directa na construção da nova Sede da Sociedade Recreativa Musical Alegretense, verdadeiro *ex-libris daquela histórica vila*, também é verdade que a consciência da força comunitária que esteve na base daquela iniciativa foi o fruto da semente, anteriormente lançada...

9)- Concordo, em absoluto. Numa época de censura apertada, de uma polícia política muita activa, sair dos **cânones e mentalidades** vigentes, não era fácil. *Viam-se fantasmas por todo o lado...*

Portalegre, 30 de Junho de 2011

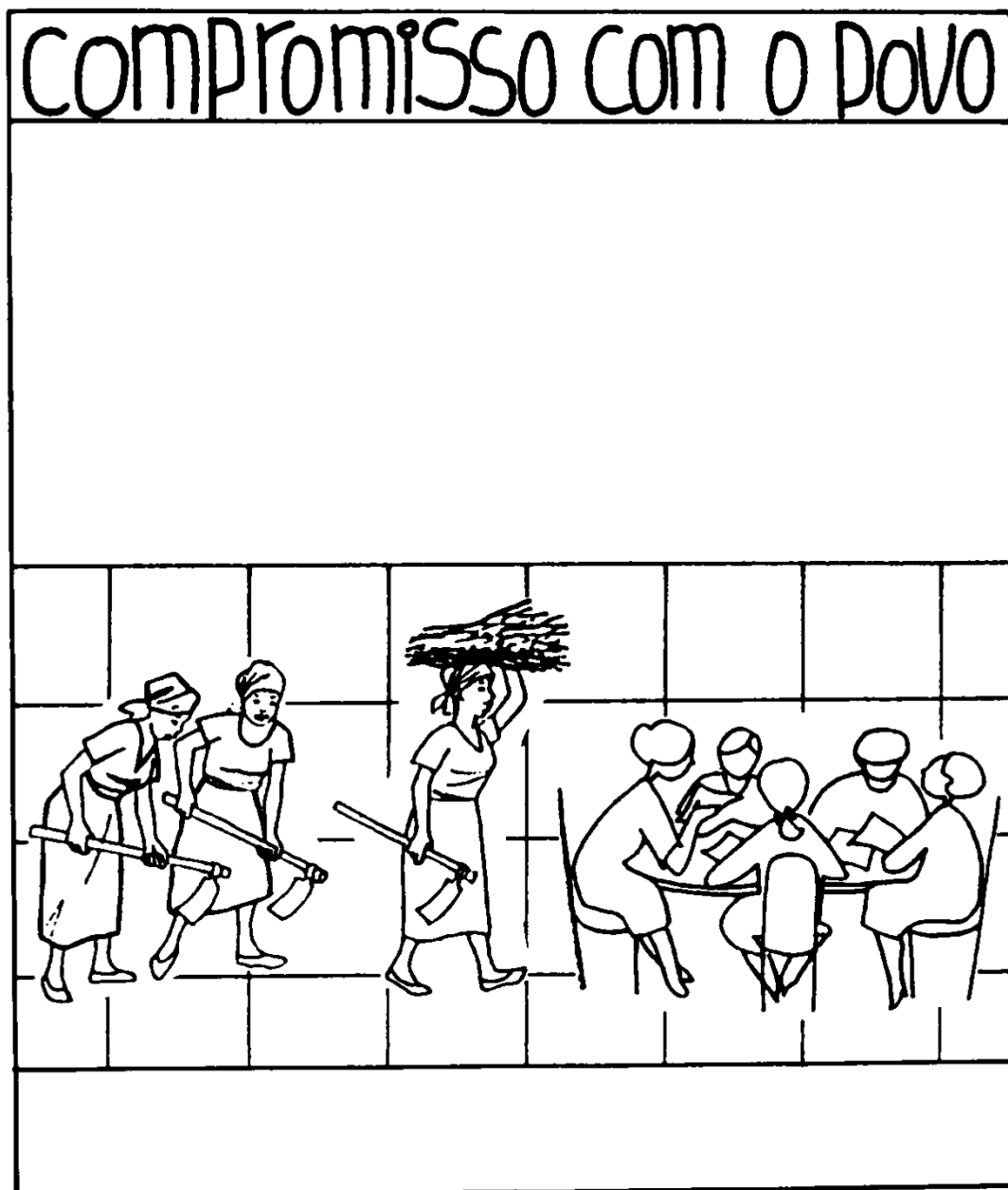


Américo Ribeiro Agostinho (P.)



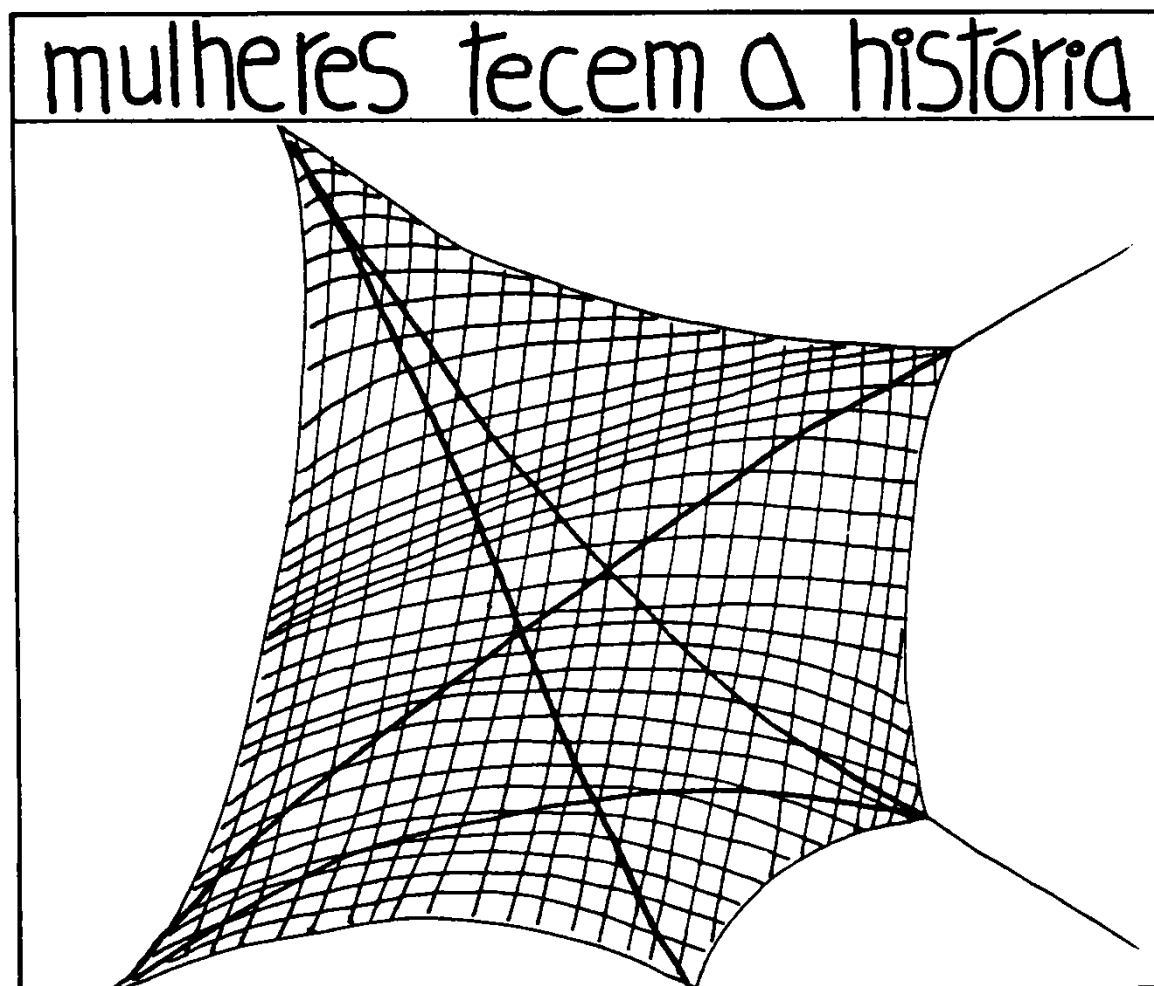
**Ilustração 1:** Imagem retirada do Documento Comemorativo dos 25 Anos do Graal em Portugal.





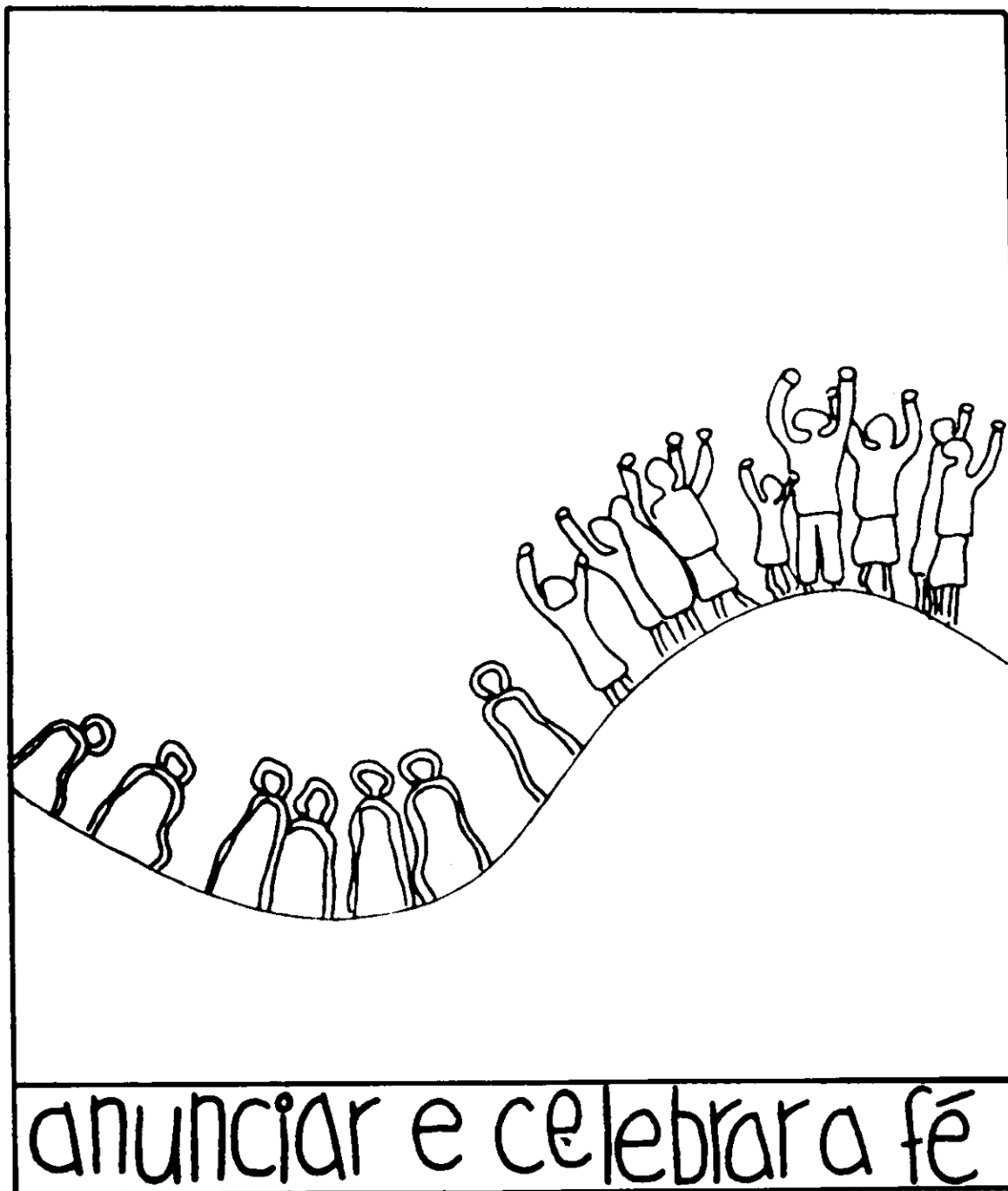
**Ilustração 2:** Imagem retirada do Documento Comemorativo dos 25 Anos do Graal em Portugal.

Representativa de um dos objectivos centrais do Projecto Promoção Humana e Evangelização.



**Ilustração 3:** Imagem retirada do Documento Comemorativo dos 25 Anos do Graal em Portugal.

Alusão ao papel da mulher na sociedade e às promotoras do Projecto Promoção Humana e Evangelização.



**Ilustração 4:** Imagem retirada do Documento Comemorativo dos 25 Anos do Graal em Portugal.

Celebração de uma “teologia da comunhão” anunciada no Projecto Promoção Humana e Evangelização.

Dissertação de Mestrado  
Na Demanda do Graal em Portalegre

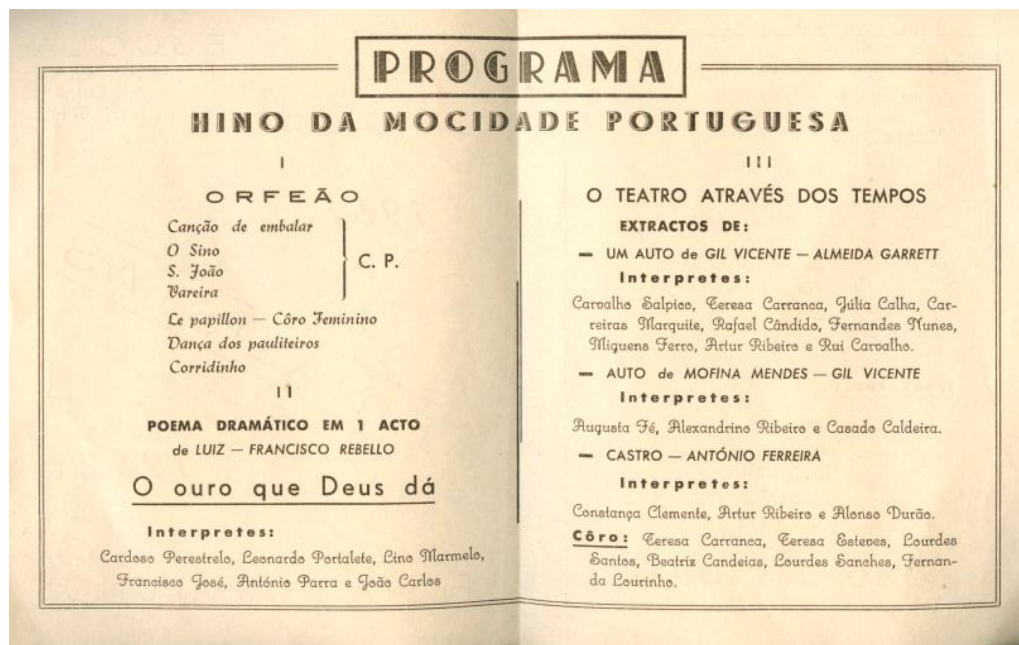
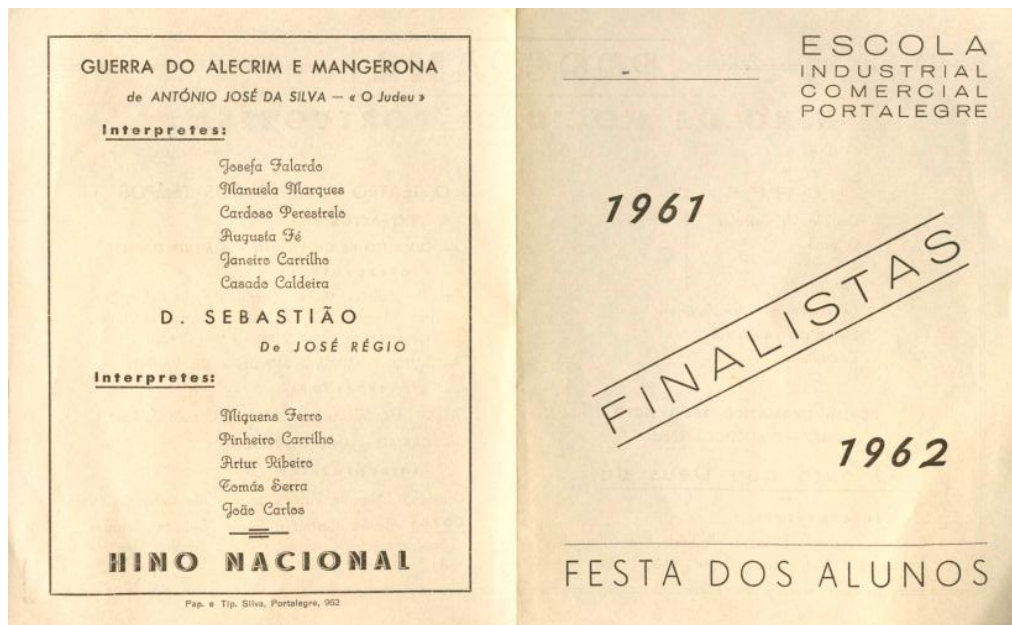


Ilustração 5: No início dos anos sessenta a Escola continuava vinculada aos princípios do Estado-Nação.





Ilustração 6: Ano 81 – Nº 4. 905. Sábado 30 de Janeiro de 1965. O Distrito de Portalegre.

Artigo referente ao papel do Graal no desenvolvimento do Centro Social de São Bartolomeu



(Continuação do artigo da página anterior).

## O CENTRO SOCIAL DE S. BARTOLOMEU

(Continuação da primeira página)

nerem possível corporizar o Centro. Na verdade, o Sr. Presidente da Câmara deu uma casa desmontável onde dentro em pouco funcionará o Centro e as Conferências vicentinas e permitiram a edificação da casa nos seus terrenos. Graças a todas estas boas vontades o Centro terá dentro em pouco uma bela casa no Bairro de S. Bartolomeu.

Porque a cidade quase desconhece esta obra nos propusemos falar com os responsáveis do Centro para que nos elucidassem sobre o seu andamento e seus fins.

É necessário acentuar que esta obra é dos habitantes da zona de S. Bartolomeu, Lixosa, Estrada da Penha... e que eles a consideram como sua. Para ela trabalhem com amor e interesse.

Isto nos foi dito pelos elementos com quem falámos. O primeiro que encontramos foi o Sr. Sabinao da Conceição Barata, de 49 anos, viúvo e operário fabril o qual manifestou a sua satisfação pela obra. Segundo nos disse, contribui para tirar da ignorância muita gente: crianças e adultos porque no Centro dá-se instrução, de dia, às crianças, à noite aos adultos. Nestes cursos tomam parte cerca de 22 crianças e 20 adultos. Além des-

ta instrução, pelo que nos disse o Sr. Sabinao, um dos grandes benefícios do Centro é poderem os pais entregarem-se aos afazeres do dia enquanto os filhos ficam no Centro aos cuidados de uma vigilante.

Falámos, depois, com o Sr. Francisco Joaquim Cordas, casado, operário fabril, residente na Fonte dos Fornos que também enalteceu o benefício do Centro onde disse, reina um ambiente familiar que traz um enorme benefício à educação e formação das crianças. Igualmente ouvimos os outros elementos da Comissão responsável pelo Centro: Sr. Mário da Conceição Escaramela Bagatelas e o Sr. Miguel Camoesas Moreira, motorista dos C. T. T. Foi este, como melhor responsável que nos forneceu os últimos dados. Em primeiro lugar, falou da necessidade de arranjar mais sócios, benfeitores que ajudem o Centro com a sua cota pois ele precisa de um fundo para satisfazer as despesas. Além de se servir uma refeição diária, às crianças o que exige um fundo monetário, o Centro precisa de muitas coisas mais.

As crianças que frequentam o Centro depois das aulas da Escola Primária pagam 1\$50 cada uma por semana, as que o frequentam todo o dia deverão pagar 3\$50 (3\$00 para o fundo da refeição, \$50 para a mulher de limpeza), os adultos que frequentam o curso nocturno pagam 10\$00, mensalmente.

Além desta acção o Centro tem uma acção de formação e promoção para os adultos. Segundo nos disse o Sr.<sup>a</sup> Florinda Rosa Trigueiros, especialmente as mães beneficiam com o Centro, não só porque os filhos encontram um melhor meio para a educação, como eles nas reuniões, próprios para as mães de família, encontram muitos benefícios para a sua vida.

Depois destas linhas ninguém desconhecera certamente, esta obra que brevemente inaugurará a Casa do Centro, como uma realidade na nossa cidade. Ela espera a compreensão e o carinho de todos.

O Centro Social de S. Bartolomeu é, assim, um exemplo claro de quanto vale a união de boas vontades e bom espírito de todos os que ali trabalham.

Catequese, pelos menos de tempos a tempos. Dentro deste pensamento, algumas catequistas lembraram que poderíamos ter uma recolha mensal para este efeito.

É por esse motivo que a reunião da próxima segunda-feira, às 17.30 horas, no Salão de S. Lourenço, será uma recolha em que seria de toda a conveniência todas as catequistas participarem. Será um encontro, uma convivência, para nos sentirmos «igreja» e poderemos compartilhar as nossas experiências no apostolado da Catequese.

## A VIII SEMANA DE

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

sempre com igual maestria foram as seguintes:

1.<sup>a</sup> — Princípios gerais da Constituição;

2.<sup>a</sup> — Noção e natureza da Liturgia;

3.<sup>a</sup> — A economia da salvação e a palavra de Deus na Liturgia;

4.<sup>a</sup> — A participação activa dos fiéis na Liturgia;

5.<sup>a</sup> — Princípios e normas a seguir para uma sensata e equilibrada renovação litúrgica.

Através duma fluente e agradável exposição o sr. P.<sup>a</sup> Roguet conseguiu iluminar-nos e fazer-nos apreciar e estimar todo o enorme trabalho realizado no Concílio, de alcançar bem mais profundo do que a primeira vista pode parecer. Depois desta semana ficaram conscientes da grande graça que é o Concílio para a Igreja e para o mundo e mais responsáveis e empenhados na vinda de uma reforma litúrgica que impõe, em que, graças ao sr. Prelado e a esta Semana Litúrgica, fomos pioneiros em Portugal.

De todas as semanas Litúrgicas de Pastoral, a que fomos habituados, esta foi a melhor de todos, a melhor do sr. P.<sup>a</sup> Roguet, dominicano francês que é o director do Centro de Pastoral Litúrgica em França e membro do Conselho Executivo da Constituição ciliar sobre a Liturgia, fora antes um dos Conselheiros da mesma Comissão Conciliar, foi sem dúvida a grandiosidade de mestre.

O interesse e o prazer que foi ouvido cresce de sessão para sessão e as reacções foram grandes para os participantes.

Os trabalhos desta parte da Semana terão com a celebração da

## flama

O último número da FLAMA inclui uma reportagem de cinco páginas sobre Churchill. O que foi a sua vida desde os primeiros momentos até à actualidade e o seu papel na história contemporânea, são os principais pontos nela ficados.

«Mara Filhó: «Passa-Palavra» faz vedeta» é também uma reportagem de flagrante actualidade sobre a mulher que até ao momento bateu o record do concurso levado a efeito pela TV. Haverá nesta permanência algo de anormal? Será possível explicar o facto por meios naturais? Eis o que se procura explicar na reportagem ao leitor.

Vasco Fernandes: o único mímico português; Miguel Arcanjo e Vital: surpresa e decepção; Inquérito ao Teatro em Portugal; Condessa de Quintanilla: «a mais elegante» foi espiã em Portugal; Ronda dos «Ateliers»; Waldemar da Costa; Universidade Católica: a sua missão e José da Silva: bilionário pela mão da filha, são ainda outras tantas reportagens incluídas na FLAMA desta semana que, além de todas as suas habituais secções e rubricas, insere ainda o concurso «É quem É» que proporciona aos leitores valiosos prémios.





Ilustração 7: Ano 81- Nº 4.889. 10 de Outubro de 1964. O Distrito de Portalegre

Referência à forma caloroso com que o novo pároco foi recebido na Vila de Alegrete.





Ilustração 8: Ano 82- Nº 4936. 11 de Setembro – 1965. O Distrito de Portalegre.

Campo de trabalho inserido nas actividades do Projecto Promoção Humana e Evangelização.



**Projecto**  
**de evangelização e**  
**promoção humana**

**- experiência - piloto**  
**nas freguesias de**  
**Alegrete e Urura**

No passado dia 26 de Junho, realizou-se na sala da Biblioteca do Seminário uma reunião de informação sobre a experiência piloto que o Graal está a realizar no campo da evangelização e promoção humana do Alentejo. Esta reunião que foi presidida pelo Venerando Prelado da diocese, teve a participação de entidades civis distritais e concelhias, de técnicos responsáveis dos vários serviços bem como sacerdotes e leigos encarregados de diferentes Movimentos e Obras de apostolado.

A responsável do Movimento do

(Continua na 6.ª página)

TINS  
RE  
(AVENÇA)  
ulo VI,  
a parte  
do o tra-  
primeiro  
do seu  
ão inte-  
irmãos,  
conhe-

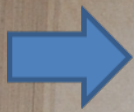
Centro de Formação Cristã  
PORTALEGRE

**Ilustração 9:** Ano -82- Nº 4944. 6 de Novembro de 1965.

**Apresentação do Projecto e dos seus objectivos à comunidade local.**



(Continuação do artigo da página anterior).



## Projecto de valorização e promoção humana

(Continuado da 1.ª página)

Graal da diocese apresentou os objectivos a atingir com o projecto, fundamentando-os na necessidade que a Igreja tem de enfrentar o problema da a-religiosidade crescente dos meios rurais alentejanos e sua não cristianização profunda e bem assim na convicção de que a promoção humana das comunidades rurais alentejanas é igualmente um dever de justiça e caridade que não pode passar despercebido aos cristãos.

O projecto inspira-se nas técnicas do desenvolvimento comunitário hoje muito seguidas em outros países para a aceleração do ritmo de desenvolvimento de regiões e povos económicos e culturalmente menos favorecidos.

A experiência em curso nas freguesias de Alegrete e Urra não é ainda suficiente para autorizar conclusões definitivas; contudo, os primeiros 6 meses de actuação naquelas duas freguesias revelam já que os objectivos se mostram viáveis e que são válidos os métodos seguidos. Assim o prova o primeiro relatório semestral de avaliação distribuído.

Para o prosseguimento do trabalho já efectuado e extensão do projecto a outras freguesias, o Graal procura neste momento fazer face a dois problemas de base:

— Aumento do número de participantes no projecto, para o que foi recentemente lançado um folheto (convite para um ano de serviço voluntário) a reparar com qualquer tipo de qualificação que

as habilite a colaborar no projecto.

— Financiamento que permita cobrir os encargos inerentes à manutenção das participantes no projecto, transportes e material perecível bem como uma verba inicial única para aquisição de equipamento em meios audio-visuais.

Uma vez que o Graal não possui quaisquer recursos financeiros próprios, o financiamento do projecto deve ser obtido por participação de entidades civis e instituições com interesse na promoção humana e cristã das comunidades rurais abrangidas e participações particulares (proprietários da região ou outros) a quem

(Conclui na 5.ª página)

## SOLIDARIEDADE SACERDOTAL CONVOCATÓRIA

Em virtude dos poderes que nos foram concedidos por Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo e em cumprimento do Artigo 18 do projecto dos Estatutos da «Solidariedade Sacerdotal», para os fins designados nos Artigos 18, 19 e 20 dos mesmos, vimos, por este meio, convocar todos os associados para a primeira Assembleia Geral a realizar no Semi-

As pegadas que os portugueses deixaram na sua passagem por Japão não se apagarão com o tempo. Embora por vezes cidas, a justiça da História reviver na consciência na sua devida altura.

E parece-nos que nesse grande país não se reconhecer os direitos lógicos à simpatia e gratidão dos japoneses. Tanto mais a antiga presença e traduz apenas pela boa vontade que lhes dando-lhes o conhecimento europeu aquisições no campo naquele tempo.

Muitas foram as freguesias que se distinguiram na tentativa de abrir aos portugueses a cultura da Europa, recriando não só a excelência católica que divulgava a doutrina de proselitismo diáriamente, as formas de acção atingidas pelo trabalho realizado tendo sido a suficiente para a mentalidade geral, recriando em o consócio fermento dum novo espírito aos estímulos de outro diferente do estreito que amarrava a população a mais representativos étnicos nem sem ao necessário desenvolvimento intelectual e material.

É possível que se do nesta época a povo japonês ao que hoje o caracroubar os encantos das suas ricas tradições em perpetua sacudidas por fo-



Grandes Portalegre  
da Canção

— 1971

P. vai promover o con-  
onal denominado «VIII  
rmissão da Canção —  
r-se à em 19 de Feve-  
71.

ivo principal deste con-  
de estimular a produ-  
al de canções e incen-  
parecimento de novos  
es e autores.

ncorrer, sob pseudó-  
s os compositores e  
lugueses do Continen-  
ltrammar, que deverão  
Secretaria de Progra-  
P., Alameda das Li-  
res, 95-1 º, Esq., em  
às 18.30 horas do dia  
bro de 1970.

## Relatório do GRAAL

Recebemos do Movimento Ge-  
ral um Relatório em que se des-  
creve a sua acção na zona de  
Portalegre.

A equipa do Projecto de Pro-  
moção Humana e Evangelização  
foi este ano composta por seis  
profissionais, oito estagiárias e  
duas voluntárias a tempo inteiro.

A acção desenvolvida abran-  
geu um total de doze localidades,  
situadas nos conselhos de Porta-  
legre, Marvão e Elvas.

### PROMOÇÃO HUMANA

Os principais programas reali-  
zados foram:

- Orientação dos jardins de  
infância de Alegrete, S. Bartolo-  
meu e Vila Nova;
- Ocupação de tempos livres  
de crianças de idade escolar em  
Fortios, Vargem, Caia, Urra, S.  
Salvador e Porto da Espada;
- Trabalho com grupos de  
pais, sobre temas relacionados  
com a educação dos filhos, em  
todos os locais onde se realizaram  
atividades infantis;
- Animação de grupos de ra-  
parigas e mulheres em Vila Nova,  
Caia, Urra, Fortios e S. Salvador;
- Animação de grupos de jo-  
vens em Portalegre, Vila Nova,  
Fortios, Carreiras, Porto da Espa-  
da, Urra e Campo Maior;
- Animação de grupos de  
post-alfabetização e instrução pri-  
mária de adultos, em Portalegre,  
Fortios, Vargem, Urra, Vale de  
Cavalos e Porto da Espada;
- Apoio às cooperativas de  
artesanato de Fortios e Caia;
- Prgramas de carácter re-  
creativo e cultural para o conjun-  
to das populações em todos os  
locais mencionados;
- Apoio à criação de um Cen-  
tro social em Vila Nova, e à cons-  
trução de um novo Centro social  
em S. Bartolomeu.

### EVANGELIZAÇÃO

O trabalho de evangelização  
realizou-se em colaboração com  
e equipa de pastoral da diocese  
a incluiu:

- Catequese infantil em Vila  
Nova, Alegrete, Fortios, Vargem,  
e Porto da Espada;
- Reuniões para pais, nos  
mesmos locais, em vista à sua  
preparação, para a primeira co-  
munhão dos filhos;
- Programas de formação pa-  
ra jovens em Portalegre, Nisa,  
Tolosa e Arronches;
- Encontros de formação cris-  
tã para adultos em Carreiras, Ri-  
beira de Nisa, Vargem, S. Salva-  
dor, Porto da Espada e Alegrete;
- Encontros para toda a popu-  
lação, como preparação do Natal  
e da Páscoa, em Alegrete, Car-  
reiras, Vargem e Campo Maior;
- Realização de um programa  
de pastoral litúrgica durante o  
tríduo pascal, em Alegrete.

### OUTRAS ACTIVIDADES NA CIDADE

Dois encontros para profes-  
sas primárias, encontro para es-  
tudentes, colóquio sobre o tema  
«Felizes os pobres», para adultos  
da cidade e colaboração na  
equipa de liturgia na paróquia de  
S. Lourenço.

### ENQUADRAMENTO DA ACÇÃO

A acção realizada foi acompa-  
nhada por um trabalho de infor-  
mação, reflexão e avaliação, quer  
ao nível da equipa responsável,  
quer com os outros colaborado-  
res no projecto.

### NOVAS PERSPECTIVAS

Encara-se para o novo ano  
uma reestruturação do Projecto  
de Promoção Humana e Evange-  
lização, tendo em conta;

- O recrutamento e formação  
de animadores locais que assu-  
mem o papel até agora realizado  
pelas agentes de formação fami-  
liar rural;
- A constituição de equipas  
polivalentes de carácter móvel,  
que venham a actuar de forma  
intensiva nos locais considerados  
estratégicos;
- Um maior enquadramento  
de voluntários na dinâmica glo-  
bal do projecto.

#### Ilustração 10:

Ano 89-Nº 5.201. 21  
de Novembro de 1970.  
O Distrito de  
Portalegre.

## ESTANTE

recebidas

ma verdadeira renovação pasto-  
ral têm neste número de *Igreja e  
Missão* um valiosíssimo subsídio.

## FLAMA

Feira da Golegã  
todos os anos diferente

Muito se tem escrito sobre a  
Feira da Golegã, a tradicional Fei-  
ra de S. Martinho, onde os ho-  
mens da lezíria, os grandes se-  
nhores com casa na cidade, os  
campesinos, os ciganos, a gente da  
enxada, os criadores de gado, os  
vendedores de loiça acarrem  
atraídos pela promessa das cas-  
tanhas e da água-pé, dos bons  
negócios e das montadas esguias  
e nervosas.

Muito se tem escrito, é certo,  
mas a «Flama» — sem dúvida a  
melhor revista portuguesa — en-  
controu um novo ângulo para a  
representar aos seus leitores no  
número agora posto à venda.

Ao longo das 88 páginas pode-  
mos ainda ver na «Flama» assun-  
tos do maior interesse, como se-  
ria: sensacional entrevista com os  
rebeldes do Quebec, os grandes  
problemas dos Aviãos gigantes;  
a morte do General De Gaulle, e  
tantos outros.

### «Revista Folclore»

Está à venda em todo o País,  
mais um número desta interes-  
sante revista.

Do vasto sumário salientamos:  
Separemos o trigo do joio; Ran-  
cho da Quinta da Alorna: 7.º  
Aniversário; Por causa dum alho  
não se estraga a açorda; Folclore  
não pode ser competição; Êxitos  
dos Ranchos de Riachos, Morei-  
ra da Maia e Académico e Dan-  
ças Regionais (Santarém) no es-  
trangeiro; Lado a lado com os  
homens da RTP; Etnografia Ma-  
leirense; O simbolismo da cor na  
poesia popular; A Etnografia pe-  
nante o folclore turístico; Etnogra-



**Exemplo de uma acção do Projecto segundo o testemunho de um dos participantes.**



(Continuação do artigo da Página anterior).

ediu em  
melhor  
E' caso-  
Não,  
F

de Abreu

## CAMPO DE TRABALHO DO GRAAL

(Continuado da 3.ª página)

perdemos imenso tempo com coisas que julgamos indispensáveis e que afinal de contas não são mais do que simples acessórios.

Por outro lado descobri valores em que raras vezes tinha pensado. Senti-me feliz por ter entrado em contacto com a população destas aldeias, aprendi coisas extraordinárias, prenei sobretudo a sair de mim mesmo e a estar aberta aos problemas das outras. Foi quase a descoberta de uma nação nova e a consciencialização de que ocupo um lugar bem definido na Igreja, de que sou realmente uma pedra viva deste grande edifício e que jamais poderei abandonar o meu lugar.

Antes não via nada que fazer, tudo me parecia inútil agora vejo um caminho muito longo a percorrer, uma missão muito grande a cumprir.

Senti duma maneira muito visível a Graça de Deus. Achei maravilhoso ter a certeza de que estava ali em nome d'Ele a realizar algo de muito grande e que era a resposta a um apelo que me tinha sido dirigido directamente a mim. A responsabilidade da aceitação que de princípio me pareceu um fardo muito pesado, é hoje uma alegria vivida e uma certeza de que não foi em vão que pronunciei um sim.

Já não digo que roubei três semanas às minhas férias mas, que descobri em três semanas uma faceta maravilhosa da vida, que representa uma conquista daquilo que todos procuramos: A verdadeira felicidade.

Quantos factos positivos num tão curto espaço de tempo. Quase inacreditável!

Jamais esquecerei o povo de S. Julião, estes dias passados lá e todas as que participaram comigo neste Campo de Trabalho.

Agora todos os membros da equipa se separaram já mas este encontro não constituiu um facto isolado, antes uma sequência de factos que vão ter um valor imenso na vida de cada uma. Criaram-se amizades profundas, fruto duma experiência vivida em conjunto. Entre nós existe agora uma união muito forte que se vai enraizando com o tempo.

Este testemunho pessoal posso generalizá-lo a todos os membros da equipa, porque para todos sem excepção, esta experiência foi uma grande descoberta que irá ter uma projecção grande na vida de cada uma.

Não associei à despedida a ideia de separação porque tenho a certeza de que vamos continuar a seguir o mesmo caminho e numa mesma direcção.

Este é um testemunho real e autenticamente vivido e só desejaria com ele fazer nascer em cada um o desejo grande de ter uma experiência deste género.

Maria Leonarda Tavares

### Números Estatísticos

(Cont. da 3.ª página)

Em 1964, o movimento de passageiros, por via marítima, com as províncias ultramarinas foi o seguinte: 37.202 saídas e 25.980 entradas. Dos primeiros, 23.652 destinaram-se a Angola e 10.788 a Moçambique. Dos segundos, 15.366 eram provenientes de Angola e 6.204 de Moçambique.

Os emigrantes foram 55.646, dos quais só 8.86 por cento se destinaram ao Brasil, enquanto a sua proporção foi de 53.66 para França; 8.5 para o Canadá; 6.95 para a República Federal da Alemanha; 6.8 para a Venezuela e 2.18 para os Estados Unidos da América do Norte. Os emigrantes eram constituídos por 10.700 menores de 15 anos. A maioria pertencia ao grupo de idades de 15 aos 19 anos.

Os emigrantes retornados foram em número de 1760 dos quais 1165 provenientes do Brasil, 357 da Venezuela e 119 das Antilhas Holandesas.

discurso  
s honra:  
a maior  
do pela  
i ser pi-  
presen-  
dade, os  
s permiti-  
os fácil  
or inte-  
tas  
os do  
irá na  
desta  
pelos  
io So-  
do.  
técni-  
à aos  
inistro  
stran-  
cada  
ante  
os só-  
facto,  
Gene-  
igual  
bair-  
mo-  
rinci-  
ão de  
apa-  
lo os  
dade,  
quase



am-se :  
António  
nardo.  
as (da-  
s joga-  
reali-  
bem  
iliares  
m Fé-

## GRAAL = 1971

O Graal, ponto de encontro de pessoas diferentes, em idade, formação e situação de vida, organiza durante o Verão-1971 diversas actividades em que podem participar raparigas dos 17 aos 28 anos.

Estão organizados :

- Campo de Trabalho* em Tarquínia (norte de Roma) de 8 a 22 de Agosto (diária 60\$00);
- Encontros Internacionais* de 2 a 12 de Agosto e 12 a 22 do mesmo mês, em Sassoeiros, Carcavelos (estadia 600\$00);
- Estágios de Acção Social* região de Coimbra, de 2 a 26 de Agosto.

As raparigas interessadas podem informar-se no Centro do Graal — Al. Santo António dos Capuchos, 4 5.º — Lisboa.

aula  
reno,  
conci  
colab  
For  
mães  
outra  
Do  
lemb  
prof.  
de re  
e Pre  
Conf  
ao A  
Cons  
A  
devi  
esfor  
Te  
Salã  
Mas  
do  
a ac  
Es  
dual  
O  
a un  
Cost  
Pa

gado-  
ceram  
ísticos  
es re-  
na 5)  
undo  
dia

Ilustração 12: Ano 90 – Nº 5230. 12 de Junho de 1971. O Distrito de Portalegre.

A dimensão internacional do Projecto.





Ilustração 13: Ano 82. Nº 4944. 6 de Novembro de 1965. O Distrito de Portalegre.

Atitude dialogante da Igreja com o mundo. Evangelização como Promoção Humana



(Continuação)

## EVANGELIZAÇÃO E PROMOÇÃO HUMANA

(Continuação da primeira página)

Nova aos outros, anunciar-lhe um facto: Cristo ressuscitado, Senhor da nossa salvação. Evangelizar é comunicar uma realidade nova: a Salvação que nos é oferecida por Cristo, o Salvador enviado por Deus. Concebida assim, a acção de evangelizar há-de, necessariamente, inserir-se numa relação dialógica, apoiar-se em relações autênticas com os outros homens, assentar em respeito e aceitação mútuos e em corajosa partilha e comunhão de bens.

A Evangelização será, pois, uma tarefa que terá de ir ao encontro das pessoas, nas situações de vida em que se encontrem, fazendo apelo àquilo que de bom e de válido existe nessas vidas. E aqui tocamos a cherneira que liga a missão evangelizadora à promoção humana.

Quando se trata de evangelizar comunidades cujos membros, individual ou colectivamente, estão ainda privados de uma satisfação razoável das suas necessidades básicas, há que oferecer-lhes, paralelamente, uma ajuda concreta que os habilite a encontrar caminhos de solução para os seus desejos e problemas. É esta uma tarefa dos cristãos, sobretudo dos leigos, homens como os outros homens, solidários das suas ansiedades e satisfações. É esta uma exigência da Caridade viva e actual que hoje, como nos dias da Igreja nascente, será sempre o sinal palpável da Fé verdadeira.

O Projecto de Evangelização e Promoção humana que o Graal iniciou, há cerca de dois anos, em algumas freguesias da cintura de Portalegre insere-se nesta corrente, nova na Igreja, de valorização do humano do reconhecimento da solidariedade fraterna entre os homens e consequente dever de cooperação e partilha de bens; parte da convicção profunda de que o Evangelho que se anuncia tem de concretizar-se em vida e nela incarnar.

Mais do que as realizações concretas, já visíveis, tem valor a corrente criada ao longo destes dois anos: em primeiro lugar, entre as próprias comunidades que, pouco a pouco, fazem a experiência de uma relação lateral e fraterna, do interesse desinteressado, da entre-ajuda; e, depois, entre aqueles que, a vários níveis, têm dado a sua colaboração.

Vai o «Projecto» entrar em nova fase — intensificação da acção em curso nas freguesias já contactadas e alargamento a outras zonas. Haverá, no ano lectivo que agora entra, reforço do número das pessoas livres para este Projecto: 7 estagiárias finalistas de Serviço Social, de Lisboa e Coimbra, para tarefas de relacionamento e contacto com as populações, apoio em algumas acções em curso, actividades educativas com crianças e jovens; 4 agentes de educação rural espe-

lhados por Alegrete, Coia, Fortios, São Julião e Porto da Espada têm já em preparativos cursos de formação familiar para mulheres e raparigos; uma educadora infantil está a organizar a parte de jardim-escola do Centro de São Bartolomeu e é seu desejo dar a sua colaboração por algum tempo a outros jardins-escolas que venham a criar-se.

Pessoas da Cidade, no mesmo espírito de disponibilidade, estão igualmente a dar a sua colaboração. É assim que, se não fosse a generosidade de um industrial, não teria sido possível comprar os primeiros teares que hão-de ser o germen de um centro de trabalho artesanal numa zona em que mulheres e raparigos hoje, para encontrarem trabalho, se deslocam em ranchos até ao Ribatejo e passam inactivos boa parte do ano; foi graças à boa vontade de alguns professores que, no ano passado, se conseguiu manter cursos para adultos em várias freguesias e numa delas um curso de ciclo preparatório do ensino técnico; e a senhora de Portalegre se deve a orientação técnica gratuita de um projecto de incremento do artesanato de rendas em uma freguesia, etc., etc., os exemplos poderiam acrescentar-se.

Também as entidades oficiais têm compreendido o «Projecto» e prestado a sua ajuda na medida das suas possibilidades.

Há que prosseguir no esforço iniciado com a colaboração de todos, em estreita conjugação de esforços, numa diversidade de acções necessárias. Esse será o nosso testemunho de cristãos e de homens responsáveis do nosso tempo.

M. S.

### Caixa de Previdência do Distrito de Portalegre

Rua de Olivença, 33  
PORTALEGRE

## AVISO

Dando cumprimento ao disposto na Base XLI do Despacho ministerial de 18/2/959, dá-se conhecimento de que está aberta nesta Caixa, pelo prazo de 20 dias a contar desta data, concorrência para provimento de vagas de

### ASPIRANTES

Faz-se saber que a estas vagas só podem concorrer os candidatos que oportunamente se inscreveram na Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas — Lisboa.

Portalegre, 4 de Novembro de 1965.

A Comissão Organizadora

### FESTA DE CRISTO-REI

(Cont. da 1.ª página)

**Liga Católica** — Pres.: Eng.º Francisco Ramos de Moura; Secr.: Arménio Sequeira; Tes.: Vasco Aguiar Almeida Esteves; Assist.: P.º António Marcelino.

**Liga Cat. Fem.** — Pres.: Margarida Leite do Rio; Secr.: Maria do Céu Corralho da Graça; Tes.: Manuela Lisboa Mendes; Assist.: P.º António Marcelino.

**Juventude Católica** — Pres.: dr. António Mallés; Secr.: Vitor Fidalgo Covelheiro; Tes.: Manuel António; Assist.: P.º Alfredo Magalhães.

**Juventude Cat. Fem.** — Pres.: dr.º Ilda Pina Guerra; Secr.: Ana Curto Fidalgo; Tes.: Maria Joana Pereira Pinto; Assist.: P.º Alfredo Magalhães.

### Organismos

**L. A. C.** — Pres.: dr. Manuel Próspero dos Santos; Secr.: Hermínio Fortes Monteiro; Tes.: Carlos Fábio Vinlém; Assist.: P.º José Lourenço Pinheiro.

**L. E. C.** — Pres.: José Urbano Mendonça; Secr.: José António Pereira Monteiro; Tes.: António dos Santos Folgado Frede; Assist.: cônego Anacleto Silva Martins.

**L. O. C.** — Pres.: José Lourenço Grossinho Martins; Secr.: Raúl Marques Damião; Tes.: Joaquim Hilário Teste; Assist.: P.º Manuel Narciso Alves.

**L. A. C. F.** — Pres.: Gertrudes Celeste Palmeiro Novo; Secr.: António Maria Pires de Lima da Fonseca; Tes.: Maria Eugénia de Matos Dias; Assist.: P.º José Lourenço Pinheiro.

**L. E. C. F.** — Pres.: Maria Adélia Baptista Andrade; Secr.: Capitulina Ribeiro Dias; Tes.: Irene de Jesus Oliveira Rodrigues; Assist.: cônego Anacleto Silva Martins.

**L. I. C. F.** — Pres.: Maria Madalena de Forjaz Sampaio Santos; Secr.: Maria Helena da Silva Barcharel; Tes.: Maria Raquel Miranda de Azevedo Coutinho; Assist.: cônego João da Assunção Jorge.

**L. O. C. F.** — Pres.: Maria de Lourdes Oleiro Soeiro; Secr.: Ermelinda do Carmo; Tes.: Maria Augusta Tavares; Assist.: P.º Manuel Narciso Alves.

**J. A. C.** — Pres.: João Maria Pedro; Secr.: Agostinho Maria Medeiros; Tes.: João de Jesus Daniel; Assist.: P.º Henrique Pires Marques.

**J. E. C.** — Pres.: José Alfredo Rodrigues Umbelino; Secr.: Fernando Manuel Figueiredo; Tes.: António José Ferreira Marques Leitão; Assist.: P.º Augusto Dias Lopes.

**J. O. C.** — Pres.: Manuel Leitão Diogo; Secr.: António Júlio Pires; Tes.: José Domingos Soares; Assist.: P.º José do Céu Farinha.

**J. A. C. F.** — Pres.: Maria Matilde Pinheiro; Secr.: Maria Amália Antunes Roque; Tes.: Maria da Rosa Tavares; Assist.: P.º Henrique Pires Marques.

**J. E. C. F.** — Pres.: Beatriz Doroteia Parente Pacheco; Secr.: Maria do Rosário Figueiredo; Tes.: Maria da Conceição Dias Garcão Nunes; Assist.: P.º Augusto Dias Lopes.

**J. O. C. F.** — Pres.: Maria de Jesus Oleiro Soeiro; Secr.: Florinda Maria Alpalhão; Tes.: Maria Gonçalves Pina; Assist.: cônego Joaquim José de Freitas.

mero do b  
Arquivo e  
localidade  
prestar as  
guinês: Li  
Funchal, A  
Horta e Pon  
Nas filiais  
tam-se os  
dos para a

CII

Classifica  
e exibir n

HOJE

O T

DOMING

O Ha

TERÇA-

O Ro

QUINTA

O famo

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d

d





**Ilustração 14:** Evangelização e Promoção Humana: festa alusiva aos Santos Populares no Bairro de São Cristóvão.